

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

FRANCILENE LEITE CAVALCANTE

**AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS MEMES:
A CARNAVALIZAÇÃO COMO ATO DE RESISTÊNCIA À
HEGEMONIA DE PODER NA POLÍTICA BRASILEIRA**

Recife
2023

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

FRANCILENE LEITE CAVALCANTE

**AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS MEMES:
A CARNAVALIZAÇÃO COMO ATO DE RESISTÊNCIA À
HEGEMONIA DE PODER NA POLÍTICA BRASILEIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado

Linha de Pesquisa: Processos de organização linguística e identidade social

Recife
2023

C377r Cavalcante, Francilene Leite.
As relações dialógicas nos memes : a carnavalização como
ato de resistência à hegemonia de poder na política brasileira /
Francilene Leite Cavalcante, 2023.
150 f. : il.

Orientadora: Roberta Varginha Ramos Caiado.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da
Linguagem. Doutorado em Ciências da Linguagem, Recife 2023

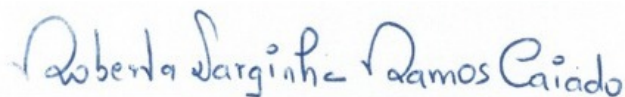
1. Análise do discurso. 2. Linguística. 3. Identidade social.
4. Memes. I. Título.

CDU 801

Pollyanna Alves CRB/4-1002

FOLHA DE APROVAÇÃO

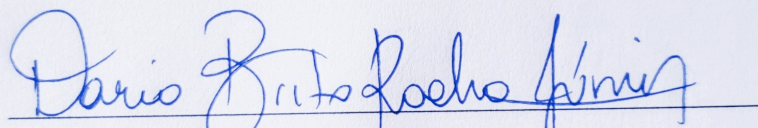
Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Francilene Leite Cavalcante, realizada em 23/01/2023:



Prof.^a Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado
UNICAP



Prof.^a Dra. Elaine Daroz
UNICAP



Prof. Dr. Dario Brito Rocha Júnior
UNICAP



Prof.^a Dra. Angela Paiva Dionisio
UFPE



Prof. Dr. Valfrido da Silva Nunes
IFPE

A QUEM CONSAGRO ESSE DIZER

In memoriam ao meu pai do coração Tedes (11/02/1935 - 15/11/2021), que partiu há um ano para outro plano espiritual. A ele, que disse que esperaria eu voltar para passarmos mais tempo juntos. Uma pena ele não ter participado desse momento que tanto o orgulharia.

UMA PALAVRA DE GRATIDÃO

A Deus, pelo dom da vida e por me permitir realizar mais um sonho em minha caminhada. A Ele, que me inspira e me dá forças para prosseguir aprendendo com o passado, vivendo a sua dádiva que é o presente e, esperando em fé, o futuro por dias melhores.

À minha querida orientadora, Roberta Caiado, minha gratidão pelos longos anos de convivência (Mestrado e Doutorado); pela profissional de alta envergadura, de credibilidade e de competência que és; pelas aprendizagens mutuamente absorvidas; pelos conhecimentos tão profícuos adquiridos em sala de aula e fora dela; pela compreensão dispensada; pelo ombro amigo acolhedor; pelas palavras de ânimo quando pensei em desistir; por acreditar que eu podia ir mais além; por ser esse ser humano incrível de sorriso e braços abertos. A você, dedico o meu reconhecimento e a minha admiração!

À Professora Ângela Dionísio, pelas contribuições semióticas tão necessárias a esta tese. Com ela aprendi a multimodalidade mais importante da vida: a de ser sensível à causa animal. Foi ela que me trouxe o presente mais lindo que eu poderia receber: Clarinha; que coloriu os meus dias cinzentos, que alegrou as minhas tristezas e encheu de amor o meu coração ferido. Obrigada, Ângela, por trazer minha filha amada para perto de mim, a minha companheira fiel de todos os dias. Gratidão!

Ao Professor Valfrido Nunes, por inúmeras reflexões durante o Exame de Qualificação desta Tese. Com certeza, esse meu dizer não seria o mesmo sem o seu olhar atento e enriquecedor. Sua grandeza e sua generosidade são incomensuráveis! Você é a prova viva de que grandes amizades existem e resistem à prova do tempo. Seguirei admirando você, meu amigo querido!

À Professora Elaine Daroz, que, gentilmente, se disponibilizou para ler essa minha palavra. Não esquecerei da amabilidade e da sensibilidade dispensadas ao meu dizer nesta Tese. Sua análise cuidadosa trouxe excelentes contribuições ao que aqui enuncio. Poucas pessoas possuem a nobreza, a ternura e a gentileza que habitam em você.

Ao Professor Dario Brito, pela pronta disposição em participar da Banca de Qualificação e pelo tempo empenhado para a leitura desse meu dizer. Seu olhar de raio-x me fez atentar para coisas que passariam por mim despercebidas. Muito obrigada pelas inserções tão pertinentes e imprescindíveis.

À Profa. Dóris Cunha, pelos diálogos bakhtinianos indispensáveis, os quais despertaram o meu encanto pela teoria do chamado Círculo e aprofundaram um conhecimento incipiente sobre a perspectiva dialógica. À você minha gratidão e minha admiração!

À irmã-amiga Francielly que, apesar da distância, se faz presente em minha vida constantemente. Obrigada pelo amor incondicional, pelo cuidado dispensado e pelas palavras certas nas horas incertas. Você é o meu coração que bate fora de mim. Te amo, minha irmã!

À família, que sentiu, mas compreendeu as minhas ausências em vários encontros familiares. Vocês são mais que especiais em minha vida! São bênçãos de Deus para mim.

À amiga-irmã que o doutorado meu presenteou, Níege, que foi, em tantos momentos dessa caminhada, e continua sendo, o suporte em amor e a fonte de companheirismo. Você é sinônimo de resiliência, minha amiga!

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), que trouxeram uma contribuição ímpar na minha formação como professora e pesquisadora da área de Ciências da Linguagem.

Ao Grupo de Pesquisa Dialogismo pelas leituras, pelas discussões acaloradas e pelas interações nos cafés. Eram nesses intervalos que nossos intercâmbios atingiam o maior nível dialógico. Grata pela construção de conhecimentos e pela minha própria construção a partir do eu-para-mim, do eu-para-o-outro e do outro-para-mim.

Ao Instituto Federal de Alagoas (IFAL), instituição que muito me orgulha fazer parte; é lá que desempenho minhas funções de professora e pesquisadora. Grata pelo afastamento concedido durante o período cursado no Doutorado e pelo incentivo à qualificação dos seus professores. Sem esse incentivo, eu não conseguiria ter chegado até aqui.

À CAPES, pela bolsa concedida durante parte desse ciclo que ora completo.

RESUMO

Esta tese decorre de um estudo que observou as práticas discursivas na rede social digital *Facebook*, através dos memes de internet de teor político, no período compreendido entre 2019 e 2020. A referida pesquisa partiu da suposição de que o gênero selecionado se caracteriza por uma (des)ordem da “lógica natural” dos objetos e pela representação “ao avesso” de fatos da “vida oficial”. Foi questão de interesse desse estudo: de que maneira as produções meméticas, ao encarnarem a estética carnavalesca em suas práticas, relacionadas a assuntos polêmicos relativos à política pós-eleição presidencial brasileira de 2018, quebram hierarquias sociais de poder? Dessa forma, a pesquisa objetivou refletir sobre como as imagens da carnavalização se encarnam nos memes e dão forma a uma estética ambivalente, através da qual os sujeitos podem viver suas liberdades e constituir atos responsáveis dentro e fora desta imensa “praça pública”, entendida aqui como redes sociais digitais. Como objetivos específicos, a pesquisa visou a: (i) contextualizar os enunciados situados a partir da dupla orientação da realidade, que considera circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas – que tanto orientam como constituem o discurso; (ii) apresentar os recursos semióticos que apontam para a dimensão verbo-visual dos enunciados como elementos que participam do todo composicional do gênero; (iii) compreender as noções que envolvem a cosmovisão carnavalesca na coroação-destronamento como um ritual ambivalente biunívoco nas produções meméticas; e, por fim, (iv) refletir sobre como essas manifestações populares, ao incorporarem ideias carnavalizadas, quebram as hierarquias sociais de poder da vida oficial. Do ponto de vista teórico, esta tese filia-se à perspectiva dos estudos dialógicos de gênero, conforme Bakhtin (2016), Volóchinov (2017) e Medviédev (2016). A fundamentação teórico-metodológica que conduz este trabalho é o Método Filosófico-discursivo (BAKHTIN, 2002, 2011; MEDVIÉDEV, 2016; VOLÓCHINOV, 2017, 2019), proposto pelo chamado Círculo de Bakhtin, que auxilia na compreensão do objeto de estudo, através de análises predominantemente qualitativas/interpretativas com as quais se propõe refletir dialogicamente a partir dos dados extraídos nas redes sociais digitais. O *corpus* analisado nesse estudo é constituído de seis memes coletados no *Facebook*, entre os anos de 2019 e 2020. Os resultados mostram que os memes de internet, de teor político, possuem em sua estética carnavalesca a propriedade que dá aval à carne, o que concede certa liberdade aos sujeitos de fazerem uso de recursos semióticos na construção verbo-visual dos memes, através de diversas formas como: paródias, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos, acompanhados da crítica e/ou do deboche. A (des)ordem da “lógica natural” dos objetos é percebida através da linguagem carnavalesca e da representação “ao avesso” de fatos da “vida oficial” nas produções meméticas, o que é determinante como um dos grandes elementos da resistência à hegemonia política brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Carnavalização; *Facebook*; Memes políticos; Ato responsável.

ABSTRACT

This thesis stems from a study which observed discursive practices in the digital social network Facebook, through political memes on the internet, between 2019 and 2020. This research was based on the assumption that the selected genre is characterized by a “natural logic” (dis)order of the objects and by the representation “by reverse” of facts regarding the “official life”. The matter of interest for this study was: how did the memetic productions, by embodying the carnivalesque aesthetics in their practices, related to controversial issues related to the post-2018 Brazilian presidential election policy, break social hierarchies' power? Hence, the research aimed to reflect on how the carnivalization images are embodied in memes and shape an ambivalent aesthetic, through which subjects can live their freedoms and constitute responsible acts inside and outside this immense “public square”, understood here as digital social networks. Our specific goals were, the research aimed to: (i) to contextualize the statements placed from the double orientation of the reality, that considers temporal, spatial and ideological circumstances – which so much guide how they constitute the discourse; (ii) to present the semiotic resources that point to the verbal-visual dimension of utterances as elements that participate in the whole compositional genre; (iii) to understand the notions which involve the carnivalesque cosmovision in the coronation-dethronement as a biunivocal ambivalent ritual in the memetic productions; and, finally, (iv) to reflect on how these popular demonstrations incorporate carnivalized ideas and break the social hierarchies of power in the official life. From the theoretical point of view, this thesis joins the perspective of dialogic genre studies according to Bakhtin (2016), Voloshinov (2017) and Medvedev (2016). The theoretical methodology-foundation that conducts this work is the Philosophical-discursive Method (BAKHTIN, 2002, 2011; MEDVIÉDEV, 2016; VOLÓCHINOV, 2017, 2019), proposed by the so-called Circle of Bakhtin, that helps understanding the object of study, through analyzes predominantly qualitative/interpretive with which it proposes to dialogically reflect from data extracted from digital social networks. The corpus to be analyzed in this study consists of six memes collected on Facebook, between 2019 and 2020. The results show that political internet memes, have, in the features, carnivalesque property in their aesthetics that endorses the flash, which grants certain freedom to those who use semiotic resources in the verbal-visual construction of memes, through various forms such as: parodies, degradations, profanations, crownings and decrownings, accompanied by criticism and/or mockery. The (dis)order of the “natural logic” of objects is perceived through the carnivalesque language and the “upside down” representation of facts regarding “the official life” in memetic productions, which is decisive as one of the great elements of resistance to Brazilian political hegemony.

KEYWORDS: Dialogism; Carnivalization; Facebook; Political memes; Responsible act.

RESUMEN

Esta tesis surge de un estudio que observó prácticas discursivas en la red social digital Facebook, a través de memes de internet de contenido político, en el período comprendido entre 2019 y 2020. Esta investigación partió del supuesto de que el género seleccionado se caracteriza por un (des)orden de la “lógica natural” de los objetos y de la representación “al revés” de los hechos de la “vida oficial”. El tema de interés para este estudio fue: ¿cómo las producciones meméticas, al incorporar la estética carnavalesca en sus prácticas, relacionadas con temas controvertidos relacionados con la política de las elecciones presidenciales brasileñas de 2018, rompen las jerarquías sociales de poder? De esta forma, la investigación tuvo como objetivo reflexionar sobre cómo las imágenes de carnavalización se encarnan en memes y dan forma a una estética ambivalente, a través de la cual los sujetos pueden vivir sus libertades y constituir actos responsables dentro y fuera de esta inmensa “plaza pública”, entendida aquí como redes sociales digitales. Como objetivos específicos, la investigación apuntó a: (i) contextualizar los enunciados situados desde la doble orientación de la realidad, que considera las circunstancias temporales, espaciales e ideológicas – que orientan y constituyen el discurso; (ii) presentar los recursos semióticos que apuntan a la dimensión verbal-visual de los enunciados como elementos que participan del conjunto compositivo del género; (iii) comprender las nociones que envuelven la cosmovisión carnavalesca en coronación-destronamiento como ritual biyectivo ambivalente en producciones meméticas; y, finalmente, (iv) reflexionar sobre cómo estas manifestaciones populares, al incorporar ideas carnavalescas, rompen las jerarquías sociales de poder en la vida oficial. Desde un punto de vista teórico, esta tesis se suma a la perspectiva de los estudios dialógicos de género, según Bajtín (2016), Volóshinov (2017) y Medvédev (2016). El fundamento teórico-metodológico que conduce este trabajo es el Método Filosófico-discursivo (BAJTÍN, 2002, 2011; MEDVÉDEV, 2016; VOLÓSHINOV, 2017, 2019), propuesto por el llamado Círculo de Bajtín, que ayuda a la comprensión del objeto de estudio, a través de análisis predominantemente cualitativo/interpretativo con el que se propone reflexionar dialógicamente a partir de los datos extraídos de las redes sociales digitales. El corpus analizado en este estudio está compuesto por seis memes juntados en Facebook, entre los años 2019 y 2020. Los resultados muestran que los memes de internet, con contenido político, tienen en su estética carnavalesca la propiedad que da respaldo a la carne, que otorga a los sujetos cierta libertad para hacer uso de los recursos semióticos en la construcción verbal-visual de los memes, a través de diversas formas como: parodias, degradaciones, profanaciones, coronaciones y destronamientos, acompañadas de críticas y/o burlas. El (des)orden de la “lógica natural” de los objetos se percibe a través del lenguaje carnavalesco y de la representación “al revés” de hechos de la “vida oficial” en producciones meméticas, lo que resulta decisivo como uno de los grandes elementos de resistencia a la hegemonía política brasileña.

PALABRAS CLAVE: Dialogismo; Carnavalización; Facebook; memes políticos; Acto responsable.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Apresentação da página Memes de direita	96
Imagem 2 - Apresentação da página Menes de esquerda.....	97
Imagem 3 - Meme 1	103
Imagem 4 - Comentários do Meme 1.....	106
Imagem 5 - Meme 2	107
Imagem 6 - Comentários do Meme 2.....	110
Imagem 7 - Meme 3	112
Imagem 8 - Comentários do Meme 3	115
Imagem 9 - Meme 4	119
Imagem 10 - Comentários do Meme 4.....	122
Imagem 11 - Meme 5	124
Imagem 12 - Comentários do Meme 5.....	127
Imagem 13 - Meme 6	129
Imagem 14 - Comentários do Meme 6.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Interseção fronteira entre charge, cartum e meme	75
Quadro 2 - Categorias de análises	98
Quadro 3 - Contextualização da fala de Damares Alves.....	101
Quadro 4 - Contextualização acerca dos cheques na conta de Michelle Bolsonaro	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Manchetes digitais essenciais: jul/2022.....	90
Gráfico 2 – Manchetes digitais essenciais: jan/2023	91
Gráfico 3 - Brasil: o público potencial.....	91
Gráfico 4 - Tempo gasto com aplicativos de mídia social	92
Gráfico 5 - Plataformas sociais usadas para acessar notícias digitais	93
Gráfico 6 - Facebook: visão geral do público de publicidade.....	94
Gráfico 7 - As plataformas sociais mais usadas do mundo.....	95
Gráfico 8 - Pesquisa do termo “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”.....	102
Gráfico 9 - Pesquisa do termo “cor não tem gênero”.....	107
Gráfico 10 - Pesquisa do termo “a nossa bandeira jamais será vermelha”	111
Gráfico 11 - Pesquisa comparativa dos termos “Flávio Bolsonaro”, “Michele Bolsonaro” e “Queiroz”	118
Gráfico 12 - Pesquisa comparativa dos termos “Flávio Bolsonaro” e “lavagem de dinheiro”	123
Gráfico 13 - Pesquisa do termo “Queiroz”.....	128

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA...	12
2. A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS DISCURSIVOS	23
2.1. Contextualizando vida e algumas obras dos intelectuais russos	23
2.1.1. Bakhtin	24
2.1.2. Volóchinov	26
2.1.3. Medviédev	27
2.1.4. Um breve percurso das tendências da língua(gem)	32
2.2. As relações dialógicas na linguagem	36
2.2.1. O sujeito dialógico	43
2.2.2. O ato responsável	45
2.3. Dimensão verbo-visual do enunciado	47
2.4. A multimodalidade discursiva e o verbo-visual: um diálogo (im)possível?	51
3. GÊNEROS DISCURSIVOS: UMA (RE)SIGNIFICAÇÃO EM CONSTANTE DIÁLOGO	58
3.1. Os gêneros a partir de enunciados situados	58
3.2. A Memética e a teoria de Dawkins	65
3.3. O gênero meme e a atualização do conceito	69
3.4. Fronteiras intergenéricas e as esferas discursivas	72
4. O CARNAVAL NA VIDA E A VIDA NO CARNAVAL	79
4.1. A cultura carnavalesca e a carnavalização na literatura	79
4.2. O vocabulário da praça pública	81
4.3. O riso carnavalizado e o riso satírico	84
5. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	86
5.1. Caracterização da pesquisa	86
5.2. Seleção da rede social <i>Facebook</i>	89

5.3.	Seleção do <i>Corpus</i>	96
5.4.	Seleção das categorias de análise	98
6.	UMA ANÁLISE DA CARNAVALIZAÇÃO NOS MEMES POLÍTICOS	99
6.1.	Uma governança de “direita”	99
6.1.1.	Tema 1: “Menino veste azul e menina veste rosa”	101
6.2.	Uma oposição de esquerda	116
6.2.1.	Tema 2: O “laranjal” e lavagem de dinheiro	116
7.	(IN)CONCLUSÕES	134
8.	REFERÊNCIAS	139

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA...

[...] é a vida que continua como que por inércia. Tudo concentrado, segundo ele, em algum ponto da consciência, e ainda dura de dois a três meses... às vezes até meio ano... Há, por exemplo, um fulano que aqui quase já se decompôs inteiramente, mas faz umas seis semanas que ainda balbucia de repente uma palavrinha, claro que sem sentido, sobre um tal bobók: “Bobók, bobók”; logo, até nele ainda persiste uma centelha invisível de vida...”

(Bobók, Dostoiévski)

Ao traçar as primeiras palavras deste ato introdutório, as cortinas se abrem com a narrativa de Dostoiévski em *Bobók*. A primeira vez que li este conto foi numa disciplina do doutorado, com a professora Dra. Dóris Arruda, que incentivou mestrandos e doutorandos a entrarem em contato com a obra dostoiévskiana para compreender o autor e, conseqüentemente, assimilar a obra de Bakhtin, *Problemas na poética de Dostoiévski*. A lembrança vívida é que foram meses em que essas obras passaram por toda a turma e o quanto foi produtiva aquela experiência. A teoria de Bakhtin foi sendo revelada na prática, com as leituras. E, conseqüentemente, a profunda admiração ao filósofo da linguagem, que presenteia o mundo com seu legado teórico-filosófico, adquiriu ainda maior consistência em cada interlocutor daquela turma.

Acredito ter me identificado de tal forma com esse conto, porque, além de já querer trabalhar com a temática da carnavalização, naquele momento me sentia aquela centelha invisível de vida dando início ao que, para mim, seria o divisor de águas entre meu passado e meu futuro. Ali, tomava consciência em relação à dureza da vida. Na verdade, não sei o que é ter uma vida fácil, pois ela se mostrou bem difícil para mim desde antes do meu nascimento. Aliás, quero destacar a forma como ela – a carnavalização – tem me acompanhado desde que nasci.

Minha mãe conta que teve duas ameaças de aborto grávida de mim. No dia do meu nascimento, ela sentiu dores à noite, mas somente no outro dia foi para o hospital. Chegando lá, sentiu algo estranho, quando percebeu, uma de minhas pernas estava surgindo. Paro, penso a respeito, crio a imagem em minha mente e o riso é inevitável. Uma cena puramente carnavalizada e grotesca; totalmente ao avesso, como estas palavras introdutórias.

Chamo atenção para aquele dia, 12 de março de 1982, uma sexta-feira, que pré-anunciava o aniversário das cidades de Recife e Olinda, maiores palcos da cultura popular no carnaval pernambucano. Aquele mesmo ano teve como presidente João Figueiredo, que foi o último governo da Ditadura Militar no Brasil. Foi o ano da despedida de Elis Regina e Adoniran Barbosa, grandes nomes da música popular brasileira, incluindo a Bossa Nova e o Samba.

A morte e o nascimento fazem parte do ritual que envolve a cosmovisão carnavalesca; é um tipo de coroação-destronamento, como um ritual ambivalente biunívoco, entrelaçados e inseparáveis, como mais adiante explicarei. Isso me faz recordar que nasci no mesmo dia em que se comemora o aniversário das cidades que são palco do carnaval para o mundo; eu, porém, surgi de uma cidade interiorana de Pernambuco. Cresci na casa do meu avô materno, num sistema rígido e com regras precisas. Vivia como que por inércia, parafraseando a epígrafe que abre estas palavras introdutórias. Mas, mesmo em meio a responsabilidades, o que alegrava o meu coração era ver os blocos de carnaval passarem na rua.

Os blocos de carnaval do interior se limitavam a um carro de som que puxava os foliões que dançavam, cantavam, bebiam e se molhavam alegremente. A exultação era contagiante, mas eu e minhas irmãs só tínhamos a permissão de olhar pela janela de casa. Existiam vários desses blocos na cidade e, todas as vezes que eles passavam, estávamos nós na janela a admirar e a sorrir com todos aqueles foliões que utilizavam os dias do carnaval para festejar suas “liberdades legitimadas”. Tudo o que eu queria, um dia, era provar daquela sensação que parecia ser a melhor do mundo: a de ter liberdade, de voar.

O ato de “voar” é, antes de tudo, um ato responsável, que exige coragem e ousadia. Este voo que ora me proponho a realizar é um deles. Isso me faz pensar que, na vida, passamos por vários ciclos. Como aqueles dias que observava o carnaval passar através da janela, no casulo da casa da minha avó. Casulo aquele que serviu de proteção e acolhida na hora certa. Mas eu queria sentir aquela alegria vívida que via naquelas pessoas. Foi quando, anos mais tarde, participei de um desses carnavais. Foi quando pude sentir o que era uma centelha daquela alegria, da liberdade, do sorrir, do brincar, do dançar, do pular até os pés não suportarem. Aquela liberdade durou poucas horas e, quando ela findou, voltei ao meu casulo. No entanto, não do mesmo jeito que saí de lá.

Alguns anos após, concluí o ensino fundamental e segui para o ensino médio. Durante três anos, frequentei uma escola que ficava na cidade vizinha, até concluir esse ciclo. Depois, foram mais quatro anos para cursar Letras. Percebia que, a cada saída do casulo, voltava ainda com mais vontade de voar. E agora, compreendo que esse desejo e a força espantosa envolvida

nessa empreitada me trouxeram até aqui, momento em que estou prestes a tentar alçar mais um voo, com a coração apertado e cheio de temores pela possibilidade de ir ao chão.

Vem à tona o Jano bifronte¹, recordando-me da menina que tremia com frio na barriga porque tinha que apresentar um trabalho escolar. No entanto, entendo que isso também é inacabamento, é inconclusibilidade do ser. Talvez o problema seria se eu fosse indiferente a tudo isso, seria “o oposto do que propõe Bakhtin, para quem concluir o outro é objetificá-lo, reificá-lo, torná-lo coisa” (BEZERRA, 2018, p. XIV). Dessa forma, seria um monologismo, nada dialógico.

Nesse sentido, antes de situar os meus presumíveis leitores acerca da abordagem que realizo neste estudo, quero adiantar que, ao longo dessa escrita, faço várias analogias do que é tecer desde as primeiras linhas deste ato introdutório até a última palavra por mim escrita na enunciação do meu dizer. Se as palavras que antecedem a oficialidade da apresentação são lugar de prévia, nada melhor do que essa conversa não oficial para a abertura das cortinas do grande palco sem ribalta, que lança o espetáculo em praça pública, na oficialidade das minhas palavras. Aqui, assumo o meu lugar na condição de pesquisadora, sabendo que as minhas tão mal traçadas linhas são de minha inteira responsabilidade, mas se houver algo de coerente e relevante nelas, é responsabilidade do olhar atento da minha orientadora Dra. Roberta Caiado.

O meu Jano bifronte volta um pouco no tempo e me traz à memória que a temática aqui trazida surgiu da inquietação semeada a partir da participação, como ouvinte, da apresentação de uma mesa redonda, realizada no 7º SIL – Seminário Internacional de Linguística, ocorrido em 2017, na Universidade Cruzeiro do Sul, *Campus Anália Franco*, em São Paulo – SP, pela Prof.^a Dra. Maria Cristina de Moraes Taffarello, acerca dos memes e dos desafios encontrados para a análise e caracterização do gênero, pelo viés da Linguística Textual.

A partir daí, a semente lançada começou a instigar uma curiosidade sobre o tema, resultando num projeto de Doutorado em Ciências da Linguagem, para a seleção de 2018, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. É claro que muitas mudanças foram sendo realizadas desde o projeto inicial, tendo em vista o aprimoramento do referido projeto de pesquisa, mas a ideia de trabalhar com os memes era evidente.

Outro fator importante que definiu minha escolha foi perceber o avanço no compartilhamento de memes, nas redes sociais digitais, bem como sua maneira descontraída de abordar fatos sérios de forma bem-humorada, mas sem deixar de lado a crítica e a ironia. Isso

¹ Trata-se do deus romano que representa as mudanças e as transições da vida. A divindade possuía duas faces, voltadas para direções opostas, as quais simbolizavam os términos e os começos, o passado e o futuro, o novo e o velho, a dualidade de todas as coisas.

é algo que muito estimula os internautas no dia a dia, principalmente quando o assunto é política.

Em 2018, a corrida presidencial brasileira contou com essa alternativa de fazer política. Ela deu continuidade a uma maneira diferenciada de divulgação das candidaturas a presidente, já iniciada desde 2013, com as intensas e numerosas manifestações, que foram organizadas através das redes sociais digitais, e que resultaram, em 2016, no *impeachment* da primeira mulher e 36ª Presidente da República, Dilma Rousseff.

Essa recente configuração de fazer política, é marcada, por um lado, pela irreverência, pelo deboche, pela provocação em relação ao adversário político e/ou aos seus eleitores, com marcas bastante atuais e protegidas por uma “liberdade legitimada” (BAKHTIN, 2018). Por outro, algumas pessoas vêm, ao longo dos anos, considerando que a liberdade conquistada nas redes sociais digitais lhes dá o aval para dizer o que quiserem. Nesse contexto, é imprescindível não confundir a liberdade de expressão com a liberdade de transgressão, pois as mesmas redes que são palco da “liberdade de expressão”, também têm sido usadas como palanque para violações de direitos humanos, crimes e divulgação de *fake News*. A veiculação dessas ideias se dão de forma veloz, disseminam-se de forma rápida e conseguem ter um longo alcance; no entanto, essas questões vêm sendo, aos poucos, regulamentadas.

Diante disso, a perspectiva desta pesquisa foi analisar a carnavalização (BAKHTIN 1996, 2018) em memes políticos que circulam no ambiente digital. O estudo partiu da suposição de que o gênero selecionado se caracteriza por uma (des)ordem da “lógica natural” dos objetos e pela representação “ao avesso” de fatos da “vida oficial”.

Como se trata de uma pesquisa voltada para o funcionamento concreto da linguagem, a concepção de língua(gem) aqui adotada se configura como “um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes”, levando em consideração que “a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 224-225), uma vez que essa criação linguística toma como base o enunciado, que se torna condição *sine qua non* para a constituição das interações sociais.

Esse posicionamento reflete a linguagem como sendo uma atividade de interação sociodiscursiva, ideológica e histórico-social, ou seja, ela é contemplada em seu aspecto linguístico, mas observa seu funcionamento social e histórico, prevalecendo o conceito de que o sentido é construído situadamente, sendo um fenômeno encorpado e não cheio de abstração e autonomia.

O que reuniu a soma de esforços para construção do todo composicional dessa pesquisa foi trazer respostas ao seguinte questionamento: De que maneira as produções meméticas, ao encarnarem a estética carnavalesca em suas práticas, relacionadas a assuntos polêmicos relativos à política pós-eleição presidencial de 2018, quebram hierarquias sociais de poder?

Destarte, o objetivo geral desta tese é refletir sobre como as imagens da carnavalização se encarnam nos memes e dão forma a uma estética ambivalente, através da qual os sujeitos podem viver suas “liberdades” e constituir atos responsáveis dentro e fora desta imensa “praça pública”, entendida aqui como redes sociais digitais. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivos específicos: (i) contextualizar os enunciados situados a partir da dupla orientação da realidade, que considera circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas – que tanto orientam como constituem o discurso; (ii) apresentar os recursos semióticos que apontam para a dimensão multimodal dos enunciados como elementos que participam do todo composicional do gênero; (iii) compreender as noções que envolvem a cosmovisão carnavalesca na coroação-destronamento como um ritual ambivalente biunívoco nas produções meméticas; e, por fim, (iv) refletir sobre como essas manifestações populares, ao incorporarem ideias carnavalizadas, quebram as hierarquias sociais de poder da vida oficial.

O percurso realizado para chegar nesses objetivos está ancorado no Método Filosófico-discursivo (BAKHTIN, 2002, 2011; MEDVIÉDEV, 2016; VOLÓCHINOV, 2017, 2019), que auxilia na compreensão de análises qualitativas/interpretativas com as quais me proponho refletir dialogicamente a partir de dados extraídos no *corpus*. A contextualização da pesquisa ocorre, de forma geral, no campo das Ciências Humanas e, de maneira mais específica, na área da Ciência da Linguagem, ambas baseadas na concepção dialógica do discurso. A partir das diretrizes que auxiliam na compreensão do objeto de estudo, aqui, desenvolvo o meu papel de pesquisadora e tento compor esse objeto. É o cognoscente se tornando cognoscível na tentativa de compreendê-lo e explicá-lo a partir de uma relação de mútuo envolvimento.

A palavra é aqui tomada em dois aspectos: (i) “como palavra *alheia* dos outros, cheias de ecos de outros enunciados” e (ii) como “a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, ela já está compenetrada da minha expressão” (BAKHTIN, 2016, p. 53 [*grifos do autor*]). Existe um terceiro aspecto citado por Bakhtin que é a palavra da língua neutra, não pertencente a ninguém. Esta não estará presente nessa construção arquitetônica, pois a palavra a ser trabalhada aqui é expressiva, no entanto essa expressão não é da palavra, mas do enunciado vivo, pleno de ecos e ressonâncias, originado da palavra com a realidade concreta e nas condições reais de uso de uma dada situação.

O objeto de estudo desta tese, nesse caso, o meme de internet não será trazido aqui como se fosse a primeira vez em que é abordado, pois não sou a primeira e nem serei a última a falar sobre ele. Tal objeto já foi descrito, contestado e avaliado de diferentes modos por diferentes sujeitos. Nesse mesmo objeto habita o cruzamento de opiniões, a convergência e a divergência de distintos pontos de vista e diferentes visões de mundo. Não serei aqui o “Adão mítico”, que relaciona objetos virgens, na tentativa de nomeá-los pela primeira vez.

Nesse sentido, ao realizar levantamento em periódicos da CAPES² – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sobre pesquisas prévias acerca do gênero meme político, existentes na área de Linguística, Letras e Artes, observei a existência de 189 teses de Doutorado e 571 Dissertações de Mestrado sobre os memes políticos nas mais diversas abordagens teóricas. Dentro da perspectiva dialógica trazida nesta tese, algumas pesquisas chamaram atenção por seu teor discursivo. A dissertação de mestrado intitulada *Memes em perspectiva dialógica: uma análise bakhtiniana*, realizada por Joaciana Pessanha Barbosa da Silva, traz, à luz da concepção bakhtiniana, o letramento em sala de aula na formação leitora dos alunos; já a pesquisa *Diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes*, desenvolvida por Rossana Martins Furtado, faz uma abordagem da carnavalização em memes, porém destaca os aspectos do plurilinguismo dialogizado na invocação do riso.

Na verdade, uma das minhas preocupações aqui é dialogar, de uma maneira ou de outra, com enunciados de outrem que me antecederam. Afinal de contas, o próprio objeto desse meu discurso aqui representado é palco de encontro de opiniões, de pontos de vista, de visões de mundo e de teorias da comunicação e da linguagem dos mais variados interlocutores. Dessa forma, o que aqui for enunciado não estará voltado a apenas esse objeto, mas aos discursos precedentes e subsequentes de outrem acerca dele.

Diante dos discursos subsequentes ao meu, reside uma outra preocupação: o interlocutor deste texto. É interessante refletir acerca desse “direcionamento a alguém”, pois apesar desse texto já ter sido lido e passado pelo crivo da banca, sua construção foi permeada através da força e da influência dos possíveis interlocutores sobre esse dizer, levando em consideração as atitudes responsivas ativas dos outros. Disso dependem a composição e o estilo desse meu enunciar.

Esses “outros” não são meros leitores passivos na comunicação discursiva, muito pelo contrário, são participantes ativos dessa comunicação e irão revelar, mais cedo ou mais tarde,

² Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/> - !/ . Acesso em: 10 dez 2022.

suas considerações, suas críticas, suas respostas ao ler esse texto. Eis aí um traço constitutivo essencial do enunciado: possui autor e interlocutores.

A “resposta” que eu aguardo dos meus interlocutores é chamada por Bakhtin (2016) de compreensão responsiva ativa. E quando aqui menciono interlocutores, englobo todos os meus presumíveis leitores: a orientadora, a banca que avaliou o meu trabalho e a todos os demais interessados sobre a temática abordada, sejam professores, alunos de graduação ou da pós-graduação.

Confesso que o peso de escrever e saber que uma banca avaliaria cada linha aqui escrita foi grande, mas não foi e não deve ser maior do que a contribuição que desejo deixar registrada acerca dos estudos da linguagem, que envolvem os gêneros discursivos, descortinados pelo chamado Círculo de Bakhtin³, e como eles se encaixam no momento atual em que se presencia o nascimento de uma nova cultura discursiva em grande parte da sociedade, como também a forma como ela lida com os gêneros emergentes do meio digital.

Não se trata apenas de novos gêneros do discurso que emergem do meio digital, mas de novas formas verbo-visuais, que se utilizam de recursos semióticos na construção do meme, de maneira mais solta e fluida, de forma que os sujeitos ativos desse processo têm mais liberdade no seu dizer; é como se as normatizações da gramática tivessem perdido espaço para a fluidez síncrona das redes sociais digitais.

As pessoas se deparam diariamente com os gêneros que emergem e circulam no meio digital. Esses gêneros apresentam características sociocomunicativas determinadas por constituições funcionais, objetivos enunciativos expressos e estilos claramente existentes e definidos com a incorporação da influência histórico-social; isso porque “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica que lhe é inerente.” (BAKHTIN, 2016, p. 52).

É partindo da abordagem de gêneros discursivos, em Bakhtin (2016), que esta tese apresenta o meme como um gênero que desenvolve uma postura crítica, cômica e reflexiva dos sujeitos em um determinado campo da comunicação, tendo em vista o enfoque no “conteúdo temático, no estilo e na construção composicional”, intrínsecos ao enunciado situado, como aponta o chamado Círculo de Bakhtin. Aqui, é preciso ter ciência de que o gênero discursivo da teoria dialógica não se limita à forma, dando foco predominantemente ao linguístico.

³ O Círculo de Bakhtin foi uma designação atribuída *a posteriori* por pesquisadores contemporâneos a um grupo de estudiosos de diversas formações e com variados interesses em filosofia, arte, linguagem e literatura. Esse grupo se reuniu, regularmente, em Nevel e Vítebsk e, posteriormente, em São Petersburgo (à época Leningrado) durante dez anos (1919-1929). Os principais membros do Círculo, representantes da linguagem, são Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev (2019b).

Os gêneros literários também vão fazer parte das reflexões do chamado Círculo de Bakhtin. É a partir deles que o carnaval exerce influência determinante na literatura. Trata-se de um espetáculo de caráter ritualístico que aborda a fusão de pensamentos distintos acerca de religiões, seitas, filosofias etc.

A linguagem carnavalesca criou formas concreto-sensoriais simbólicas que sofreu um processo de transposição para a linguagem literária. Bakhtin (2018) realiza essa transposição do carnaval para os gêneros literários. Dentro desse contexto, esta pesquisa deseja realizar essa transposição, de uma teoria que foi pensada para os gêneros literários, para o âmbito dos estudos discursivos, mais especificamente, para os memes de internet de teor político que circulam nas redes sociais digitais. A lacuna de pesquisa que espero preencher com essa tese é mostrar como essas manifestações populares – memes de internet de teor político – ao incorporarem ideias carnavalizadas, quebram, propositalmente, as hierarquias sociais de poder da vida oficial.

Destarte, esta pesquisa não será construída como um todo a partir de uma única consciência, de forma objetificada, mas em torno de várias consciências, onde o todo da interação entre as várias consciências vai confirmar que elas não se converteram em objeto uma da outra. A tese aqui defendida é a de que os sujeitos vivem suas liberdades e se constituem como tais através de atos responsáveis, como, por exemplo, o de se posicionar, de forma crítica e criativa, através dos memes políticos.

A presente investigação, mesmo após a última palavra dita, terá sua autêntica inconclusibilidade, pois dialogará com discursos já existentes e discursos ainda vindouros. Ela não poderá fechar-se, esgotar-se em si mesma para que não se torne monológica, um objeto acabado. Sua relevância tanto para a área de linguagens, quanto para o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), concentra-se no fato de relacionar uma teoria própria do contexto literário, nesse caso, o problema da carnavalização, para o âmbito da análise dialógica de gêneros do cotidiano, a partir das produções meméticas de internet, que circulam nas redes sociais digitais com características e funções típicas, concentradas a partir do aspecto cômico e/ou crítico e debochado.

A escolha pela pesquisa científica com o gênero discursivo meme relaciona-se às seguintes demandas: gênero em efervescência que possui campo fértil para novas pesquisas; trata-se de um gênero popular, de fácil acesso e longo alcance que se difunde rapidamente através da *web*; é um gênero bastante compartilhado e comentado nas redes sociais digitais, com a aceitação de grande parte do seu público; leva consigo o contexto da situação em que está inserido.

Impactos sociais desta pesquisa preveem a divulgação e publicação de trabalhos como artigos, resumos acadêmicos, participação em eventos científicos, com a intenção de proporcionar maior alcance das descobertas aqui realizadas, como elas se adaptam ao momento atual em que se presencia o nascimento de uma nova cultura discursiva em grande parte da sociedade e como essa sociedade lida com os gêneros emergentes da esfera digital.

Já os impactos tecnológicos levam em consideração a forma como a sociedade se comporta com novos gêneros do discurso que emergem da esfera digital, as novas formas de falar e de escrever, de forma mais solta e descontraída, de maneira que os enunciadores, participantes ativos desse processo, têm mais liberdade e fluidez no seu enunciar a partir dos dispositivos tecnológicos que estão à sua disposição, como os *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, *smartwatch*, *smart tv*, entre outros. Mas é preciso ter a consciência de que os comportamentos humanos são bem heterogêneos e muitas pessoas utilizam as redes sociais digitais como espaços de disseminação do ódio, do cancelamento e do linchamento virtuais, até à prática de crimes cibernéticos.

Essa falta de limites no meio virtual evoluiu à medida em que a internet se desenvolveu e virou parte da rotina de milhões de pessoas. De acordo com um estudo publicado pela Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, os crimes que foram cometidos através da internet cresceram mais da metade nos últimos anos, chegando a 156.692 denúncias anônimas em 2020. Esse crescimento se deu, em especial, devido à pandemia de Covid-19, que forçou quarentenas às empresas, às escolas e a outros ramos da sociedade a exercerem suas atividades em *home office* (GARRETT, 2021).

Há, no entanto, a carência de uma legislação brasileira que regulamente atos responsáveis de usuários de internet em meio ao ambiente virtual. Em relação à política, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tem publicado resoluções que especificam crimes comuns que podem ser conexos aos crimes eleitorais. Nesse sentido, o atual Ministro do TSE, Alexandre de Moraes, tem emitido decisões na tentativa de coibir esses crimes e punir os responsáveis. Essa questão é um tanto polêmica, pois qual seria o limite da liberdade de expressão? Por outro lado, faz-se necessário atentar para o perigo do controle da mídia pelas autocracias e pelos regimes totalitários.

Pois bem, para um melhor entendimento da pesquisa, esta tese foi dividida da seguinte forma: a Segunda Seção, tem como ponto de partida apresentar um conciso histórico de vida dos representantes centrais da linguagem, do chamado Círculo de Bakhtin, que são Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, a fim de auxiliar na compreensão das relações entre contexto histórico-social e algumas das obras dos intelectuais russos. Além disso, na mesma seção, foi

realizado um breve percurso histórico pelo qual passou a Linguística, sobre as tendências do pensamento filosófico-linguístico das teorias estruturalistas da linguagem. Na sequência, a exposição sobre o que foi a virada discursiva e a sua importância para a origem de uma nova filosofia da linguagem, que considera o sujeito dialógico e o enunciado situado como elementos fundamentais para tratar as questões discursivas. Foi acrescentada, ainda, uma visão filosófica do ato responsável como sendo inadiável e intransferível desse sujeito dialógico. Logo após, uma reflexão sobre a dimensão verbo-visual do enunciado. E, por fim, foi realizada uma discussão com a seguinte temática: a multimodalidade discursiva e o verbo-visual: um diálogo (im)possível?, fechando, assim, a presente seção.

A Terceira Seção realiza uma discussão a partir dos principais estudiosos russos da linguagem, acerca dos gêneros discursivos⁴ a partir de enunciados situados, o que traz a dimensão da potência desse constructo teórico para os estudos da linguagem. Em seguida, a Seção apresenta a Memética e a teoria de Dawkins. A sequência se dá com o gênero meme e a atualização do seu conceito diante das pesquisas recentes. E, por fim, são apresentadas as fronteiras intergenéricas e as esferas discursivas.

A Quarta Seção, O carnaval na vida e a vida no carnaval, apresenta o que Bakhtin denominou de o fenômeno do carnaval e da carnavalização na literatura com exposição das características pertencentes a este fenômeno. Na sequência, é realizada uma associação dessas características advindas da carnavalização ao vocabulário da praça pública. E, por fim, são explanados os conceitos de riso festivo popular e riso satírico.

A Quinta Seção traz o planejamento do caminho percorrido, desde os primeiros passos dados até a coleta *corpus*. Foi utilizado o método filosófico-discursivo do chamado Círculo. O *corpus* foi selecionado – seis memes – a partir de publicações feitas no *Facebook*, nas páginas *Memes de direita* e *Memes de esquerda*, sendo 3 de cada uma das páginas, no período pós-eleitoral à presidência da República de 2018, no Brasil, entre os anos de 2019 e 2020. Para tanto, foram seguidos alguns critérios, dentre eles: a página deveria estar ativa e com publicações de 2019 até os dias atuais; a preferência foi de memes que apresentassem pelo menos duas semioses distintas na construção dos seus enunciados; as produções meméticas deviam abordar assuntos polêmicos que vieram a público no meio político; e os memes precisariam ser selecionados a partir de sua temática estabelecida, a cada 3 memes; no total, 2 temáticas distintas.

⁴ Nesta Tese, os termos gênero discursivo e gênero do discurso serão utilizados de maneira equivalente.

A Sexta Seção apresenta as análises dos memes de teor político realizadas. Conforme descrição da metodologia, as análises foram organizadas através de duas temáticas distintas que contaram com três memes cada. A decisão de realizar esse tipo de análise partiu da necessidade de diversificar a apresentação do *corpus* (que de fato é múltipla e riquíssima) e mostrar mais aspectos distintos em cada uma das produções meméticas. Por isso, através da análise do primeiro meme de cada temática escolhida foi realizada a contextualização da situação discursiva real que derivou a produção dos memes daquele referido tema. Para tanto, as temáticas escolhidas foram:

- 1) “Menino veste azul e menina veste rosa”;
- 2) “Laranjas” e lavagem de dinheiro.

Para que houvesse paridade entre os temas, o primeiro foi de conteúdo mais conservador e o segundo de conteúdo mais progressista.

Com a devida apresentação da síntese de cada Seção realizada, quero convidá-lo a percorrer comigo pelas ruas até a praça pública, pois é no curso desse caminho que celebraremos a vida, a linguagem e o carnaval.

2. A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS DISCURSIVOS

Para Bakhtin, [...] enunciado é o elo essencial da cadeia de comunicação, e é dotado de uma tridimensionalidade comunicativa histórica e cultural que reúne passado (o antecedente), presente (o continuum) e futuro (o conseqüente) do processo de comunicação como um fenômeno da cultura perene em sua substancialidade e aberto como forma de existência e comunicação entre os homens no devir histórico e na unidade aberta de cultura e história.

Paulo Bezerra

A epígrafe que ora abre esta Seção, leva-nos a refletir que o enunciado não é meramente o ato de produzir fala ou discurso, vai além disso. Ele é a conexão efetiva da comunicação. Sua tridimensão comunicativa compreende aspectos históricos e culturais que se referem ao passado, ao presente e ao futuro. Dito de outra maneira, os aspectos históricos e culturais vão sempre permear os enunciados na comunicação discursiva de seus interlocutores. Assim, temos como ponto de partida desta seção, apresentar uma contextualização da vida e algumas obras dos representantes centrais da linguagem, do chamado Círculo de Bakhtin, que são o próprio Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, a fim de auxiliar na compreensão das relações entre contexto sócio-cultural e algumas das obras desses intelectuais russos. Além disso, intenciona-se realizar um breve percurso pelo qual passou a Linguística, sobre as tendências do pensamento filosófico-linguístico das teorias estruturalistas da linguagem. Na sequência, apresentar o que foi a virada discursiva e a sua importância para a origem de uma nova filosofia da linguagem, que considera o sujeito dialógico e o enunciado situado. E, por fim, trazer uma visão filosófica do ato responsável como sendo inadiável e intransferível do sujeito dialógico.

2.1. Contextualizando vida e algumas obras dos intelectuais russos

Ao adentrar no campo da teoria dialógica do discurso, observamos a necessidade de tratar complexos conceitos com o devido cuidado que a questão faz jus. Trata-se da condição *sine qua non* para a recuperação e a compreensão de parte do contexto histórico-cultural da produção intelectual desenvolvida pelo grupo de vários estudiosos, das mais diversas áreas do conhecimento, com vistas a possibilitar uma visão mais ampla sobre as origens dos estudos discursivos.

A bem da verdade, nunca é demais lembrar o rigoroso e difícil contexto político pelo qual atravessava a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.). A referência aqui é sobre o austero e repressivo regime totalitário stalinista (1927-1953), que perseguia, encarcerava, penalizava e liquidava todos os seus oponentes. Apesar desse difícil contexto, havia uma grande efervescência intelectual influenciada pelas teorias do estruturalismo russo; no entanto, um grupo de pensadores discordava de que somente esse estruturalismo fosse suficiente para explicar as questões sobre a linguagem e, sob calorosas discussões, constataram a presença do diálogo a partir das interações.

Nesse sentido, dialogamos com Valentin N. Volóchinov, Pavel Medviédev e Mikhail Bakhtin, principais teóricos do chamado Círculo, que estudaram a linguagem, e nos baseamos em três importantes critérios: (i) inicialmente, são eles os autores centrais que perceberam no diálogo a forma essencial da linguagem; (ii) em segundo lugar, são os estudiosos que perceberam a relação entre língua, sentido e sujeito, para lançarem os alicerces de um método filosófico-discursivo, visando à análise de enunciados concretos originados a partir do processo de interação discursiva e, (iii) por fim, tratam-se de intelectuais que perceberam nos gêneros a materialidade da linguagem.

2.1.1. Bakhtin

Essa breve digressão sobre a vida do pensador russo Mikhail Bakhtin tem a finalidade de contextualizar suas obras: *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, no tempo e no espaço em que foram escritas, e demonstrar o que foi a carnavalização literária e como isso está presente em outros gêneros discursivos, em especial, nos memes de internet de teor político.

Segundo Grillo (2019), em biografia russa escrita por Alekséi Korováchko, na coleção *A vida de pessoas extraordinárias*, que conta com o relato de aproximadamente setecentas personalidades mundiais, encontra-se a mais recente biografia de Bakhtin (1895-1975). Nela consta, na apresentação que acompanha a ficha catalográfica, que o filósofo é o autor russo mais conhecido em ciências humanas, não podendo haver ninguém que possa concorrer com ele.

A princípio, no livro *Em conversas a Duvakin*, Bakhtin afirma que entre nove ou dez anos de idade foi diagnosticado com osteomielite, o que resultou, posteriormente, em algumas operações e, mais adiante, na amputação de uma de suas pernas (BAKHTIN; DUVAKIN,

2012). Alekséi Korováchko (1988, *apud* GRILLO, 2019) afirma que existe o relato de que Bakhtin também contraíra meningite e eis que essas doenças, segundo o biógrafo, tiveram o seu lado positivo para a formação intelectual do pensador russo, pois, para se manter ativo durante o período de repouso compulsório, teve seu refúgio na leitura, a partir da qual despertou uma personalidade independente.

Diversos outros fatores contribuíram para a formação intelectual de Bakhtin, como o ambiente estudantil formado no ginásio de Oriól, pela qualidade dos professores e pelas ilustres personalidades russas que por ali passaram na época em que os irmãos Mikhail e Nicolai Bakhtin estudavam. Soma-se a isso o gosto particular dos russos pelas apresentações verbais que naquele período “reuniam-se em grupos, debatiam em público e davam preleções.” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 63).

Ao se mudar para Vítebsk com Elena Aleksandrovna, sua esposa, Bakhtin viu o florescimento cultural do lugar entrar em declínio e muito se deveu à falta de verbas governamentais destinadas às atividades locais. Com isso, vários segmentos culturais deixaram de existir, dentre eles a publicação da revista *Arte* e o fato de Malévitch ter perdido a luta pelo poder na Academia de Arte de Vítebsk. Isso fez Bakhtin deixar a cidade com a maioria de seus seguidores; no entanto,

nem este fato nem a doença de Bakhtin parecem haver-lhe afetado muito a produtividade. Na verdade, saudou o descanso que a moléstia lhe impusera como uma oportunidade para realizar mais leituras e escrever à vontade. O período que passou em Vítebsk veio a ser, pois, extremamente fecundo não só em termos de suas obras escritas, como na sua atividade de ensino e nas preleções públicas. [...] em agosto de 1922, a revista de Petrogrado, *A Vida da Arte*, afirmava que Bakhtin havia concluído um livro sobre Dostoiévski e uma monografia intitulada *A Estética da Criatividade Verbal*. (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 78-79).

Apesar da divulgação, em 1922, da conclusão do livro sobre Dostoiévski, este só veio a ser publicado originalmente sete anos depois, em 1929 (TODOROV, 2011; GRILLO, 2019; BRAIT, 2016), sob o título *Problemas da obra de Dostoiévski*, mesmo ano em que Bakhtin veio a ser preso sob diversas acusações, dentre elas a de que seu nome fazia parte de uma lista de pessoas que apoiavam um futuro governo russo anticomunista e de que suas aulas nos cursos corrompiam os jovens (CLARK; HOLQUIST, 2008). Somente na década de 1960, mais precisamente em 1963, sua obra sobre Dostoiévski foi reeditada, ampliada e republicada, com algumas questões sensivelmente modificadas, inclusive seu título que passou a ser *Problemas da Poética de Dostoiévski*.

Outra obra que teve um contexto tão acidentado quanto a de Dostoiévski foi *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. A partir de informações mais atualizadas, sabe-se que a escrita estaria em curso desde 1939, mas é em 1941 que o pensador russo envia o texto para a análise de três importantes teóricos⁵ da literatura. Além de considerarem a pesquisa notável, um deles, Aleksándr Smirnov, sugeriu encaminhar os manuscritos para publicação de livro e proceder sua apresentação com o objetivo de obter o título de doutor. No entanto, dava-se início, em território russo, à Segunda Guerra Mundial, o que foi uma das motivações que levou Bakhtin a adiar seus planos.

Em 15 de novembro de 1946 ocorre sua defesa de tese no Instituto das Literaturas do Mundo Im. Górkogo – INLI. Apesar dos pareceres favoráveis da banca, com destaque de alto nível da pesquisa, Bakhtin só obteve o título de doutor reconhecido em 31 de maio de 1952 e a obra somente veio a ser publicada em 1965 (GRILLO, 2019).

É importante ressaltar que, anos mais tarde, Bakhtin afirma que “uma concepção comum da linguagem e da produção discursiva foi desenvolvida”⁶ em Vítebsk e baseou *O método formal* de Medviédev, *Marxismo e filosofia da linguagem* de Volóchinov e *Problemas da poética de Dostoiévski*. Ele enfatiza a independência e a originalidade dessas obras.

2.1.2. Volóchinov

Valentin Volóchinov teve como objetos de pesquisa a poética sociológica e a comunicação verbal, bem como a natureza do enunciado, pois “o diálogo fazia parte da análise da comunicação verbal na qualidade de componente essencial e indispensável [...], o enunciado é engendrado na comunicação verbal e funciona nesse meio” (IVANOVA, 2011, p. 249). Dessa maneira, fica evidente o interesse do estudioso russo pelo diálogo e sua relação com o enunciado.

O linguista afirma ser a palavra “*o fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 36) e, por isso, critica a ideia de que a língua seja um “sistema estável”, que só se sustenta como “uma abstração científica” (p. 224), uma vez que se esta

⁵ Aleksándr Smirnov (1883-1962), Alekséi Djivelegov (1875-1952) e Leonid Timofiév (1904-1984) (GRILLO, 2019, p. 32).

⁶ Grillo (2019, p. 38), em nota de rodapé, afirma que “essa declaração encontra-se em uma entrevista concedida a Botcharov, publicada originalmente em 1993 na *Nova Revista Literária (Novoe literatournoe obzrenie)*, e traduzida para o francês por Depretto, op. Cit., p. 190”.

estiver descontextualizada, não poderá, jamais, compreender elementos que são próprios do uso.

Nesse sentido, Volóchinov esclarece que

[...] a língua como sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica [...] **[ela]** não é adequada à realidade concreta da língua **[que]** é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes. As leis de formação da língua não [...] podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 224 [**grifos nossos**]).

Sob esse prisma, a língua é vista não como um sistema abstrato de formas linguísticas isoladas, retirada do seu caráter ideológico. A propósito, essa abstração não preenche os requisitos necessários para dar conta dos usos reais da língua, que ocorrem, exatamente, através do fenômeno social da interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017).

É incontestável que a interação discursiva, como o espaço que produz e o princípio que organiza a língua(gem), encontra sua base na “situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

É perceptível que o ‘aluno brilhante’ bebe na fonte de seu mestre Jakubinskij e, ao passo que ‘gênero’ é mencionado por Jakubinskij (2015, p. 104) e tem como sentido a “frase estereotipada”, Volóchinov, por sua vez, refere-se ao mesmo termo como ‘gêneros verbais’, ‘gêneros da vida cotidiana’ ou ‘gêneros verbais da vida’, no sentido de que

cada tipo de intercâmbio comunicativo referido anteriormente organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, sua estrutura tipo, que chamaremos a partir daqui de gênero (VOLÓCHINOV, 2013, p. 159).

É possível notar, na citação acima, que Volóchinov menciona o intercâmbio comunicativo dentro do processo de utilização dos gêneros, o que Bakhtin vai chamar de relações dialógicas. Mais adiante, faremos uma discussão mais aprofundada sobre essas relações dialógicas, os gêneros e suas esferas discursivas.

2.1.3. Medviédev

Pável Niloláievitch Medviédev, teórico e historiador da literatura, crítico literário, professor da Universidade de Leningrado, teve uma vida relativamente curta para a existência, de rico e fecundo trabalho, suficiente para várias biografias. Ao falar de sua vida, seu filho Iuri Pávlovich Medviédev, discorre um pouco sobre a passagem de seu pai em São Petersburgo e

afirma que Medviédev integrou três momentos eminentes da cultura russa. São eles: “A renascença cultural de Vítebsk”, o teatro itinerante de Petersburgo P. P. Gaidebúrova e N. F. Skárskaia e o chamado Círculo científico-filosófico de Bakhtin.

Conclui o curso de Direito em 1914, realiza algumas defesas bem-sucedidas, faz conferências sobre literatura e, paralelamente a isso, publica artigos sobre estudos literários. No ano seguinte, luta no *front* da Primeira Guerra Mundial como autor de reportagens de guerra do exército combatente. Publica reportagens e artigos de cunho literário-filosóficos, o que mais adiante, servirá para os diálogos com os membros do chamado Círculo de Bakhtin.

Em 1917, filia-se ao partido socialista-revolucionário, é eleito vereador para a Câmara da cidade de Duma e foi o último prefeito da cidade de Vítebsk. Em 1918, desfilia-se do partido por discordar da sua orientação política. Participa ativamente, sem medir esforços na reconstrução cultural pós-guerra e na formação do meio profissional humanístico-intelectual em Vítebsk. Organiza e funda a Universidade Popular (Proletária) da cidade e ministra aulas de literatura e sociedade russa do século XIX. É eleito reitor da universidade e segue com seu trabalho incansável. Publica “Notas da universidade proletária”, cria “A sociedade da estética livre”, desenvolve o seminário na universidade sobre o tema, lança a revista municipal “*Arte*” (*Iskússtvo*), dirige espetáculos no teatro municipal e, por sua iniciativa, inicia o trabalho em “*O estúdio da Literatura*” (*Literatúrnaia stúdiia*), entre outras tantas atividades sociais e artísticas que contribuíram para a criação de um fenômeno cultural que fez história na Rússia chamado “Renascença de Vítebsk”.

Em 1919, Medviédev é escolhido como presidente do comitê de organização do Instituto de Artes e de Ciências Humanas. O projeto de criação do referido instituto teve o apoio do Comissariado Popular de Educação; no entanto, o instituto não foi aberto, dentre outros motivos, por falta de recursos. Apesar desse fato, a ideia teve sua concretização particular nos domicílios dos integrantes do chamado Círculo. Com a expansão cultural de Vítebsk e melhor abastecimento de comida, vários artistas e intelectuais se sentiam atraídos pela cidade.

Em 1920, segundo Clark e Holquist (2008, p. 75), “Bakhtin mudou-se, pois, para Vítebsk numa época em que a arte de esquerda dominava o máximo a vida cultural da cidade”. Bakhtin confirma sua ida para a cidade provinciana em conversas com Duvakin:

B: [...] depois me transferei junto com meu amigo Pumpianski para Vítebsk. Não era longe, era capital de governo. Tinha em Vítebsk, naquele período, um verdadeiro afloramento cultural: muitíssimos leningrandenses, por conta da fome tinham se transferido para lá, ao menos temporariamente (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012, p. 137).

Nesse contexto, o grupo de pensadores que existia em Nevel começava a se fragmentar até parar de funcionar em 1921. No entanto, com a presença de Bakhtin e outros intelectuais em Vítebsk, o grupo que havia em Nevel continuou crescentemente funcionando em Vítebsk. Em conversas com Duvakin, Bakhtin fala sobre o chamado Círculo e confirma a presença de Medviédev:

B: [...] Ao meu redor tinha um círculo que era chamado de ‘o círculo de Bakhtin’ ... Isso, ultimamente escrevem muito isso. Incluo nele antes de mais nada Pumpianski, Medvedev Pavel Nikolaevich, Volochinov. A propósito, todos estes estavam também em Nevel, com exceção de Medvedev, na verdade (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012, p. 144).

Apesar de Bakhtin afirmar a existência de um grupo que levava seu nome, é preciso fidelidade às complexas interpretações da existência do chamado Círculo de Bakhtin e da sua liderança, como bem certifica Grillo (2019). Em seu longo prefácio à tradução francesa de *Marxismo e filosofia da linguagem*, Sériot (2015, p. 28) afirma que “o Círculo de Bakhtin nunca existiu”, trata-se de “uma invenção tardia e apócrifa” e que a expressão “Círculo de Bakhtin” só foi mencionada pela primeira vez em 1967, pelo psicolinguista A. A. Leont’ev. Isso evidencia que a questão é controversa.

No entanto, Iúri Medviédev, filho de Pavel Medviédev, afirma que no final dos anos 1920 houve uma estreita aproximação entre seu pai e Bakhtin, após a mudança deste para Vítebsk. Deu-se início, segundo ele, “ao diálogo científico, à amizade vitalícia e à obra da união de correligionários, que Bakhtin chamou de seu círculo” (MEDVIÉDEV, 2019a, p. 249). Iúri Medviédev continua seu posicionamento:

A coletividade de pensadores de Vítebsk em algumas pesquisas é nomeada ‘Círculo B.-M.-V.’ (Bakhtin – Medviédev – Volóchinov), com base nos nomes dos três amigos muito próximos, que se tornam autores de três monografias conhecidas. ‘Trabalhávamos em contato criativo muito estreito – escreveu Bakhtin a Kójinov. É preciso assinalar, sobretudo, que contato criativo pessoal e trabalho coletivo não tiram a autonomia e a originalidade de cada um desses livros’, afirmou Bakhtin nessa mesma carta (MEDVIÉDEV, 2019a, p. 249).

Seguindo essa discussão, é perceptível que a questão da existência ou não do chamado Círculo de Bakhtin é um tanto questionada e ainda não se chegou a um consenso amplo nessa direção. Nesta pesquisa, adotamos o direcionamento de que o Círculo sim, existiu. Contudo, convém não perder de vista que o mais importante, em meio a essa discussão, é a riqueza das inegáveis, diversas e atuais contribuições desse grupo aos estudos da linguagem.

A propósito, a obra *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, (doravante, MFEL) foi publicada pela primeira vez em Leningrado, em

1928, mas só veio chegar ao conhecimento do público brasileiro a partir das traduções para a língua inglesa e para a língua espanhola. Essa obra foi o resultado da estreita colaboração intelectual entre Bakhtin/Medviédev/Volóchinov e dos demais estudiosos que formaram o chamado Círculo. Foi notabilizada a partir do seu diálogo polêmico com o formalismo russo – tendência muito estudada até o final dos anos 1980 – uma reflexão sobre a questão literária, no que se refere a seus métodos e à necessidade de uma perspectiva sociológica, perspectiva esta que inter-relaciona os diversos estudos do chamado Círculo, incluindo a obra sobre Dostoiévski e *Marxismo e filosofia da linguagem* (BRAIT, 2019; GRILLO, 2019).

A maior contribuição que a obra traz para uma concepção de gênero encontra-se no capítulo 3, que discorre sobre “Os elementos da construção artística”. Este capítulo funda a ideia de que a linguagem se materializa através de enunciados concretos, posicionados em determinado tempo e espaço, o que viabiliza a noção de sujeito histórica e socialmente situado. Apesar de, no decorrer da obra, este e os demais capítulos sugerirem a ideia de um estudo exclusivamente literário, a discussão vai além dele e percorre pontos fundamentais para a construção do entendimento acerca do gênero discursivo de forma geral, além do literário.

Para que a construção desse entendimento se faça de forma proeminente, é preciso compreender que a interlocução da obra se faz com os formalistas russos. Logo, é necessário ter ciência de que o formalismo russo foi uma forte tendência dos estudos da linguagem e que a produção do chamado Círculo, especialmente da década de 1920, trouxe uma nova visão, um tipo de resposta àquela tendência, fundamentando um novo conceito de gênero.

A compreensão de gênero trazida na obra se contrapõe ao estudo que vê o gênero unicamente através do ângulo dos elementos formais da língua. Para Medviédev, os formalistas não tiveram a real dimensão da importância dos gêneros. Portanto, ergue o contexto teórico-metodológico em que a compreensão de gênero está ancorada a partir da totalidade da obra/enunciado.

Nesse sentido, as produções do chamado Círculo sobre gênero não dispensaram os aspectos formais da língua; no entanto, articularam-nos a partir de um novo ângulo. Ou seja, no que se refere à totalidade do enunciado. Segundo Brait, a definição de gênero do discurso, ao final das discussões, poderia ser esta:

o gênero emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço (BRAIT, 2019, p. 15).

A autora destaca o surgimento e o sentido do enunciado como um todo, de maneira a articular interno/externo. Medviédev reitera essa postura em outros momentos da obra, assim como também vai fazê-lo nas demais produções do chamado Círculo.

São várias as características que definem o gênero, no entanto, uma que merece destaque é a que ele se define a partir de uma “dupla orientação na realidade”, isto é, faz-se necessário considerar não apenas os elementos linguísticos, enunciativos e formais que possibilitam a sua existência, mas, e sobretudo, as situações temporais, espaciais e ideológicas que tanto orientam quanto constituem o discurso.

Essa “dupla orientação na realidade”, mencionada por Medviédev, está relacionada à vida. A primeira orientação é considerada a partir do aspecto exterior que envolve o gênero e faz referência ao tempo, ao espaço e à esfera ideológica de que emerge. Logo, o enunciado como totalidade é compreendido a partir de um espaço e tempo reais, com a possibilidade de ser oral ou escrito, o que sugere a existência de um auditório de receptores, destinatários, ouvintes e/ou leitores. Implica, ainda, a reação dessa recepção. Nesse contexto, instala-se uma interação entre o interlocutor e o autor. A segunda orientação se estabelece a partir da articulação interior do gênero, considerando formas, estruturas e conteúdo temático do enunciado totalidade de sua existência na vida cotidiana, fator que o aproxima de determinada esfera ideológica.

Perceber o gênero a partir da ótica do enunciado em sua totalidade, considerando a dupla orientação na realidade, constitui o entendimento de que esse gênero

[...] entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstâncias. Ela ocupa certo lugar, que é concedido pela vida, enquanto corpo sonoro real. Esse corpo está disposto entre as pessoas que estão organizadas de determinada forma. Essa orientação imediata da palavra como fato, mais exatamente como feito histórico na realidade circundante, determina toda a variedade de gêneros dramáticos, líricos e épicos (MEDIVIÉDEV, 2019, p. 195).

O autor destaca que o gênero, a partir do enunciado em sua totalidade, realiza-se de forma eficaz ao entrar na vida e na realidade circundante das pessoas. Esse gênero, ao entrar num espaço e tempo reais, pode ser lido em alta voz ou em silêncio. Pode estar ligado a festividades, lazer, religiosidade ou política. Ele pressupõe um auditório de receptores ou leitores, suas reações e a relação entre autor e receptores. Esse gênero estará sempre ligado ou próximo a determinada esfera ideológica. Mas também se faz necessário estar atento a determinação interna e temática, pois

Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (MEDIVIÉDEV, 2019, p. 196).

Para o estudioso russo, o tema sempre transcende a língua. Ou seja, o tema não está direcionado para a palavra, para a frase ou para o período de maneira isolada, mas de forma contraproducente, direciona-se para o todo do enunciado como aspecto discursivo. Isso revela a impossibilidade da separação do todo da situação do enunciado com os seus elementos linguísticos. É estabelecida, então, uma ligação de interdependência dessas duas orientações. Uma determina a outra.

Essa célere digressão dos autores e suas respectivas obras serviu como auxílio no entendimento, mesmo que de forma resumida, do contexto sócio-histórico e político pelo qual passaram os três principais estudiosos da linguagem, que fizeram parte do chamado Círculo, no momento da escrita de suas importantes obras. O próximo tópico faz uma breve discussão da trajetória das tendências da linguagem.

2.1.4. Um breve percurso das tendências da língua(gem)

O conceito de língua(gem), até as primeiras décadas do século XX, esteve associado à influência do formalismo russo, que compreendeu a língua como um sistema. Houve uma grande efervescência causada por essa teoria formalista na Europa⁷ quando a Linguística ascendeu a *status* de ciência com a publicação da obra *Cours de linguistique générale*⁸ ([1916]), de *Ferdinand de Saussure*.

Nesse contexto, um grupo de intelectuais russos se reunia regularmente e tinha em comum grandes interesses, dentre eles a filosofia e o debate de ideias, mas o elemento de convergência que os unia, segundo Faraco (2009, p. 14), era “a paixão pela linguagem”. Referimo-nos, aqui, ao chamado Círculo de Bakhtin, que além de trazer novas direções ao pensamento filosófico-linguístico, fez surgir as bases nas quais se edificaria a concepção dialógica da linguagem, o que modificaria a forma de compreender o fenômeno linguístico em seus aspectos conceituais e metodológicos.

Assistimos, então, a uma transformação no conceito de língua(gem), no que se refere a língua como sistema para a língua como discurso. Essa mudança que norteou a chamada “virada

⁷ Tendo como um dos maiores representantes Saussure e ainda o Círculo Linguístico de Praga com Roman Jakobson, Nikolai Trubetzkoy e Sergei Karcevskiy.

⁸ Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure.

discursiva”, que será mais bem detalhada mais adiante, se deu por volta de 1925/1926 e levou em consideração “não a língua como objeto específico da linguística”, mas “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2018 [1963], p. 207).

Dentre os vários membros⁹ do chamado Círculo, Volóchinov registra essa importante mudança na concepção de língua(gem) ao apresentar sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]). Ele realiza um corte radical com o que o precedeu e resume as duas tendências paralelas, antagônicas e vigentes à época em: o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*¹⁰. Para que nos façamos entender melhor, passaremos a apresentá-las a seguir:

(i) Subjetivismo idealista/individualista

A primeira tendência – *subjetivismo idealista* – fundada por Wilhelm von Humboldt (1769-1859), analisa o fenômeno linguístico como um ato individual e criativo consciente. Ou seja, traz como alicerce da língua a representação fiel do que existe na mente humana. Considerando apenas a fala, tenta explicá-la a partir da psique do sujeito falante. Segundo Volóchinov,

A primeira tendência analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua (ou seja, todos os fenômenos linguísticos sem exceção). O psiquismo individual representa a fonte da língua. As leis da criação linguística – na verdade são leis individuais e psicológicas; são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 148).

A concepção de língua adotada pela primeira corrente é a de que ela se constrói tomando o ato discursivo como primazia em seus estudos e observa a essência da língua na criação individual. Ou seja, vê o ato discursivo como uma criação puramente psicológica. Desse modo, a concepção de sujeito vai se relacionar diretamente com essa visão de língua, pois esta – a língua – além de ser uma criação individual, tem origem no interior do sujeito. Nesse caso, o sujeito exerce um lugar de destaque como aquele que comanda e cria os atos discursivos, sem interferências sociais.

⁹ Dentre os participantes, citamos o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e os três intelectuais mais conhecidos no meio dos estudos da teoria da linguagem: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. No que diz respeito às obras do chamado Círculo, referimo-nos aqui aos trabalhos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev.

¹⁰ Em nota, o autor russo aponta a dificuldade de uma terminologia que abarque toda a plenitude e complexidade das tendências em questão. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 147-148).

Volóchinov elabora quatro postulados que compreendem a fundamentação desta tendência. São eles:

1. *A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação, realizado por meios de atos discursivos individuais;*
2. *As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas;*
3. *A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;*
4. *A língua como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 148).*

Com fundamento nos postulados acima, a língua foi compreendida como um processo ininterrupto de criação individual, que ocorre através de seus atos discursivos. Esses quatro postulados caracterizam a concepção filosófico-linguística da escola de Vossler¹¹, que recusa o *positivismo linguístico*, pois este não consegue enxergar além das formas linguísticas e do ato psicofisiológico de sua produção.

Para Vossler, o que determina a importância de um fenômeno linguístico para um linguista não são os fatores físicos, políticos ou econômicos, mas o sentido artístico desse fenômeno. Esta parece ser uma concepção puramente estilística da língua, isto é, para o linguista alemão, a realidade fundamental da língua não consiste no sistema linguístico pronto que compreende o conjunto de formas fonéticas, gramaticais, entre outras, mas no *ato criativo individual discursivo*.

Dessa forma, do ponto de vista criativo, somente essa individualização estética da língua é histórica e produtiva em um enunciado concreto. O ato individual da expressão, através da fala, se torna o fenômeno estético fundamental da língua no *subjetivismo individualista*.

Volóchinov desenvolve sua crítica a esta primeira tendência, que toma a língua como criação individual. Para ele, “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 216). Dito de outra forma, o *subjetivismo individualista* apresenta o enunciado como uma expressão do mundo interior do falante. Não obstante isso, essa tendência ignora e não compreende a natureza social do enunciado. Para o estudioso russo, a linguagem não pode ser reduzida a um enunciado monológico isolado ou a um ato

¹¹ Karl Vossler foi um linguista alemão que viveu entre o final do Séc. XIX e primeira metade do Séc. XX.

psicofisiológico de sua realização. Ao invés disso, ela é um evento social que considera a interação discursiva ocorrida através dos enunciados concretos.

(ii) Objetivismo abstrato

O pensamento filosófico-linguístico dispõe de outra tendência chamada *objetivismo abstrato*, que possui como objeto de estudo “o sistema linguístico, compreendido como sistema de formas linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 155 [grifos do autor]). Se para a primeira tendência, nada na língua é estável e idêntico a si mesmo, para esta, o enunciado possui elementos idênticos – fonéticos, gramaticais, lexicais – e dessa forma, normativos para a construção de qualquer enunciado para os membros de uma dada comunidade linguística.

Vale salientar que Volóchinov também elabora quatro fundamentos que compreendem esta tendência. São eles:

1. *A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.*
2. *As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado.* Essas leis são objetivas em relação a *qualquer* consciência subjetiva.
3. *As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). [...]*
4. *Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas; [...] Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum. Eles são alheios entre si.* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 162 [grifos do autor]).

A posição do autor russo, nessa segunda tendência, é a de que não há criação consciente da língua por seus membros falantes e nem há espaços para quaisquer avaliações ideológicas. Os membros recebem a língua pronta, como algo acabado, inviolável, indiscutível, que só lhes permite aceitar. Nesse caso, o sujeito é meramente passivo e a lei linguística arbitrária, isto é, desprovida de clareza e sem correspondência natural ou ideológica entre a imagem fonética de uma palavra e o seu significado.

A expressão mais clara do objetivismo abstrato, conforme Volóchinov aponta, é a escola de Genebra de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que tem como representantes principais Charles Bally e Sechehaye que, juntos, editaram e publicaram a obra do mestre genebrino: *Ferdinand de Saussure, Cours de linguistique générale* ([1916]). O linguista afirma que só o

sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua e rejeita a enunciação e o ato de fala. Houve uma segunda edição da obra, publicada em 1922.

Tendo em vista o acima exposto, Volóchinov tece duras críticas também a essa tendência, dentre elas, uma das mais graves é “*a ruptura entre a língua e seu conteúdo ideológico*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 182 [grifos do autor]). Ou seja, a língua sendo um sistema de formas normativas idênticas, em hipótese alguma, pode representar a realidade viva de seus falantes, pois eles estão intimamente divorciados.

Dessa forma, além de tecer duras críticas às duas tendências fundamentais do pensamento filosófico-linguístico, o estudioso russo mostra a urgência em considerá-las não como atividade individual ou sistema, mas como uma atividade social, enfatizando a fala e sua natureza social. O posicionamento do autor é o de recusar essa dupla tendência do pensamento filosófico-linguístico, entendida por ele como algo fora da realidade. Sob esse ângulo, apresentamos o pensamento de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev acerca dessa nova perspectiva da linguagem.

O intuito de traçar esse breve panorama acerca das duas principais tendências do pensamento filosófico-linguista se deu para facilitar a compreensão de que, a linguística da época sozinha, do ponto de vista do Círculo, não podia explicar o que ocorre na totalidade da linguagem. Daí surge a necessidade de uma visão de linguagem a partir das relações dialógicas que considerasse as interações verbais e o sujeito social. Trata-se da concepção dialógica da linguagem. Para isso, Bakhtin dá nome a uma disciplina que vai além do estudo das formas linguísticas. É o que será visto a seguir.

2.2. As relações dialógicas na linguagem

Nesta subseção, abordamos algumas ideias da teoria dialógica propostas por Bakhtin (2016 [1979], 2018 [1963], 2020 [1986]), Volóchinov (2017 [1929]) e Medviédev (2019b [1928]). Neste momento, a finalidade é dar ênfase ao fenômeno das relações dialógicas que compreende a linguagem como forma de interação entre os sujeitos socialmente organizados e historicamente situados. A reflexão se baseia na compreensão do diálogo, não como sinônimo de consenso, mas, em conformidade com o Círculo, como um “tenso combate dialógico” que é parte constitutiva do enunciado, que se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. Ou seja, aceitar incondicionalmente um enunciado é também recusar outros enunciados que se opõem a ele, bem como recusar incondicionalmente um enunciado é, da mesma forma, aceitar outros enunciados que o autenticam. Nesse sentido, as considerações aqui realizadas têm como

intento auxiliar na compreensão dialógica dos gêneros discursivos memes de internet de teor político.

As concepções de língua(gem), vistas anteriormente, seja como um ato individual do que existe na mente humana, seja como um sistema abstrato de formas linguísticas isoladas, não preenchem, segundo Volóchinov (2017 [1929]), os requisitos necessários para dar conta dos usos reais da língua, que ocorrem, exatamente, através da comunicação discursiva concreta, como é o caso das interações nas redes sociais digitais. Seguindo a ordem que apresenta o intelectual russo, para o estudo da língua, temos a seguinte sequência:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2) forma dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 220).

O autor destaca a sequência de estudo da língua que deve ser realizada, a partir do enfoque de que a interação discursiva forma um elo com seu acontecimento real. Nesse sentido, os gêneros discursivos têm íntima relação com essa interação dialógica realizada na vida e na criação ideológica, o que determina aspectos linguísticos.

A formação real da língua também acompanha essa mesma ordem. Ou seja, a comunicação social é formada, nela são produzidas a comunicação e a interação verbais. É nessa interação que são constituídas as formas dos discursos verbais e estas são refletidas na mudança das formas linguísticas. No entanto, é preciso destacar a importância de se compreender o problema das formas dos enunciados em sua totalidade.

A entrada do tema acerca da linguagem nos debates do Círculo, por volta de 1925/1926, foi responsável por fornecer novas direções para o pensamento e para o que seria produzido daí para frente. A linguagem passou a ser o tema central do coletivo pensante e a obra que marcou o início dessa virada discursiva foi o artigo *O discurso na vida e o discurso na poesia*, de Volóchinov, publicado em 1926. Esse artigo tem como finalidade a compreensão da forma do enunciado poético enquanto forma da comunicação estética específica, que se realiza no material da palavra. Para atingir tal finalidade, o estudioso russo explica a necessidade de analisar aspectos do enunciado verbal fora da arte, ou seja, no discurso cotidiano comum, pois a partir dele a essência social da palavra se apresentaria de forma mais fácil, clara e precisa. (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]).

Antes dessa virada, podemos perceber que a temática sobre linguagem não era central em Bakhtin; contudo, já encontrávamos algumas reflexões acerca dela. Conforme afirma Faraco (2009, p. 101), “as grandes coordenadas da concepção de linguagem que o Círculo construiu depois, já estavam presentes em *Para uma filosofia do ato*”. Dentre essas coordenadas, Faraco cita as seguintes:

- a) *a perspectiva da refração avaliativa de nossas relações com o mundo* – fundamento da futura concepção da linguagem como estratificada axiologicamente e do conceitual da heteroglossia, isto é, da multiplicidade das vozes ou línguas sociais;
- b) *a relação eu/outro* – fundamento da grande metáfora dialógica do Círculo, que vai orientar sua compreensão da cultura imaterial e donde emerge a filosofia do riso de Bakhtin e seu conceitual da heteroglossia dialogizada, da bivocalização, do discurso citado;
- c) *o destaque à unicidade dos eventos do mundo da vida* – que sustentará, no futuro, a insistência do Círculo em aproximar sistematicamente as práticas de linguagem do cotidiano e aquelas das diferentes esferas da criação ideológica (FARACO, 2009, p. 101-102).

Nessa direção, para que fosse redimensionado o perfil heurístico dessas grandes coordenadas conceituais, foi preciso submetê-las a uma *semioticização sociologizada*, a fim de compreender sua materialização em linguagem, como também perceber que a linguagem está além de uma concepção puramente formal, isto é, nas relações sociointeracionais, como é o caso do objeto de estudo dessa pesquisa, os memes de internet.

No texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*, escrito em 1924, mas só publicado em 1975, Bakhtin vai tecer uma crítica em relação ao pensamento estético do formalismo russo – que ele chama de *estética material* – e vai apresentar as coordenadas básicas de uma estética geral sistemática – filosófica – a partir da qual seja possível a elaboração de uma poética que supere a limitação da estética material. O filósofo russo aborda, ainda, que todo discurso concreto – enunciado vivo – emerge de maneira consciente num determinado contexto cultural semântico-axiológico – momento histórico e um meio social determinado – de forma que não existiu e nem existirá enunciados neutros.

Não obstante, Bakhtin reconhece que, para conceber uma linguagem estratificada de forma axiológica, precisa de uma disciplina distinta da linguística de forma que possa situar seu estudo. Nesse sentido, o filósofo russo percebe as limitações da linguística, já estabelecida como ciência, e propõe uma outra disciplina específica para fins de estudos da linguagem enquanto prática social, denominada *Metalinguística*¹². Quanto a essa disciplina, ele fará

¹² Diversos autores, tradutores e comentadores, dentre eles, Kristeva, Todorov, Renfrew (2017), Bubnova (2016) e Faraco (2009), preferem utilizar o termo traduzido por *Translinguística*, com a finalidade de evitar equívocos

referência no capítulo 5 de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, escrito em 1929, mas só publicado em 1963.

Desse modo, Bakhtin não desprezou o trabalho realizado pela linguística até então, apenas percebeu que havia fenômenos que ela não conseguia dar conta. Além disso, o mestre russo considerou que os resultados dos estudos linguísticos deveriam ser aplicados na nova disciplina, visto que ambas as ciências estudam o mesmo objeto concreto e complexo – o discurso, sob distintos aspectos e ângulos. Para ele,

[...] a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 2014, p. 88).

A orientação dialógica mencionada por Bakhtin revela que qualquer discurso, seja ele referente a costumes, retórica ou ciência, não pode deixar de levar em consideração o “já dito”, o conhecido, a opinião alheia, pois o que se fala não é mencionado no vazio, para um ninguém, mas num momento situado histórico e socialmente direcionado para alguém.

Nesse sentido, Bakhtin (2018, p. 208) persiste em sua defesa quanto à *Metalinguística*, mencionando que o ângulo dialógico “não pode ser estabelecido por meio de critérios genuinamente linguísticos”, pois as relações dialógicas “não pertencem a um campo puramente linguístico”. Nesse sentido, o filósofo russo vai deixar claro que essas relações dialógicas são relações que vão além da interação face a face. Elas são relações de sentido estabelecidas entre enunciados e possuem como referência o todo da interação discursiva. Por isso, as relações dialógicas não fazem parte do campo de estudo da linguística, pertencem ao campo do discurso. Segundo Medviédev,

não é possível dar consciência e compreender a realidade com a ajuda da língua e de suas formas em um sentido estritamente linguístico. São as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade. Quando se diz que pensamos com palavras, que no processo de vivência, de visão, de compreensão, existe um fluxo de discurso interior, não se compreende o que isso significa. Pois

em meio aos sentidos que a Metalinguística recebeu em meio aos estudos linguísticos e literários. Nesta tese, decidimos seguir a proposição bakhtiniana do termo *Metalinguística*, da mesma forma que seguiram também outros autores e tradutores como Ponzio (2016), Brait, Machado e Souza (2002) e Bezerra (2018).

não pensamos com palavras ou frases, e estas não constituem o fluxo do discurso interior. (MEDVIÉDEV, 2019b, p. 198).

O autor russo deixa nítida a ideia do Círculo de que não são as formas da língua que vão dar andamento ao discurso interior ou trazer consciência e compreensão da realidade, por isso a língua não pode ser separada do campo do discurso. É nesse contexto que trazemos os memes de internet de teor político como gêneros que são completamente permeados das relações dialógicas, haja vista a necessidade dos seus interlocutores terem conhecimento do contexto discursivo do fato que gerou o meme para que este lhe faça sentido.

Bakhtin ratifica o dizer de Medviédev e esclarece a relação do sujeito falante e outros enunciados constitutivamente dialógicos. Para o filósofo russo,

[...] as relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalinguística. Diferem radicalmente de todas as eventuais relações linguísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado. (BAKHTIN, 2011, p. 320).

Bakhtin considera que a língua só pode ter vida na comunicação dialógica daqueles que a usam, mostrando-se interessado nas formas concretas do discurso e nas formas concretas de vida no discurso. É importante ressaltar que o chamado Círculo não considerou apenas as consonâncias, no que se refere às relações dialógicas, mas também as dissonâncias, delas podendo resultar tanto na convergência – o acordo, a adesão –, quanto na divergência – o desacordo, a recusa. Nesse caso, também existem relações dialógicas quando alguém comenta um meme, seja questionando, convergindo ou discordando dele.

Seguindo essa discussão, Volóchinov (2017 [1929], p. 221) ressalta que os enunciados são “unidades reais do fluxo da linguagem” e que para estudá-los não se pode retirá-los de seu fluxo histórico ou isolá-los. A totalidade deles, conforme continua o pensador russo, é determinada pelos limites que se encontram na sua fronteira de contato com o meio extraverbal e verbal. Seguindo o pensamento de Brait (2013), essa totalidade pode ser verificada através das fronteiras do enunciado em contato com o meio *verbo-visual*¹³, isto é, com outros enunciados.

Nesse caso, as bases da interação discursiva que norteiam os estudos da linguagem verbal são estabelecidas a partir de duas orientações: a social e a histórica. Com efeito, os enunciados são imbuídos de ideologia, sua produção e compreensão resultam da atividade

¹³ A questão da verbo-visualidade, aqui mencionada, foi desenvolvida no artigo *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*, pela linguista Brait (2013) e refere-se ao estudo dos diversos gêneros em relação à articulação entre a dimensão linguística – oral ou escrita – e a imagem. Essa questão será retomada e aprofundada mais adiante nesta tese.

social. Admitir, portanto, o caráter interacional e ideológico da língua nos faz pensar que sua verdadeira substância não pode ser constituída pelo

sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou vários enunciados. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-219).

Segundo o autor, o enunciado é a autêntica unidade da comunicação discursiva. Sua materialidade linguística é inerente ao enunciado, não à língua enquanto sistema, como nos referimos anteriormente. Esse enunciado pode até ser reiterado em diversas outras situações comunicativas, nunca, porém, repetido com o mesmo sentido. Mesmo se as formas linguísticas ressurgirem em discursos outros, sua composição em relação aos sons, às entonações, como também aos seus elementos visuais, como é o caso dos memes, não se repetem. O mesmo enunciado, ao se encontrar em outra situação de uso, ganhará novo sentido, distinto do primeiro. O sentido dele estará inteiramente ligado à situação de produção, não havendo, portanto, como separá-los.

É necessário entender que o enunciado não é algo dicotômico ao discurso, mas suas fronteiras são tênues. Consoante Bakhtin,

A definição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2011, p. 274).

Nesse caso, os valores e os conhecimentos dos interlocutores enquanto sujeitos sociais se referem à definição de discurso. Esses valores e conhecimentos só podem ser revelados através de enunciados ou, dito de outra maneira, trata-se do que é efetivamente falado em um processo de enunciação¹⁴ concreta. Fica evidente que o valor do enunciado não é concebido pela língua. Conforme Bakhtin,

¹⁴ Levando em consideração que os termos *enunciado/enunciação* estão presentes em diferentes perspectivas epistemológicas, faz-se necessário mencionar que, *enunciado*, em determinadas teorias, é equivalente a frase ou a sequências frasais; em outras, assume uma visão mais pragmática em oposição à frase, sendo concebida como unidade contextualizada de comunicação e significação; foram as diversas correntes da Pragmática que trouxeram o caráter extralinguístico do enunciado, recorrendo a conceitos de inferência e contexto como atributos imprescindíveis para sua compreensão. Para tanto, destacamos o trabalho de Oswald Ducrot, na Pragmática Linguística, que estabelece diferenciação entre frase e enunciado e entre enunciado e enunciação. Outra perspectiva que vale a pena mencionar é dada através dos estudos transfrásicos, que explicam a natureza do enunciado como uma espécie de texto. Já a Linguística Textual vai opor enunciado a texto; as diferentes Análises do Discurso, em particular, a linha francesa, traz o conceito de enunciado em oposição a discurso, bem como enunciado divergente a enunciação; neste caso, merece destaque a teoria de Emile Beveniste que, mesmo a partir de uma perspectiva estruturalista, apresenta a teoria da enunciação a partir do sistema linguístico, onde o locutor

[...] esses valores dos enunciados [...] não são determinados por sua relação com a língua (como sistema puramente linguístico) mas por diferentes formas de relação com a realidade, com o sujeito falante e com outros (alheios) enunciados (particularmente com aqueles que são avaliados como verdadeiros, belos, etc.) (BAKHTIN, p. 329-330).

Segundo o mestre russo, o valor do enunciado vai além das relações puramente linguísticas. Há de se mencionar que as relações entre dois enunciados, ainda que “distantes um do outro, tanto no tempo como no espaço” (BAKHTIN, p. 331), sem nada saberem um do outro, mas que tenham algum ponto em comum sobre o tema ou o ponto de vista, apresentam relações dialógicas entre si.

Por outro lado, é importante não confundir as relações dialógicas do enunciado, já aqui explicadas, com o seu tema. Consoante as palavras de Volóchinov,

uma significação única e determinada, isto é, um sentido único pertence a qualquer enunciado *como uma totalidade*. O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu *tema*. [...] o tema deste é individual e irrepitível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 227-228 [*grifos do autor*]).

O autor confirma a propriedade pertencente a cada enunciado; trata-se, portanto, do tema que é constituído não apenas pelas formas linguísticas (palavras, formas morfosintáticas, sons, entonação), mas também pelas características extraverbais da situação. Além de ser “irrepitível”, o enunciado tem a propriedade de responder e de suscitar respostas a outros enunciados que surgirão em decorrência do acontecimento primeiro.

Volóchinov (2017) ainda argumenta que o que determina a forma do enunciado é a situação social imediata ou mais ampla e, para isso, o conceito acerca de língua é fundamental para esclarecer esse fato. Nas palavras de Bakhtin,

os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra ‘resposta’ no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa

coloca a língua em funcionamento e o seu produto é o discurso e as marcas da subjetividade ali registradas. Por fim, nesta tese, referimo-nos aos termos mencionados que aparecem no conjunto das obras de Bakhtin e do chamado Círculo, sem qualquer diferenciação de sentido, da mesma forma como atribuem os seus autores.

uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. (BAKHTIN, 2016, p. 57 [grifos do autor]).

Diante disso, percebemos a grande influência da perspectiva dialógica no âmbito dos enunciados, pois no processo da interação discursiva, as palavras emergem de outros enunciados e remetem a eles próprios. Na verdade, todos os enunciados, sejam quais forem as suas dimensões e conteúdos, dentro de uma situação real de comunicação, são dialógicos, uma vez que eles são, inevitavelmente, atravessados por discursos outros.

É interessante notar que, diante de uma situação concreta de uso da linguagem, não se utilizam palavras soltas, ou frases aleatórias e sem sentido. Ao contrário, se o objetivo é querer se fazer entender, toma-se uma palavra para fazer parte do enunciado com sentido concreto, afinal, “o significado da palavra refere uma realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2016, p. 50). Para tanto, é necessário deixar evidente que o dialogismo abrange o processo da inter-relação e interação discursiva entre os sujeitos. É o que será apresentado a seguir.

2.2.1. O sujeito dialógico

Além do posicionamento de língua(gem) já assumido nesta pesquisa, trazemos também a concepção de sujeito adotada neste estudo. Referimo-nos ao sujeito dialógico, participante ativo no processo de interação discursiva. Sujeito esse que, nesta pesquisa, é evidenciado como os internautas que produzem, compartilham e, de alguma forma, interagem com os memes de internet de teor político, nas redes sociais digitais.

Bakhtin se evidencia crítico à ideia de que o sujeito seja determinado pelo sistema, ocupando ele um posicionamento passivo, submisso e neutro às outras vozes. A esse respeito, o filósofo russo afirma que

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Segundo o pensador, não existem enunciados novos. Ele realiza uma alusão a um “Adão mítico”, como referido anteriormente, no qual o discurso primeiro se deu, que originou

o dizer; depois dele, todos os outros discursos que aconteceram e que ainda acontecerão tiveram ou terão relação com o “já dito”.

Destarte, o sujeito que ocupa um lugar significativamente responsivo e ativo diante de quaisquer construções discursivas percebe e compreende os seus sentidos, passando a convergir ou divergir dessas construções, parcial ou totalmente, complementando-as, aplicando-as e usando-as em seus próprios discursos, de maneira que, tanto o falante quanto o ouvinte ou o autor e o leitor se alternam (alternância dos sujeitos do discurso).

Nesse sentido, podemos perceber quantas interações são realizadas diariamente no compartilhamento de memes nas redes sociais digitais. Há os que concordam, discordam, comentam, curtem, compartilham e interagem, de alguma maneira, com esses gêneros deixando pistas de seu posicionamento axiológico.

Esses sujeitos dialógicos se diferenciam, consideravelmente, de um plano linguístico e comunicacional que os engessa em seus papéis, atribuindo processos ativos ao falante ou ao que compartilha memes e passivos ao ouvinte ou ao que apenas observa a publicação, pois “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25) ou o que observa as publicações de outras pessoas nas redes sociais pode interagir com elas, revelando seus posicionamentos críticos.

Nesse sentido, não há ouvinte, leitor ou observador com compreensão passiva inserido na comunicação discursiva; todavia, há sim compreensão responsiva ativa entre falante e ouvinte, ou entre internautas que publicam em suas redes e os que apenas observam sem interação ativa naquele exato momento. Ou seja, a resposta pode se concretizar não apenas de forma verbal ou visual, mas também através de ações, podendo não ocorrer de maneira imediata, pois “cedo ou tarde, o que foi ouvido”, lido ou visualizado “e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2016, p. 25), do leitor ou do observador de internautas nas redes sociais digitais. Dessa forma, o ato de não curtir, não comentar ou não compartilhar também é uma resposta ativa do sujeito.

Bakhtin assegura que o sujeito dialógico, além de ser marcado por profunda heterogeneidade, é um indivíduo socialmente organizado, concreto e encarnado. Para o filósofo da linguagem, não há sujeito passivo no discurso, pois se trata de alguém que pensa, que realiza atos e é totalmente responsável por estes.

Nesse sentido, Sobral (2019) ratifica a visão bakhtiniana de que ato não significa “apenas algo mais do que uma ação física e a simples realização mecânica de atos, mas também,

e especialmente, ato realizado de maneira intencional, um modo de agir no mundo” (p. 23). Um simples *like* pode evidenciar uma postura crítica de alguém nas redes sociais digitais. Desta feita, sendo o sujeito um centro valorativo, é através dele que as condições da unidade do ato se realizam. É o que será exposto a seguir.

2.2.2. O ato responsável

O texto *Para uma filosofia do ato responsável*, escrito por Bakhtin entre 1920 e 1924, publicado, postumamente, em 1986, figura entre os mais difíceis do filósofo russo, que aborda questões essencialmente filosóficas e que, para compreendê-lo, segundo Amorim (2016, p. 19), “merecia uma análise bakhtiniana profunda para iluminá-lo por meio dos diálogos filosóficos que o atravessam e o constituem”. Para tanto, fomos buscar em Amorim (2016, 2019) e Sobral (2013, 2019) iluminação necessária para compreendermos a essência do ato responsável. Nessa direção, pretendemos esclarecer como o ser-evento irrepetível do sujeito está estreitamente atrelado aos seus atos singulares como produzir, compartilhar, curtir e comentar os memes de internet de teor político nas redes sociais.

Esse texto de Bakhtin se tornou o modelo matriz para que, no futuro, apresente todo o seu arcabouço teórico sobre dialogismo. Com ele, outros conceitos como eventicidade, responsabilidade, corporificação, acabamento e inacabamento foram indispensáveis à visão bakhtiniana de mundo e de arquitetônica das relações eu-outro.

A *Filosofia primeira como filosofia do ato*, conforme Sobral (2019, p. 23-24) “envolve uma epistemologia (teoria do conhecimento), uma gnosiologia (teoria da validade do conhecimento para o sujeito cognoscente), uma axiologia (teoria do valor) e uma ontologia (teoria do ser e dos entes)”. Bakhtin (2020 [1986]) vai defini-la como uma arquitetônica que designa sentido a partir da relação intrínseca entre o sujeito concreto e seu agir. Para ele,

O ato – considerado não a partir do seu conteúdo, mas na sua própria realização – de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida; orienta-se por ele e o considera em sua completude – seja no seu aspecto conteudístico, seja na sua real facticidade singular; do interior, o ato não vê somente um contexto único, mas também o único contexto concreto, o contexto último, com o qual relaciona tanto o seu sentido assim como o seu fato, em que procura realizar responsabilmente a verdade única, seja do fato seja do sentido, na sua unidade concreta. (BAKHTIN, 2020 p. 79-80).

Segundo o autor russo, somente é possível uma aproximação singular e única ao existir na realidade concreta a partir do interior do ato real e singular. Ou dito de outra forma, a filosofia

do ato o vê a partir do interior de sua efetiva realização, unindo o subjetivo e a objetividade da realização do ato. Sobral (2019, p. 63) afirma que “o sujeito situado”, por sua vez, “é o agente do ato responsável” e esse ato “é o foco da filosofia primeira de Bakhtin”.

Nesse sentido, entendemos que o sujeito do pensamento-ato ou da criação-ato não recebe a axiologia valorativa de forma impositiva, antes, de sua própria posição, valora esse ato em sua devida circunstância. Ou seja, tanto os internautas que apenas observam postagens e não interagem naquele momento com elas ou aqueles que produzem/publicam memes ou com eles interagem em suas páginas, por exemplo, não o fazem de maneira forçada, mas valoram esse ato a partir de seu tom emotivo-volitivo. Este tom é concedido ao ato, mesmo quando este ainda é um pensamento. Nessa discussão, Bakhtin (2020 [1986]) afirma que nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não fosse estabelecido um vínculo fundamental entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo. Ou seja, o valor do ato é afirmado por quem o pensa e, de modo algum, se encontra indiferente a ele no existir singular.

Consoante Sobral (2019, p. 70), “o sujeito é, portanto, sempre relacional, nunca isolado, ainda que seu ato seja somente seu”, o fato é que ninguém pode ocupar o lugar do outro, o ato de um sujeito só pode ser a sua própria versão. Nesse sentido, percebemos que o ser-evento irrepetível do sujeito e os seus atos singulares estão estreitamente atrelados. Para Bakhtin, não há alibi na existência. Cada um é responsável por si mesmo em determinado tempo e espaço únicos na vida. Segundo o filósofo russo, o que for da obrigação do sujeito, somente ele pode cumprir, sem relegá-la a mais ninguém. Esse acontecimento se dá não em um estado de passividade ou neutralidade, mas de forma ativa, irrepetível e única.

Diante do que foi dito até aqui, é notável que uma teoria se torna inválida caso não seja pensada por sujeitos concretos. No “centro do ato”, nos diz Sobral (2019, p. 23), “está o sujeito humano”. A ausência do ato singular e irrepetível desse sujeito que o pensa, vai reduzir a teoria a uma possibilidade, o que, segundo Amorim (2019, p. 12) configura “um conhecimento incompleto”.

Com isso, Bakhtin afirma que a palavra, tomada para fazer parte de determinado enunciado, possui uma posição responsiva – seja ela de afirmação, negação, acordo, desacordo, simpatia, apatia – o que lhe garante uma valoração expressiva pertencente não à palavra, mas ao enunciado, a quem a enuncia. Trata-se do “tom emocional”, do “colorido emocional”, do “elemento axiológico”, da “auréola estilística” mencionados por Bakhtin (2016, p. 50). O fato é que, será que só existem enunciados verbais? E como fica a questão das imagens na teoria dialógica? Há espaço para elas na teoria do Círculo? É a reflexão que será feita a seguir.

2.3. Dimensão verbo-visual do enunciado

Ao adentrar a obra do Círculo, é nítida a percepção que tem o pesquisador acerca do grupo de pensadores russos, que não estavam com o objetivo de criar categorias para análises de objetos, sejam eles artísticos ou não. Sobre essa vertente, Grillo (2012, p. 242) afirma que “não se pode esperar um corpo estruturado de conceitos a serem empregados em análise”. Não se pode negar que há uma aversão de Bakhtin a sistemas teóricos fechados, engessados em si mesmos. Ele chama esses sistemas, negativamente, de ‘teoretismo’. O coletivo pensante entra em embate com o formalismo russo justamente por não considerar formas prontas, estáticas e acabadas.

Nesse sentido, a estudiosa esboça os fundamentos teóricos para uma abordagem bakhtiniana de enunciados verbo-visuais a partir de quatro aspectos, são eles: a epistemologia dialógica, a estética, a noção de autoria e a delimitação do objeto de estudo.

O primeiro fundamento, a epistemologia dialógica bakhtiniana, rejeita tanto “o positivismo no qual as categorias de análise decorrem da observação atenta do objeto de estudo”, quanto a “crença no poder absoluto dos modelos teóricos para determinar a natureza do objeto observado” (GRILLO, 2012, p. 242).

O segundo fundamento, a estética filosófica, vai fornecer três chaves para se abordar enunciados não-verbais: (i) uma estética filosófica que abrange distintas composições artísticas, como a pintura, a música, a arquitetura e a literatura, o que mostra que o projeto do Círculo não está centrado apenas na palavra, no dizer, vai além disso; (ii) uma análise em vários campos da cultura e suas fronteiras, como: a literatura, a ciência, a religião, a política etc.; e, por fim, (iii) uma abordagem que visa à totalidade do enunciado.

O terceiro fundamento versa sobre a noção de autoria e sua relação com os gêneros discursivos. Grillo (2012) menciona três vertentes nas quais oscilam os termos falante, sujeito ou autor. Os primeiros escritos de Bakhtin fazem uma abordagem do sujeito responsivo, responsável, único e inconcluso, a partir da filosofia ética, que teve enfoque em *Para uma filosofia do ato responsável*. Já a estética literária desenvolve a noção do autor-criador a partir da ação de acabamento temático do enunciado, o que leva em consideração a relação axiológica do autor-criador com as ligações que antecedem e sucedem a comunicação discursiva. E, por fim, a terceira vertente deste fundamento que envolve a abordagem sociológica, que destaca a importância do posicionamento do sujeito na hierarquia social em relação ao enunciado e seus tipos relativamente estáveis. A segunda e terceira vertentes se concentram na concepção estética no texto *Os gêneros do discurso*.

O quarto e último fundamento apresenta a delimitação do objeto de estudo, nesse caso, os enunciados visuais e verbo-visuais, a partir de dois aspectos: “a distinção entre formas não-representativas e figurativas, e as modalidades visuais produtos da cultura humana” (GRILLO, 2012, p. 236), construídos através das relações dialógicas.

Por fim, em busca de uma teoria que fundamente a verbo-visualidade, Grillo aponta para a obra de Bakhtin e do Círculo. Em seu dizer:

Primeiramente, a epistemologia dialógica evidencia tanto a importância do aparato teórico-metodológico, quanto a relevância da observação atenta do objeto de análise. Em segundo lugar, a estética filosófica pauta-se pela abordagem de enunciados em diversos planos de expressão - visual, verbal, musical, etc – e pela observação das inter-relações entre os diversos campos da cultura. Em seguida, a compreensão do projeto discursivo do autor do enunciado ocupa um lugar central na obra bakhtiniana, em contraponto, por exemplo, com a semiologia de Barthes ou a semiótica da Escola de Paris. Por fim, os princípios de delimitação do objeto de estudo - a distinção entre formas não-representativas e figurativas, e as modalidades visuais produtos da cultura humana – sinalizam para um vasto campo de estudo, ao mesmo tempo que orientam a seleção e a análise desses objetos (GRILLO, 2012, p. 244-245).

Tendo em vista o que foi dito até aqui, a autora traz uma conclusão inconclusa, pois deixa em aberto, não fecha possibilidades para esse vasto campo de estudos para os enunciados heterogêneos.

Em relação à questão de autoria, Grillo (2012) ainda aponta uma relação muito pertinente que pode ser a origem de conflitos entre as dimensões verbal e verbo-visual na autoria distinta, que faz referência a dois planos de expressão que são produzidos por diferentes autores em um mesmo gênero, como é o caso do artigo de divulgação científica em um jornal, onde o autor é diferente de quem escolhe as imagens ou outros elementos ilustrativos para a composição do referido artigo. Ou até mesmo quando o próprio autor do artigo seleciona imagens que são de outros autores para a construção desse artigo. Brait (2013, p. 44) volta à questão da autoria e mostra que, caso o enunciado/texto verbo-visual se apresente sob uma perspectiva dialógica, a questão da autoria se caracteriza na dimensão enunciativo-discursiva, podendo ser individual ou coletiva.

Brait (2013) chama de “dimensão verbo-visual de um enunciado” que leva em conta a linguagem verbal e a visual no desempenho de sentidos e, de forma alguma podem se separar, pois se perde parte da expressão e compreensão da construção de sentidos desses enunciados. A estudiosa aponta que as contribuições teórico-metodológicas do Círculo sustentam a perspectiva não apenas da linguagem verbal oral ou escrita, mas da linguagem geral. A materialidade do signo em geral é discutida pelo Círculo:

A consciência individual se nutre de signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência de seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrarão absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97-98).

O teórico russo aponta para a relação entre signo e consciência, no que se refere não somente ao signo verbal, mas também ao signo em geral. Ele volta a mencionar o visual na relação entre atividade mental e enunciação:

Quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. Tudo isso que dissemos lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia analisado por nós. *A consciência é uma ficção fora da objetivação, fora da encarnação em um material determinado* (o material do gesto, da palavra interior, do grito). [...] a consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 211-212 [*grifo do autor*]).

O intelectual russo traz o contexto da consciência que, quando fora de seus objetivos, torna-se ficção, mas quando inserida num enunciado finalizado, dentro da direção da situação social e aos interlocutores concretos, adquire status de fato objetivo de grande força social. Nesse trecho, é nítida a imersão de Volóchinov no campo dos estudos visuais e sua grande contribuição que vai além dos estudos discursivos. Com isso, Brait afirma:

a perspectiva semiótico-filosófica-ideológica, justamente a que vai construir o que Voloshinov designa como signo ideológico, é a que serve de fundamento para a leitura do visual, da cultura visual, ainda que Voloshinov, *aparentemente*, não tenha se dedicado à imagem (BRAIT, 2013, p. 46 [*grifo da autora*]).

Além do visual¹⁵, é relevante o trabalho do Círculo com o verbo-visual, apontado por Brait. Para tanto, necessário se faz diferenciar dois aspectos distintos: (i) estudos que dão base para fundamentar o visual, em especial, ligados à arte; e, (ii) estudos que procuram explicar a

¹⁵ O artigo *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*, menciona dois estudos que reconhecem, a partir do pensamento de Bakhtin e do chamado Círculo, o estudo do visual. A autora se refere “a *Tekstura. Russian Essays on Visual Culture*, editado por Alla Efimova e Lev Manovich, com um prefácio de Stephen Bann, publicado em 1993, *Bakhtin and the Visual Arts*, de Deborah J. Haynes, 1995 e, mais recentemente, 2013, *Bakhtin Reframed*, da mesma autora americana” (BRAIT, 2013, p. 45).

união do verbal e do visual no mesmo enunciado, podendo ocorrer na arte ou fora dela. Para que isso ocorra, Brait ainda esclarece:

Se entendemos que a teoria bakhtiniana da linguagem é uma teoria do discurso, que trabalha com enunciados situados, sempre em tensão, necessariamente tomaremos as relações dialógicas como uma categoria fundante, juntamente com as demais que foram levantadas por Efimova, Manovich e Haynes como fundamentais para a análise do verbal, do visual e, conseqüentemente, do verbo-visual, objeto desta reflexão (BRAIT, 2013, p. 51).

Nesse fragmento, a autora se refere às relações dialógicas como um acontecimento real e presente na teoria dialógica do discurso e as toma como categoria fundante para a análise do verbal, do visual e do verbo-visual. Além dessa categoria, ela ainda menciona as gradações que podem ocorrer mais para o visual ou para o verbal; no entanto, que ocorrem num mesmo plano expressivo, com determinada combinação de materialidades, numa estruturada expressão material. Essas relações dialógicas são entendidas como relações de sentido que permeiam a existência do objeto de estudo desta pesquisa, no caso, os memes de internet de teor político.

Brait (2013) finaliza seu artigo apontando para a exigência de empenho e rigor teórico-metodológico na construção do trabalho com a verbo-visualidade fundamentado, favoravelmente, no pensamento de Bakhtin e o Círculo. Ela destaca que a autoria tanto pode ser individual como coletiva a depender dos diferentes tipos de interlocuções, de discursos, o que demonstra relações mais ou menos tensas, podendo ser face a face gerado entre verbal e visual, que se expõem como alteridades que solicitam memórias de sujeitos e objetos, com o intuito de originar novas identidades.

Destacamos aqui que os memes de internet, de formato *image macro*, segundo o que as autoras propõem, são enunciados de autoria coletiva, que envolvem a verbo-visualidade e são caracterizados pela materialidade de cada um na especificidade de sua produção, circulação e recepção, pelos interlocutores a que se destinam e pelas esferas em que circulam. É importante salientar que esses elementos vão construir conhecimentos mesmo quando o assunto parece ser o mesmo. Outro estudioso afirma que,

Um meme muito comum e bastante amplo é o *image macro*. Um *image macro* é um conjunto de ideias estilísticas para adicionar texto a imagens. Alguns *image macros* envolvem adicionar o mesmo texto a várias imagens, e outros envolvem adicionar textos diferentes a uma imagem comum. (DAVISON, 2020, p. 149-150).

Nesse sentido, o gênero em sua tríade comporta composição, estilo e tema, e essa tríade envolve tanto diferenças textuais como discursivas; dessa forma, segundo Brait (2013, p. 63), “a importância da verbo-visualidade parece confirmar-se”, pois, de maneiras distintas em cada

enunciado, articulam-se o verbal com o visual. A seguir, discutimos a multimodalidade discursiva e seus possíveis desafios para a teoria discursiva dos gêneros.

2.4. A multimodalidade discursiva e o verbo-visual: um diálogo (im)possível?

Nesta subseção, abordamos a multimodalidade discursiva, marcada pela relação de diferentes semioses e realizamos um diálogo entre ela e a dimensão verbo-visual. No dizer de Dionísio e Vasconcelos (2013), a multimodalidade pode ser entendida como a combinação dos diferentes modos semióticos (imagem, escrita, som, música, linhas, cores, tamanhos, ângulos, entonação, ritmos, efeitos visuais, melodia etc.) são realizados. No entanto, é necessário esclarecer que “recursos semióticos é o termo que tem sido utilizado para descrever esses modos e como eles se integram através das modalidades sensoriais (visual, auditiva, olfativa etc.) na construção de eventos e textos multimodais” (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p. 20-21).

Em relação aos gêneros emergentes das plataformas digitais, recorreremos a Fiorin:

Não só cada gênero está em incessante alteração, também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgem (FIORIN, 2018, p. 72-73).

Isso não quer dizer que não haja propriedades formais em sua constituição, mas que há outros elementos significativos que os compõem. Dionísio (2011), ao conceber gêneros como multimodais, não atrela os aspectos visuais meramente a imagens, fotografias, desenhos e caricaturas, por exemplo, mas à própria disposição gráfica do texto. A autora ainda os concebe como um processo de construção ancorado na mobilização de distintos modos de representação. Isso não se refere apenas aos gêneros escritos, mas também aos orais. Nesse sentido, a multimodalidade abarca não apenas a linguagem verbal escrita, mas também outros registros como a linguagem oral e gestual. Convém destacar que a modalidade falada, segundo a autora, compreende “palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc” (DIONÍSIO 2007, p. 178).

Dionísio ainda argumenta que,

cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para a divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos

especialmente construídos que revelam as nossas relações (DIONÍSIO, 2011, p. 115).

De acordo com a autora, essas combinações estão cada vez mais presentes na sociedade; elas revelam não apenas imagens, mas também as nossas afinidades e, aqui destacamos os nossos posicionamentos políticos. Nesse sentido, os gêneros emergentes das mídias digitais, como os memes de internet de teor político, estão, sem dúvida nenhuma, entre essas combinações. “O termo ‘texto multimodal’ tem sido usado para nomear textos constituídos por combinação de recursos de escrita (fonte, tipografia), som (palavras faladas, músicas), imagens (desenhos, fotos reais), gestos, movimentos, expressões faciais etc.” (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p. 21).

A propósito, Rojo (2013, p. 19) discute o que ela chama de textos/enunciados multissemióticos a partir do “texto contemporâneo, multissemiótico ou multimodal, envolvendo diversas linguagens, mídias e tecnologias”, uma vez que esses textos colocam “alguns desafios para a teoria dos gêneros de discurso do Círculo. Desafios. Não impedimentos!”, segundo ela. A autora faz uma reflexão acerca de como o enfoque global na junção da hibridação e reinterpretação transdisciplinar (pedagogia, semiótica, linguística aplicada, antropologia, sociologia) pode se beneficiar das teorias bakhtiniana e do Círculo. Ela chama a atenção para o exercício reflexivo que realiza, não a partir da aplicação de “um novo objeto impensado pela teoria do Círculo, mas de maneira transdisciplinar, buscando dotar de uma unidade complexa os vários construtos teóricos de diferentes disciplinas que se voltam para o estudo dos textos, discursos e culturas nos multiletramentos” (ROJO, 2013, p. 19).

O fato é que as novas formas de produção, configuração e circulação de textos não são mais as mesmas de outrora. O surgimento da internet, do acesso às tecnologias digitais da informação e comunicação e do acesso às redes sociais digitais mudaram para sempre a vida das pessoas e das sociedades. Hoje, as informações e as comunicações ocorrem em tempo real, numa velocidade intensa e vertiginosa, o que, muitas vezes, é motivo para o distanciamento dos meios impressos e morosos, e implica, segundo Chartier (1998), Beaudouin (2002) e Jenkins et.al. (2014) mudanças expressivas na forma de ler, produzir e fazer circular textos nas sociedades.

Chartier (1998) destaca a importância que os novos suportes de texto (tela do computador) dão ao leitor em intervir não mais na margem ou no sentido literal e figurado do texto, mas no coração, no centro dele. Esse modo de lidar com o digital, claro, não se limita ao computador, mas vários outros dispositivos interativos auxiliam nesse processo diário, contínuo e sem volta, como os *smartphones*, *iPads*, *iPhones*, *smat TVs*, *smart watches* etc.

Beaudouin (2002) vai mostrar o quanto o texto eletrônico alterou as relações de leitura e escrita, de autor e leitor, e o quanto isso também alterou as formas de leitura da era do impresso e do manuscrito. Há, segundo ele, uma separação nítida, na produção de um livro, entre o seu autor, copista, editor, gráfico e o seu leitor, o que não acontece mais no meio digital, pois a leitura e a escrita são elaboradas ao mesmo tempo, a partir de uma mesma situação e num mesmo suporte.

Jenkins et. al. (2014, p. 24), enfatiza que há um movimento em torno “de um modelo mais participativo de cultura”, é o que ele chama de “cultura participativa”. O autor cunhou esse termo, inicialmente, para diferenciar as atividades de uma comunidade de fãs de outros tipos de espectadores; no entanto, com a evolução do termo, atualmente se refere a uma variedade de grupos que produzem e distribuem mídia com o objetivo de alcançar seus objetivos coletivos. Nesse sentido, entendemos que esse público não é mais visto apenas como aqueles que consomem conteúdos previamente construídos, mas como pessoas que moldam, compartilham, reconfiguram e remixam esses conteúdos de mídia, de formas jamais antes pensadas.

Rojo (2013, p. 20), ainda, ressalta que “poderíamos aqui, não mais falar de leitor-autor, mas de *lautor*”, deixando claro que, essa nova maneira de “explicar” o leitor cria situações de produção de leitura-autoria. Ela menciona os *chats*, páginas, *twits*, *posts*, *ezines*, *epulps*, *fanclips* etc., como novos escritos e, dessa forma, novos gêneros discursivos. “Isso se dá”, segundo ela, “porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de ‘leitura-escrita’, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua *multissemiose* ou em sua multiplicidade de modos de significar” (Idem).

A teoria bakhtiniana aborda o tema da autoria, em maior ou menor grau, em todos os escritos do filósofo russo. O tema é tratado a partir de uma extensa elaboração de natureza filosófica, portanto convém dar “a Bakhtin o que é de Bakhtin”, como diz Paulo Bezerra no prefácio de *Problemas da Poética de Dostoiévski*. O filósofo russo vai teorizar o autor distinguindo o autor pessoa (o escritor, o artista) do autor criador (a função estético-formal engendrador da obra).

Quando Bakhtin desenvolve a noção de autor criador, ele demonstra que este é quem dá forma ao conteúdo, não se trata de fazer um registro passivo da vida, mas, ele assume determinada posição axiológica, recorta e reorganiza os eventos da vida de forma estética.

O ato criativo envolve, desse modo, um complexo processo de transposições refratadas da vida para a arte: primeiro, porque é um autor criador e não o autor pessoa que compõe o todo estético – há aqui, portanto, já um deslocamento refratado à medida que o autor criador é uma posição axiológica

conforme recortada pelo autor pessoa. [...] a posição autoral é, no fundo, uma máscara autoral – autorar é assumir uma máscara (determinada posição axiológica, determinada voz social). Nesse sentido, Bakhtin entende que não há enunciado em que se possa encontrar uma face; encontramos sempre ali um autor criador (uma máscara, portanto) (FARACO, 2009, p. 90-91).

O autor faz uma leitura clara da obra bakhtiniana em relação a essa transposição de planos da vida para a arte, uma vez que, ela é refratada e refratante. Isso quer dizer que, essa transposição é dada através de certo viés valorativo, ou seja, a posição do autor criador é refratada por se tratar de uma posição axiológica recortada pelo viés valorativo do autor pessoa; e, também, é refratante porque é por meio dela que os eventos da vida são recortados e reordenados esteticamente.

É importante destacar que, para o Círculo, os processos semióticos – quaisquer que sejam eles – tanto refletem quanto refratam o mundo. E nesse contexto, não se trata de um processo de mera repetição do mundo objetivo, mas uma remissão do mundo que entra no horizonte apreciativo das pessoas em diferentes momentos sócio-históricos de suas existências.

Outro fator de extrema importância é o que Bakhtin chama de deslocamento no plano da linguagem, que visa não à linguagem gramatical, mas ao deslocamento das vozes sociais – o heterodiscurso. Segundo o filósofo russo, o discurso do autor criador, num romance, não é a voz direta do autor pessoa (do escritor, por exemplo), mas se trata de uma voz social qualquer, que tem por objetivo organizar o todo estético e essa voz só será esteticamente criativa se ela fizer o devido deslocamento da voz do autor pessoa. Diz o autor soviético: “se não estiver cortado o cordão umbilical que une a personagem ao seu autor criador, então não estaremos diante de uma obra de arte, mas de um documento pessoal” (BAKHTIN, 2018, p. 57-58).

Não obstante, chamamos atenção para as vozes sociais que ecoam a partir dos memes políticos; além de evidenciar o posicionamento axiológico e valorativo do autor que produziu determinado meme, é também a voz social daqueles que, de alguma forma, sentem-se representados nele. Nesse sentido, a “cultura participativa” a qual mencionam Jenkins et. al. (2014) tem papel fundamental na divulgação, na propagação, no compartilhamento e nas interações com essas produções, pois “todos nós estamos nos tornando publicitários para as coisas que nos importam” (BAKHTIN, 2018, 361).

É evidente que quaisquer interações para com essas produções são aqui entendidas como “ato responsável” - o qual menciona Bakhtin (2020) - e para quem o fundamento teórico-filosófico é construído como o centro de filosofia primeira:

Somente o ato responsável supera toda hipótese, porque ele é – de um jeito inevitável, irremediável e irrevogável – a realização de uma decisão; o ato é o resultado final, uma consumada conclusão definitiva; concentra, correlaciona

e resolve em um contexto único e singular e já final o sentido e o fato, o universal e o individual, o real e o ideal, porque tudo entra na composição de sua motivação responsável; o ato constitui o desabrochar da mera possibilidade na singularidade da escolha uma vez por todas (BAKHTIN, 2020 [1986], p. 80-81).

No conceito de ato responsável, Bakhtin apresenta a realização definitiva do singular, do irrepitível, sem nenhum dano ao que há em comum a todos os atos. Até que se realize, o ato não passa de mera potência, algo que pode ou não se concretizar. O teórico inicia seu empreendimento da relação do eu com o outro, sem perdas para o individual do sujeito, todavia, enxerga o irredutível e o irrepitível do caráter singular de cada um. Ele apreende o todo do ato em geral, sem, contudo, descartar a singularidade de cada sujeito. Sobral sintetiza bem esse fato:

Vemos aqui claramente que Bakhtin defende a existência de uma relação de interconstituição dialógica entre o particular e o geral, o prático e o teórico, a vida e a arte etc. que não privilegia nenhum desses termos, mas os integra na produção de atos, de enunciados, de obras de arte etc. (SOBRAL, 2019, p. 64-65).

É nítido que além de Bakhtin resguardar a existência da relação dialógica, aqui entendida como relação de sentido, na construção do sujeito, ele não gera prejuízos ao que chama de singular, de individual nessa composição do ser que só pode ser determinado através do ato, que tudo agrega, nos enunciados, nas obras de arte. Bakhtin (2020, p. 84) afirma que, “historicamente a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato, e somente nos tempos recentes de sua história começou a servir o pensamento abstrato”. Para ele, o abstrato é estranho à linguagem e esta está atrelada à vida vivida e não à teoria. E continua:

A expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. (BAKHTIN, 2020, p. 84).

O filósofo da linguagem expressa aqui o que mais tarde vai ser o enunciado e o fundamento para as relações dialógicas: referencialidade, expressividade e endereçabilidade, que aqui entendemos como relações de sentidos. A plenitude da palavra é, portanto, a palavra tomada em sua integralidade, em seus vários aspectos. Essa palavra plena é vinculada com essa “expressão do ato a partir do interior e a expressão do ser-evento singular em que esse ato se realiza” como mencionado na citação acima.

A palavra plena é a palavra direcionada ao outro, é a palavra que modifica esse outro e o próprio enunciatador. Jamais a palavra que realiza plenamente o significado é realizada plenamente, somente ocorre num sistema abstrato, onde sua significação será vista como plena,

por estar determinada desde sempre. A palavra plena é por nós compreendida como a que realiza plenamente o seu sentido e não o seu significado. Eis a importância da presença das relações dialógicas na construção e na contextualização dos memes em relação ao existir-evento, ou seja, às práticas sociais que os derivaram.

O agir responsabilmente envolve não apenas o “eu”, mas o outro. O sujeito, de forma inteligível, realiza o seu ato para alguém, partindo do que já sabe ou presume acerca desse alguém. Sobral (2020, p. 72) vai afirmar “que o ser-evento irrepitível do sujeito e os atos singulares de cada sujeito estão estreitamente vinculados: o ato realizado participa do ser-evento”, o autor se refere ao seguinte trecho de Bakhtin:

Não é necessário, obviamente, supervalorizar o poder da linguagem: o existir-evento irrepitível e singular e o ato de que participa são, fundamentalmente, exprimíveis, mas de fato se trata de uma tarefa muito difícil, e uma plena adequação está fora do alcance, mesmo que ela permaneça sempre como um fim (BAKHTIN, 2020, p. 84).

É daí que, segundo Bakhtin (2020, p. 84), se estabelece a filosofia primeira: “procura se aproximar do existir-evento como o conhece o ato responsável”, ou seja, “o ato toma consciência de si mesmo e se realiza de maneira responsável”, não indiferente. Dito de outra forma, o ser age relacionalmente, não de maneira isolada, independente, mas cada sujeito está intrinsecamente vinculado a outro, de forma que o ato se realiza no ser-evento. O autor menciona a possibilidade de não se conseguir exprimi-lo plenamente, ou seja, “trata-se de um ideal a ser buscado, mesmo com poucas chances de ser alcançado” (SOBRAL, 2020, p. 71). Para ser alcançado precisa do pensamento não indiferente.

A propósito, voltamos ao “lautor” e nos perguntamos se, considerando a teoria dialógica e todas as considerações até aqui realizadas, essa seria a melhor saída para “definir” leitor/autor diante da leitura/produção de um texto composto através da verbo-visualidade apontada por Grillo (2013) ou da multimodalidade expressa por Dionísio e Vasconcelos (2013). Não seria essa uma forma reducionista e rasa de teorias muito mais densas e complexas?

É importante retomar a tese aqui defendida que é a de que os sujeitos vivem suas liberdades e se constituem como tais através de atos responsáveis, como, por exemplo, o de se posicionar, de forma crítica e criativa, através dos memes políticos. Nesse sentido, consideramos, nesta pesquisa, a autoria coletiva dos memes de internet de teor político, a partir de uma posição axiológica de seus interlocutores, através do viés valorativo.

O sentido estabelecido através das relações dialógicas que ocorrem nesses gêneros tanto refletem quanto refratam o mundo a partir do horizonte apreciativo dos seus interlocutores sócio-historicamente situados, a partir de atos responsáveis. Consideramos também que o

gênero em tela é marcado pela multimodalidade, que abrange a combinação de diferentes modos semióticos (imagem, escrita, cores, tamanhos, ângulos, efeitos visuais) na construção da sua dimensão verbo-visual. De fato,

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (BAKHTIN, 2016, p. 12).

É nesse intuito que seguimos nossa discussão sobre os gêneros discursivos na próxima seção.

3. GÊNEROS DISCURSIVOS: UMA (RE)SIGNIFICAÇÃO EM CONSTANTE DIÁLOGO

*O gênero lança luz sobre a realidade,
enquanto a realidade ilumina o gênero.*

Medviédev

Ao abriremos as cortinas para a terceira seção, mencionamos as palavras de Medviédev (2019, p. 201) acerca da vinculação existente entre os gêneros e os fatos da vida, num processo de mútua iluminação. Realizamos aqui uma discussão a partir dos principais estudiosos russos da linguagem, acerca dos gêneros discursivos, o que traz a dimensão da potência desse constructo teórico para os estudos da linguagem. Em seguida, fazemos uma breve discussão sobre a Memética e a teoria de Dawkins. Na sequência, abordamos o gênero meme a partir do olhar de diversos pesquisadores. Por fim, trazemos uma discussão sobre as fronteiras intergenéricas e as esferas discursivas.

3.1. Os gêneros a partir de enunciados situados

A etimologia da palavra gênero vem da base indo-europeia *gen-* que denota ‘gerar’, ‘produzir’. A partir do latim, tem relação alicerçada no substantivo *genus, generis*, que significa ‘linhagem’, ‘estirpe’, ‘raça’, ‘povo’, como também com o verbo *gigno, genui, genitum, gignere*, o que expressa ‘gerar’, ‘criar’, ‘produzir’, ‘provir’. Além da relação entre substantivo e verbo, há ainda a afinidade com as palavras *genitor, primogênito, genital, genitura*. Vale salientar que *kind* (criança) é remetida àquele mesmo alicerce etimológico.

Esse vocábulo estende seu sentido desde a ação de gerar (procriar) até os produtos dessa geração (da procriação), o que implica “organizar” os textos a partir da noção de estirpe (linhagem) para o universo da literatura e da retórica. Dito de outra forma, da maneira que pessoas podem ser agrupadas através de seus laços consanguíneos, os textos também podem ser reunidos através de suas particularidades ou características comuns. Trata-se da reunião de entes distintos, baseada em traços comuns. (FARACO, 2009).

É bem verdade que a noção de gêneros parece surgir com a literatura em Platão, no livro III da *República*, que dividiu a mimese – representação literária da vida – em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Em sequência, Aristóteles desenvolveu dois trabalhos importantes: na *Arte retórica* e na *Arte poética*, que seguiram, durante séculos, sendo

referências no estudo e na discussão dos gêneros. Vale salientar que, embora Aristóteles não tenha realizado uma dicotomia entre as formas das funções e as atividades sociais em que os gêneros literários e retóricos ocorriam, estes foram, ao longo de séculos, compreendidos muito mais como produtos do que como processos.

O Dicionário de Linguagem e Linguística traz o seguinte conceito:

Gênero (2) (*genre*) – Uma variedade de texto historicamente estável, dotada de traços distintivos evidentes. [...] O fato fundamental a respeito de um dado gênero é que ele tem alguns traços distintivos, prontamente identificáveis, que o opõem marcadamente a outros gêneros, e que esses traços permanecem estáveis por um período de tempo considerável. (TRASK, 2004, p. 123).

Conforme a definição trazida por Trask, os gêneros parecem mais ser produtos do que processos. Seus traços distintivos a outros gêneros são interpretados através de um viés mais engessado e rígido, não dando margem para propriedades mais maleáveis e flexíveis. Não é nossa intenção invalidar as propriedades dos gêneros, afinal, eles são reconhecidos e utilizados através dos próprios traços identitários que possuem, mas não somente isso, pois é impossível negar sua plasticidade e mutabilidade.

Em outro trabalho (CAVALCANTE, 2016), trouxemos um panorama das mais variadas correntes teóricas em curso sobre o que levou à reconceitualização dos gêneros nos últimos trinta anos, segundo Bawarshi e Reif (2013). Nesse panorama, foram apresentados os estudos sobre gêneros a partir de seus contextos histórico e teórico, embasando o significado dessa reconceitualização tanto para o estudo quanto para o ensino da escrita.

Dentre as diversas abordagens sobre os gêneros, optamos por prosseguir com a discussão dos gêneros discursivos, trazida por Bakhtin e o chamado Círculo. Por ser mais voltada para a produção de enunciados concretos, tendo em vista sua correlação com as funções sociais, a teoria discursiva dos gêneros proporcionou um olhar diferenciado e foi além do que antes se conhecia somente a partir do clássico par Retórica/Literatura. O fator instigante dessa abordagem é a atualidade dos pensamentos, de forma que fazem parte do alicerce lançado sobre as teorias de pesquisas e de ensino no Brasil e no mundo.

Vale salientar que os membros do chamado Círculo discutiam várias questões, de maneira calorosa, nas rodas literárias, científicas e artísticas da época, o que fez surgir uma aproximação teórica das ideias desses intelectuais. Convém ressaltar a imensa semelhança de temas presentes no primeiro relatório de Volóchinov, nos anos 1925-1926 ao ILIAZV, com temas de obras publicadas e assinadas, posteriormente, por Mikhail Bakhtin, no caso do ensaio *Os gêneros do discurso*, nos anos 1950. Não resta dúvidas de que “houve uma colaboração estreita entre Bakhtin, Medviédev e Volóchinov na segunda metade dos anos 1920, da qual

todos os três se beneficiaram em obras publicadas posteriormente.” (GRILLO; AMÉRICO, 2019, p. 33).

A noção de estudos e teóricos distintos obteve em Medviédev uma apurada discussão teórica e metodológica. O pensador russo além de oferecer explicações acerca de questões basilares para a compreensão dos gêneros literários, também abordou os gêneros do discurso de forma geral, a partir de uma nova visão, distinta dos formalistas russos. Essa discussão sociológica está presente em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, de 1920.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov trava uma discussão teórica depurada sobre as principais tendências do estudo da linguagem tomando como base as escolas de Humboldt e de Saussure. A partir da discussão sobre o diálogo, o intelectual é influenciado pelas obras de Vossler – que considera diálogo como interação face a face ou quando este é escrito, diálogo presumido – Iakubinski e Vinográdov – que consideram o diálogo como a linguagem prática e cotidiana automatizada. Ao lançar um olhar crítico, Volóchinov orienta que o diálogo seja compreendido não apenas a partir dos elementos da situação imediata de comunicação, mas também que se leve em consideração as ênfases valorativas repletas de significação ideológica ou cotidiana, as esferas da atividade humana, entre outros elementos extraverbais. Nesse sentido, lança os alicerces para a construção de um método filosófico-discursivo que analise os enunciados concretos; ou seja, os gêneros do cotidiano, produzidos através da interação discursiva.

Foi em Saransk (capital da república da Mordóvia, na União Soviética), que Bakhtin elaborou o texto *Os gêneros do discurso*, em 1952/1953, mas somente publicado na Rússia, em 1979. O filósofo russo organizou esse texto em duas partes. Na primeira, trouxe o conceito geral de gêneros do discurso e distinguiu a sua natureza em primários e secundários, correlacionando-os ao estilo. Na segunda parte, teorizou sobre o enunciado como unidade da comunicação discursiva, diferenciando-a das unidades da língua (palavras e orações). Apesar da crítica tecida em relação ao formalismo russo, no que abrange o estudo sistêmico da linguagem verbal, o pensador não nega sua relevância para os estudos linguísticos, resignificando o conceito de gênero da teoria clássica.

A noção de enunciado parece servir como base para o desenvolvimento das reflexões acerca dos gêneros, que têm como função social estabilizar e organizar a comunicação humana. Os enunciados fazem parte das necessidades enunciativas dos usuários da linguagem verbal, de acordo com condições e objetivos de determinado campo da comunicação a que se referem. Consoante Bakhtin,

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 262 [grifos do autor]).

A compreensão do pensador russo se ergue através do enunciado, que traz consigo as marcas e as finalidades de cada campo da comunicação – referindo-se aos campos sociais das atividades humanas dos quais se derivou. Isso confere ao próprio enunciado uma relativa estabilidade, que não se dá só por seu *conteúdo e estilo*, mas também por sua *construção composicional*. Isto é, trata-se da organização textual que existe nos gêneros, pois são constituídos e, por conseguinte, refletem os seus aspectos temporais, históricos e sociais.

Desta feita, os campos sociais das atividades humanas, como o científico, o literário, o religioso, o jurídico, o acadêmico e o familiar, entre outros, apresentam necessidades comunicativas específicas e essas necessidades são atendidas a partir dos gêneros discursivos, que são inúmeros e distintos entre si. Esses gêneros são responsáveis por determinados estilos, funções e condições de comunicação discursiva.

Tendo em vista a heterogeneidade dos gêneros e, com base nas diferenças existentes entre eles, Bakhtin (2011) sugere a sua divisão em dois tipos: primários ou simples e secundários ou complexos¹⁶. O estudioso russo mostra que os gêneros primários se constituíram de uma comunicação verbal espontânea, enquanto os gêneros secundários aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída. Cita como exemplos de gêneros primários, o “diálogo cotidiano e a carta”, e como exemplos de gêneros secundários, o “romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 281). Neste último, predomina mais a escrita que a oralidade. O filósofo cita, ainda, como exemplos de escritas complexas, as seguintes: artística, científica e sociopolítica. Os gêneros secundários surgem a partir dos gêneros primários, de forma que esses são ressignificados adquirindo características mais complexas.

¹⁶ Referimo-nos aqui à divisão dos gêneros primários e secundários apresentada por Bakhtin (2011); todavia, essa não é uma classificação singular existente na literatura sobre os gêneros, tampouco ela dá conta de todos os fenômenos relativos a eles.

Embora o pensador sugira uma comunicação verbal espontânea acompanhando os gêneros primários e uma comunicação mais complexa e escrita, seguindo os gêneros secundários, isto não se torna regra para que a fala seja exclusiva da modalidade dos primeiros, tampouco que o segundo seja privilégio apenas da escrita. Dessa forma, a carta se materializa através da escrita e segue como um gênero primário, ao passo que uma apresentação de um projeto científico, ainda que se apresente verbalmente, continuará sendo um gênero secundário, sabendo que ele está relacionado a uma esfera mais complexa de comunicação, que é a científica.

Diante do exposto, os intelectuais russos apresentam um firme propósito em criar uma teoria da linguagem que vai além de todos os estudos de abordagem formalista ou psicologizante, em voga até então. A crítica desses estudiosos ao formalismo russo e a saída em defesa de uma ideia inovadora foi, então, dar à luz a uma teoria sobre gênero com um novo ponto de vista, focado nas relações dialógicas e com a totalidade do enunciado e não apenas com recortes. Não há como negar que existe, nesses constructos teóricos, “uma contemporaneidade surpreendente em relação à perspectiva de língua como fenômeno social da interação discursiva a partir do enunciado” (CAVALCANTE, 2021, p. 244).

A expressão *gêneros do discurso* ganhou mais popularidade no Brasil posterior à reforma do ensino em 1996, com a publicação dos Parâmetros Nacionais Curriculares – PCN, pelo Ministério da Educação. Convém ressaltar que essa popularização trouxe, pelo menos, dois fatores de destaque: (i) essa expressão tomou um alcance de tal maneira que, rompeu os muros das universidades, dos eventos e periódicos científicos voltados à teoria da linguagem, o que a fez se tornar mais popular no meio pedagógico; (ii) essa popularização fez circular, de maneira simplificada, um conceito sem fazer jus a sua devida complexidade, dessa forma, o que teve destaque não foi a dinamicidade de produção (maneira como se constituem) dos gêneros, mas a estaticidade do seu produto (formas), o que vem resultando em uma certa cristalização em seu conceito (NUNES, 2017).

Desta feita, autores¹⁷ vêm questionando a popularização de um conceito raso, sem dar a devida importância ao seu complexo fundamento teórico. Esse olhar simplificado ao conceito de gêneros resultou no engessamento das suas características. Seja na formação de professores, na maneira de apresentá-los aos alunos, na disposição trazida por alguns livros didáticos¹⁸ ou no próprio meio acadêmico. Essa questão vem sendo abordada, na maioria das vezes, de

¹⁷ Dentre eles, citamos Faraco (2009) e Fiorin (2018).

¹⁸ Fazemos apenas referência, uma vez que este não é o tema central de interesse nessa pesquisa.

maneira simplista e rígida, o que fica muito aquém do que vem sendo discutido pelos especialistas acerca dos gêneros.

Fiorin (2018) afirma que “Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção”, pois para o linguista, “[...]interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem” (p. 68); isso não quer dizer que não haja propriedades formais em sua constituição, mas que há outros elementos significativos que os compõem.

Nesse sentido, cabe observar que, por mais estandardizados¹⁹ que alguns gêneros sejam, como por exemplo, ordens militares, documentos oficiais, cumprimentos e felicitações, eles não estão fechados em si mesmos, pois há possibilidades de variações de *entonação expressiva* – o que reflete a individualidade de cada sujeito que os produz. Isso é inteiramente habitual na vida de um gênero, uma vez que ele *reflete e refrata* as mais diversas práticas de comunicação da sociedade em contextos situados.

Por outro lado, os gêneros podem sofrer transformações, reelaborações e variações ao longo de sua trajetória. Outro fato não menos importante que convém mencionar, é o desuso de determinados gêneros. Trata-se do prenúncio de seu inevitável depauperamento²⁰ que, segundo Nunes (2019a), se dá a partir de algumas das práticas sociais e de avanços tecnológicos que acentuam esse processo em determinados contextos, causando seu esquecimento e sua consequente morte.

É bem verdade que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17).

Bakhtin vincula os gêneros – que apresentam características sociocomunicativas determinadas por constituições funcionais, objetivos enunciativos expressos e estilos claramente existentes e definidos com a incorporação da influência histórico-social – a um campo da atividade humana, de forma a refletir particularidades específicas e suas finalidades.

¹⁹ Ver trabalho de Nunes (2017) que analisa o gênero memorando a partir de duas dimensões distintas: (i) contextual – aspectos de produção, circulação e recepção – e, (ii) textual – aspectos linguístico-discursivos. Os resultados revelam o memorando como um gênero complexo em relação ao seu funcionamento discursivo; embora recorra à estabilidade, apresenta considerável heterogeneidade pela diversidade das práticas profissionais que o engendram.

²⁰ A esse respeito, Nunes (2019a) discute as possíveis causas que implicaram a morte do gênero memorando, da esfera administrativa estatal e empresarial. O seu desuso ocorreu por determinação da terceira edição do Manual de Redação da Presidência da República, que alargou o propósito comunicativo do ofício (que se limitava às comunicações institucionais externas e passou a abarcar as comunicações institucionais internas) e preteriu o aviso e o memorando do referido manual. Nesse sentido, fica evidente o peso da determinação de uma instância superior nas relações de força e de poder, que se referem ao (des)uso de determinados gêneros.

Nesse sentido, o enunciado sócio-histórico e dialógico é constituído pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional.

Há de se convir a importância de mencionar essa tríade – *conteúdo temático, estilo e construção composicional* – constitutiva do gênero em meio a um processo dialógico da linguagem; portanto, (i) *conteúdo temático* não é o assunto específico abordado em determinado texto, pois se refere ao domínio de sentido ocupado pelo gênero; (ii) *estilo* diz respeito às escolhas linguísticas para a construção do texto, seja ele mais formal ou informal, mais objetivo ou subjetivo, mais sério ou num tom mais despretensioso; e, (iii) *construção composicional* tem a ver com a estruturação do texto e sua organização, fazendo referência ao tempo e ao espaço para que haja a compreensão necessária entre seus interlocutores.

Nessa direção, as *formas relativamente estáveis* que Bakhtin apresenta estão, segundo Faraco (2009, p. 127), “dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras”. Fiorin corrobora o pensamento do autor, de modo que “não há nenhuma normatividade nesse conceito [...] o vocábulo acentuado [relativamente] indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros” (2018, p. 71).

Ratificamos o pensamento dos autores acima e consideramos que os gêneros em tela, apresentam essa imprecisão em relação às suas características e às suas fronteiras com outros gêneros. A propósito, são mais um processo do que um produto da linguagem, visto que eles – os gêneros/memes – não são rígidos e limitados a uma determinada forma, mas apresentam flexibilidade, pois se (trans/re)formam com a finalidade de responder ao que é novo, tendo em vista que as práticas humanas são vivas, inúmeras e se encontram em constante metamorfose. A seguir, aprofundamos a discussão acerca dos memes, a origem desse termo e a maneira como o mundo científico tem olhado para ele.

3.2. A Memética e a teoria de Dawkins

Muito tem se falado acerca dos memes. Diversos estudos²¹ vêm sendo desenvolvidos sobre o seu conceito, origem, diversos tipos, características, linguagem, entre outros. Certamente, os memes tomaram conta das redes sociais digitais e se propagaram entre os jovens. Mas, de onde veio esse conceito? Quem o cunhou? Com que objetivo? Houve mudança desse conceito ao longo das décadas? Esses são alguns dos questionamentos que tentaremos responder nesta subseção.

A expressão “meme” surgiu pela primeira vez no livro *O gene egoísta*, do escritor britânico Richard Dawkins, publicado em 1976, e foi esclarecida a partir de uma abordagem evolutiva, na qual o autor argumenta que a evolução cultural ou as ideias produzidas socialmente são análogas à evolução genética, uma vez que tanto reprodução quanto organização têm como desígnio manter todo o corpo funcionando. Segundo o estudioso, da mesma forma que os genes determinam características físicas do ser humano, como a cor dos olhos, dos cabelos e da pele, os memes são responsáveis pela produção dos aspectos culturais como preferências e gostos, que se vinculam através de seus replicadores.

A palavra “meme” deriva do vocábulo grego *mimena*, que significa “aquilo que é imitado”. Esse termo foi por Dawkins abreviado para rimar com “gene”. De forma interessante, outra expressão semelhante surgiu quase um século antes, para nomear o processo de evolução cultural. Foi em 1870 que o sociólogo austríaco Ewald Hering criou o termo “die Mneme” – do grego *mneme*, que significa “memória” – e foi utilizado pelo biólogo Richard Semon, no título de seu livro, publicado em 1904. Segundo Shifman (2014), mesmo sem o conhecimento da nomenclatura já existente, o termo que Dawkins cunhou se mostrou um conceito muito bem-sucedido, pois, além de sobreviver, se proliferou no âmbito científico.

Nesse sentido, convém destacar que a memética é descrita por Heylighen e Chielens (2009, p. 2) como “uma ciência teórica e empírica que estuda a replicação, o espalhamento e a evolução de memes”, que atraiu diversos estudiosos nos anos 1990 e recebeu contribuições relevantes dos filósofos Douglas Hofstadter e Daniel Dennett. Além disso, contou com as publicações contínuas do *Jornal de Memética (Journal of Memetics)*, de 1997 a 2005 e outras publicações de livros norteados pelo conceito de meme, entre estes, *A máquina de memes (The Meme Machine)*, de Susan Blackmore, considerado um dos mais influentes.

²¹ Dentre eles, citamos BLACKMORE (1999); SHIFMAN, (2014); CHAGAS, (2020); LUPINACCI, (2017).

Dentro desse contexto, Shifman (2014) apresenta duas controvérsias que envolveram os memes, colocando sob fogo cerrado a memética desde os seus primeiros dias. São elas: (i) *analogias biológicas* e, (ii) *quem é que manda*. Para que o interlocutor deste enunciado tenha uma melhor compreensão acerca dessas controvérsias, apresentamos, na sequência e de forma concisa, a teoria de Dawkins.

Ao afirmar que “um ‘meme de ideia’ pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro” (DAWKINS, 2001, p. 217), o autor considera que o meme da teoria de Darwin é o que sustenta a ideia de que todos os cérebros que compreendem essa ideia, compartilham-na. Esse enfoque dado aos estudos dos memes tem a ver com a divulgação da informação, a espécie de ideia que resiste ao tempo e é passada adiante. Consoante a abordagem darwiniana, as espécies eram consideradas como frutos, dentro de um processo evolutivo de três diferentes bases, a saber: mutação, hereditariedade e seleção natural. Conforme o estudioso,

Exemplos de memes são melodias, idéias, ‘slogans’, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no ‘fundo’ pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no ‘fundo’ de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. [...] Quando você planta um meme fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação do meme, exatamente como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira. E isto não é apenas uma maneira de falar - o meme, por exemplo, para ‘crença numa vida após a morte’ é, de fato, realizado fisicamente, milhões de vezes, como uma estrutura nos sistemas nervosos dos homens, individualmente, por todo o mundo. (DAWKINS, 2001, p. 112-113).

A ideia do autor é realizar uma analogia à teoria da evolução, de forma que, assim como os genes se propagam, de corpo para corpo, os memes também o fazem, todavia de cérebro para cérebro por cópia ou imitação. No que se refere à expansão do aspecto sociocultural do meme, que se dá de forma equivalente à propagação genética, é mister considerar que, assim como os genes, os memes possuem características próprias.

Recuero (2014, p. 123-124) afirma que “uma história nunca é contada exatamente do mesmo modo e suas pequenas variações vão gerando grandes mudanças com o passar do tempo”. Não é diferente quando a referência são os memes. Dawkins (2001) e Blackmore (1999) apontam as características essenciais para a sobrevivência, alcance dos memes e o que é necessário para a ‘perpetuação’ e fidelidade de suas cópias.

Eles iniciam pela *longevidade*, que é a característica do meme de ser replicado por um longo período de tempo; a *fidelidade*, que é a capacidade de gerar memes com maior semelhança à cópia original; e, por fim, a *fecundidade*, que é a disposição de se multiplicar, de se espalhar amplamente por diversas redes, e, com isso, difundir ideias ao longo do tempo, como uma epidemia.

A essas particularidades dos memes apontadas por Dawkins e Blackmore, Recuero (2014) acrescenta uma quarta característica: o *alcance*, que está ligado à abrangência que esse meme consegue atingir. A autora divide essa última particularidade em duas seções: globais e locais:

Globais – São memes que alcançam nós que estão distantes entre si dentro de uma determinada rede social, não sendo necessariamente fecundos. Eles simplesmente aparecem em pontos não próximos. São memes que [...] não possuem uma conexão direta com a interação social entre leitores e blogueiros. [...]

Locais – São memes [...] associados [...] à interação social. Ou seja, são memes que são propagados por pessoas que estão mais próximas e que interagem com mais frequência. Memes locais ficam prioritariamente restritos a poucos nós da rede, mas podem tornar-se globais durante o tempo. (RECUERO, 2014, p. 128-129).

A estudiosa considera que o alcance a ser atingido pelo meme, global ou local, vai depender inteiramente do capital social²² esperado. Ou seja, trata-se da motivação pela qual os usuários das redes sociais digitais espalham esses memes e, para isso, deve haver a motivação associada a um valor de grupo.

A definição de memes apresentada por Dawkins tem recebido críticas de vários estudiosos em relação à polêmica sobre “analogias biológicas”, que tende a comparar os memes a vírus ou a genes, e à “genética evolutiva”, que é tomada como modelo procurando equivalência cultural para os conceitos de genótipo, fenótipo, transcrição e código. Essa tentativa esforçada por comparar os memes aos genes foi duramente criticada não apenas pelo fato de os memes apresentarem comportamentos bastante diferentes em relação aos genes, como também reduzir a cultura aos meros limítrofes biológicos e à simplicidade os comportamentos humanos complexos.

Diante dos argumentos acima expostos, Sampson (2012) entende que as metáforas biológicas acabam sendo um fator limitador quando se referem à relação entre a potência de

²² Para Recuero (2014), capital social é uma motivação fundamental para criar e manter uma página na internet, por exemplo. O dono da página é muito consciente em relação à impressão que deseja causar em seus leitores, por isso as informações escolhidas para publicação e divulgação são diretamente influenciadas pela percepção valorativa que poderão gerar.

conectividade das tecnologias em rede e a possibilidade de “infecção” social, política e cultural. Jenkins (2009) afirma que a noção reiterada de “epidemia”, “infecção” e “viral” acaba por evidenciar apenas a replicação da ideia original, desconsiderando, assim, as práticas, os processos comunicacionais, suas evidentes transformações e distorções pelas quais as ideias perpassam ao serem propagadas. Danung e Attaway (2008) afirmam que memes não podem ser entendidos apenas por sua capacidade de replicação de cópias. A preocupação dos autores consiste nos conteúdos que são repassados, indiscriminadamente, adiante sem haver uma reinterpretção ou evolução desses mesmos conteúdos. Shifman (2014), por sua vez, considera que, ao se analisar memes, atualmente, não é mais necessário pensar em genética, pois essa origem biológica de replicação e adaptação já teria sido superada a partir da abordagem pura e simplesmente sociocultural. Observamos que o ponto que une os estudiosos acima é o de não considerar a teoria de Dawkins superior por ser pioneira na área.

Em relação à segunda controvérsia na memética, destacada no início desta seção – “quem é que manda” – vai se referir, sem dúvida, à figura humana no processo de propagação dos memes. Se, por um lado, Susan Blackmore, em *Máquina de Memes*, afirma que as pessoas são simplesmente dispositivos que operam através de numerosos memes que elas hospedam e espalham, Shifman (2014, p. 12) sustenta que “a agência humana é subjugada [...] por uma corrente específica de seus intérpretes”. A estudiosa segue a sugestão de Rosaria Conte (2000), de que é preciso reconhecer as pessoas não como vetores que transmitem cultura, no entanto, é preciso tratá-las como atores nesse processo. Conte (2000) segue na direção de que, para disseminação de memes, é preciso considerar os “agentes intencionais” que possuem o poder de decisão em relação a normas sociais, percepções e preferências no processo de escolha dos memes.

Diante das críticas até aqui apresentadas, Shifman e Conte são as pesquisadoras que mais se aproximam dos estudos de Bakhtin e do Círculo. O que elas chamam de agentes intencionais, o círculo vai denominar de sujeito ativo e este jamais pode ser reduzido a meros vetores de transmissão ou hospedeiros de “replicações virais”, como explicado anteriormente; todavia, devem ser notados como protagonistas com poder de escolha. Afinal, os memes apenas se replicam e “ganham” um longo alcance porque pessoas reais, com o poder de realizar escolhas – sejam elas sociais, culturais ou axiológicas – são partes fundamentais do processo de produção e replicação.

São as diversas vozes que se cruzam e formam discursos através de enunciados únicos e irrepetíveis. Dostoiévski vai trazer essas diversas vozes em seus romances polifônicos, através de seus personagens, mostrando que deve haver independência entre o autor e sua obra,

chamado por Bakhtin (2018) de polifonia. O filósofo russo vai apresentar, também em suas obras, conceitos sobre o carnaval e a carnavalização da literatura, que são relevantes para explicar a linguagem utilizada na praça pública, enquanto perduravam as festas. Esta praça pública é aqui apresentada como as redes sociais digitais que dão “liberdade” para as pessoas de diferentes classes sociais, credos, gêneros e etnias se manifestarem; no entanto, essa “liberdade” concedida pelas redes sociais digitais é relativa.

Embora a cultura contemporânea esteja cada vez mais engajada e participativa, “nem todo mundo tem permissão para participar, nem todo mundo é capaz de participar, nem todo mundo quer participar e nem todo mundo que participa o faz em igualdade de condições” (JENKINS, 2014, p. 358-359).

Parece que a nossa convergência ao que o autor traz é concreta. Quando diz que nem todos possuem permissão para participar, recordamo-nos das sociedades que vivem sob regimes comunistas e são impedidas de participar de determinadas redes sociais porque elas não são permitidas em seus países; existem também conteúdos pagos e que nem todo mundo tem acesso a eles. Aos que não são capazes, mencionamos que as limitações cognitivas, talvez, sejam responsáveis por isso. Aos que não querem, isso é um direito que lhes é permitido.

Não há como negar, e não poderia ser diferente, que não podemos dizer tudo o que vem à nossa cabeça sem uma prévia análise a fim de não confundirmos liberdade de expressão com liberdade de agressão; esse também é um ato responsável. Como exemplo, podemos citar as diversas contas do *Instagram* que foram “derrubadas” por compartilharem conteúdos de ódio, antidemocráticos e contra os direitos humanos. Trata-se das limitações impostas por leis no meio democrático. A seguir, abordamos dentro desse contexto, outros estudos científicos de diversas áreas.

3.3. O gênero meme e a atualização do conceito

Variadas são as áreas e diversas as teorias científicas que circulam sobre os memes. Além de Dawkins, explicado anteriormente, passamos a apresentar aqui outros conceitos, elaborados por pesquisadores, circulantes sobre esses gêneros. Ao dar sequência, vamos interagindo com cada um desses conceitos e, de maneira dialógica, ora vamos convergindo sobre eles, ora divergindo deles. No final desta subseção, apresentamos nossa compreensão acerca dos memes de internet, como sujeito singular e único que somos. Com isso, não estaremos “enformando” o meme a formas pré-estabelecidas, como um modelo que se repete;

contudo, estaremos atentos à repetição temática associada a um processo de apropriação e reelaboração paródica.

Dando sequência, apontamos a psicóloga e estudiosa Susan Blackmore (1999), que afirma serem os memes compreendidos como construções culturais que se articulam e são difundidos por agentes humanos e/ou grupos organizados. Menciona ainda que eles “[...] são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação” (p.17). Ou seja, apesar de considerar as construções culturais no processo de compartilhamentos, ainda segue a teoria de Dawkins, segundo a qual o “sujeito” apenas replica uma ideia através da imitação. O sujeito, nesse caso, não pode, na teoria dialógica, ser definido como passivo, mero vetor de transmissão, sem que sejam levadas em consideração suas escolhas, as outras vozes que perpassam seu diálogo, sua responsividade ativa e sua constituição a partir da alteridade.

Wiggins e Bowers (2015), estudiosos da área de comunicação, vão considerar que os memes são um sistema mais complexo de atividades culturais e motivações que representam tanto o resultado da comunicação quanto o impulso para o próprio processo comunicativo. Apesar de perceberem a questão cultural, os autores consideram os memes como sendo o resultado da interação, como algo pronto e acabado. Na teoria do Círculo, isso é inconcebível, pois o enunciado é sempre inacabado e incompleto e expressa a situação histórica concreta que o gerou.

Outra pesquisadora da área de comunicação afirma que uma definição relativamente satisfatória para um meme refere-se a

um conjunto de unidades culturais – não restritas a um único formato, mas que necessariamente compartilham de características em comum – desenvolvido e amplamente circulado com a mediação de tecnologias digitais, que manifesta-se em diferentes versões criadas com a consciência da existência umas das outras, e cuja variabilidade resulta de processos de imitação – tais como apropriação, reinterpretação, remix ou paródia. (LUPINACCI, 2017, p. 60).

A estudiosa também leva em consideração o aspecto cultural, que é de suma importância nessa definição. Aborda a questão da *relativa estabilidade* presente nos memes, quando compartilham características em comum. Menciona ainda o desenvolvimento e a circulação com a mediação das tecnologias digitais, porém faz referência à variação desses memes através da imitação. Não estamos aqui afirmando que não há esse processo, muito pelo contrário, ratificamos o posicionamento da pesquisadora; no entanto, consideramos que a variação desses memes não ocorre apenas através de um processo de imitação; outro fator que dialoga com essa variedade são as relações dialógicas que ocorrem a partir da realidade.

Shifman (2014) avalia os memes como o todo semântico e não apenas como unidades de conteúdo isoladas do seu contexto situacional. Segundo a autora, os memes refletem as relações sociais de poder, de subordinação, de exploração, de crítica e de humor. A estudiosa, tece sua reflexão na análise de memes numa perspectiva sociocultural.

Chagas (2020b, p. 32)²³ afirma que, “embora seja difícil precisar com rigor o momento exato em que conteúdos que circulam na internet passam a ser reconhecidos como memes, é sabido que a terminologia passou por um longo processo de reapropriação até que assumisse a interpretação atual”. Logo, “estabelecer critérios precisos para algo como um meme é praticamente impossível, como testemunhado ao longo do incessante debate e da falta de consenso em artigos publicados no *Journal of Memetics*” (KNOBEL; LANKSCHEAR, 2020, p. 95).

Sem dúvida, diversos estudos de variadas áreas têm contribuído para o amadurecimento e consistência de cada campo de estudo, de forma que teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos monográficos e artigos têm arejado essa produção acadêmica. É daí que as demandas promissoras de pesquisa emergem para presentes e futuras investigações. Contudo, não queremos afirmar que as produções já existentes bastam, muito pelo contrário, é necessário mergulhar nesse oceano para trazer ainda mais estabilidade e firmeza aos conceitos sobre essas produções. Chagas afirma:

Muitos jovens pesquisadores discutem memes de internet a partir de textos que não se referem a memes de internet, mas ao conceito cunhado por Richard Dawkins, na década de 1970, para responder a outros problemas. (CHAGAS, 2020a, p. 13)

Se, por um lado, o professor destaca que muitas pesquisas de jovens estudiosos tomam como fundamentação epistemológica a teoria de Dawkins, elaborada no ano 1970 para responder a questões atuais, por outro, apesar dos memes serem geralmente descritos como artefatos de conteúdo raso com a intenção despreziosa de divertir os usuários da rede, tal visão é produto de uma compreensão distorcida sobre esses artefatos sociais, como “cultura

²³ Refirimo-nos ao professor Viktor Chagas, da Universidade Federal Fluminense – UFF, que tem se dedicado, há pelo menos dez anos, ao trabalho no Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), sediado na mesma universidade, e responsável pelo projeto #MUSEUdeMEMES, que é um site, *webmuseu*, que trata o tema com bastante seriedade, juntamente aos alunos da graduação e pós-graduação. Dentre outras atividades, pesquisam sobre o papel dos memes na sociedade, bem como questionam o estatuto da cultura popular de internet. O projeto é responsável por documentar e armazenar produções realizadas pelos alunos, membros do grupo de pesquisa, sobre temas circulantes no campo memético. O Museu ganhou a simpatia do público, obtendo grande espaço na mídia, o que lhe oportunizou *fecundidade* na divulgação e *longevidade* na existência. Esse destaque proporcionou ao projeto o reconhecimento e a posição de referência no campo, não apenas para o público leigo, mas também para pesquisadores nacionais e internacionais.

inútil” ou “besteirol.” (CHAGAS, 2017). O estudioso da área de comunicação traz a definição de memes políticos que a nós muito interessa,

definimos, de modo abrangente, os memes políticos como fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar o engajamento político do sujeito ou ainda socializá-lo com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios, que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular. (CHAGAS, 2020c, p. 263-264).

Chagas traz uma definição mais satisfatória, não, porém, pronta e acabada. Embora o autor faça uma descrição mais abrangente sobre memes políticos, classificando-os como artefatos culturais, ele aponta para o despertar do engajamento político do sujeito; a propósito, para que os interlocutores produzam, compreendam e reajam aos memes, esses sujeitos precisam estar contextualizados ao que acontece na esfera política. É o que destacaremos a seguir.

3.4. Fronteiras intergenéricas e as esferas discursivas

Bakhtin e o Círculo não tiveram como objetivo elencar um repertório dos gêneros de acordo com cada esfera discursiva da atividade humana, até esgotá-los; isso seria humanamente impossível e até contraditório em relação à própria teoria. De qualquer maneira, convém ressaltar que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 11), pois os diversos papéis da vida social do ser humano, sejam eles familiar, profissional, político, religioso, administrativo, acadêmico, literário, entre outros, estão vinculados às diversas práticas da linguagem.

Na verdade, há de se convir que, para Bakhtin, existe uma correlação entre tipos de enunciados (gêneros) e o que os sujeitos fazem com eles nas interações de determinada esfera da atividade humana. Segundo o filósofo russo, “o emprego da língua efetua-se por meio de enunciados (quer orais, quer escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (2016, p. 11), e isso reflete diretamente a noção de gênero discursivo, pois se trata do “elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (2016, p. 26), uma vez que são infinitas as possibilidades da riqueza das atividades humanas; há também uma infinita diversidade dos gêneros, pois o repertório se desenvolve à medida que determinados campos da atividade humana crescem, evoluem e se complexificam.

A propósito, “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 52) concreto que ganha vida a partir de situações típicas da interação entre os interlocutores do discurso. Cabe ainda mencionar que o repertório de gêneros se move, flui, muda ou se reelabora continuamente, conforme se diferencia ou se amplia essa esfera da atividade humana.

Trazemos como exemplo a consulta médica, no contexto pandêmico da Covid-19, que a nosso ver, consolidou-se como teleconsulta. Os médicos também tiveram que se instruir e/ou aperfeiçoar sua aprendizagem com as ferramentas digitais para se readequarem às condições concretas para a realização de consultas remotas, também de forma síncrona e online. Surgiram, então, as receitas digitais, que podem ser encaminhadas através de *links* para o celular dos pacientes, que são lidas por farmacêuticos através de código ou um QRcode nelas inseridas.

Outro exemplo de gênero que se reformulou/reelaborou foi a aula presencial em meio a essa pandemia. A aula teve que ser reelaborada, passou da aula presencial para aulas remotas síncronas e/ou assíncronas, no meio digital. Aquele professor²⁴ que não tinha a menor habilidade com computadores, editores de vídeo, câmeras, microfones, compartilhamento de tela, entre outros, teve que aprender a lidar com essas ferramentas para que as aulas remotas pudessem acontecer.

Caiado, Fontes e Barros (2021) esclarecem que a educação do presente século estabelece uma nova significação de quem são e o lugar ocupado pelos agentes – docente, discente e comunidade escolar – do novo cenário de aprendizagem. Cenário este que está imbricado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), de forma que conceitos antes cristalizados, como a sala de aula pensada de forma tradicional, o lugar de aprendizagem sendo uma sala com uma entrada e saída, com quadro e carteiras dispostas em fila, ganha um novo sentido. A sala de aula deixa de ser um lugar em determinado espaço físico para ser um mundo virtual, onde os caminhos a serem percorridos e as possibilidades de arranjos são inúmeros dentro do processo de aprendizagem.

Nesse caso, a esfera discursiva continua sendo a educacional, porém o que se altera é o espaço em que a aula ocorre, passa do modo presencial para o modo virtual. Com essa mudança de espaço, Caiado (2011, p. 249) afirma que as TDIC são também meio de aprendizagem, pois a depender do seu uso podem ascender ao “*status* de ambiente de aprendizagem, tecnologia mediadora”, podendo ser associada às práticas reconhecidas como tradicionais.

²⁴ Referimo-nos aqui aos professores que não tinham o hábito de utilizar as tecnologias digitais como meios de aprendizagem.

Ao mesmo tempo em que algumas empresas tentam buscar modelos de ferramentas inovadoras para gerar lucros com as atividades dos seus usuários, surge uma ampla variedade de ferramentas no meio digital, que facilitam o compartilhamento informal e instantâneo de conteúdos de mídia.

A propósito, os gêneros emergentes do meio digital não surgiram do nada e nem são exclusivamente inéditos, mas possuem similaridades com os já existentes, conforme aponta Bakhtin quando se refere à reelaboração de gêneros primários e secundários, tema já abordado anteriormente nesta pesquisa. Nesse sentido, não é difícil ver pessoas equivocadas afirmando que tudo que gera humor é meme.

Citamos, como exemplo, gêneros que se utilizam do humor na sua composição: os cartuns, as charges e os próprios memes. Esses gêneros transportam humor, críticas e opiniões acerca de variados temas. Notamos que eles mantêm relações próximas entre si. Dessa forma, realizamos aqui um comparativo sobre as interseções fronteiriças desses gêneros.

A *charge* tem sua origem “do francês *chager* carregar, exagerar, atacar e é considerada um gênero transgressor por excelência” (NUNES, 2019b, p. 4), que se concentra nos fatos. Ela circula em diversos suportes, como livros, revistas, jornais e na internet. Neste caso, pode apresentar movimentos e falas, como pequenos vídeos. Seu autor, o chargista, que é um desenhista profissional, imprime suas críticas no desenho, relacionadas a temas sociais e utiliza-se do humor.

Seguindo essa discussão, Silva (2019, p. 41) afirma que esse gênero “pode ser entendido como a representação gráfica de um assunto conhecido pelos leitores segundo o ponto de vista crítico do desenhista ou jornalista responsável pela criação da Charge”. Consideramos, no entanto, que não se podem considerar apenas leitores, mas interlocutores nas relações dialógicas de linguagem.

Ainda sobre a charge, Costa (2009, p. 60), assegura que ela “focaliza, por meio de caricatura gráfica, com bastante humor, uma ou mais personagens envolvidas no fato político-social que lhe serve de tema”. Outra singularidade do gênero é percebida em Nunes (2019b, p. 5), que é “a sua natureza temporal”, ancorada em fatos transitórios, eis o porquê do gênero ‘envelhecer’, “assim como a notícia e a reportagem, gêneros de quem se alimenta, já que é contextualmente situada”.

O *cartum* se apresenta como um gênero que também tem o objetivo de criticar, de forma bem-humorada, no entanto, prefere temas que podem ser entendidos em qualquer lugar do mundo, sem a necessidade de preocupação de “percebibilidade”, como na charge.

Vale salientar que Cavalcanti (2008), apresenta características similares entre a charge e o cartum. Conforme a autora, ambos os gêneros se utilizam da multimodalidade – na combinação de imagens e textos – e do humor, para a construção de suas críticas acerca de temas sociais. Nunes (2019b) também aponta o caráter multimodal desses gêneros.

Em síntese, notamos semelhanças entre os gêneros, porém não é tão simples perceber as diferenças entre eles. Por isso, recorremos a Nunes (2019b, p. 5), que afirma a necessidade “de se considerar que o caráter circunstancial da charge não é típico do cartum, uma vez que este está mais para uma crítica de costumes, pois é mais genérico, tratando de temas universais ou representações estereotipadas da sociedade, de forma atemporal”. Por fim, Aragão (2008, p. 2986), aborda os objetivos da charge e do cartum, “sendo notadamente a crítica o objeto da charge, enquanto o principal objeto do cartum é fazer rir”.

Os memes de internet de teor político, por sua vez, apresentam a clara intenção em criticar assuntos, dos mais variados possíveis, com humor e criatividade. Nesse gênero, também existe a nítida necessidade de se considerar o seu caráter circunstancial, tendo em vista que, assim como a charge, os memes políticos se nutrem das notícias e reportagens; o que também lhes torna “perecíveis”.

Vejam, a seguir, as interseções fronteiriças entre os gêneros charge, cartum e meme:

Quadro 1 - Interseção fronteiriça entre charge, cartum e meme de internet

Gênero	Conteúdo temático	Estilo	Construção composicional	Intenção comunicativa	Autoria
Charge	Crítica humorística de fato ou acontecimento específico (MELO, 2003, p. 167)	<p>Teor argumentativo, utiliza caricatura gráfica, humor e personagens do meio político-social.</p> <p>Contextualmente situada.</p> <p>Natureza temporal e, por isso, envelhece (NUNES, 2019b).</p>	<p>Sua estrutura é pautada na multimodalidade, em que linguagens verbal e visual se entrelaçam na produção de sentidos, de acordo com a posição axiológica do seu autor.</p> <p>Pode também apresentar apenas linguagem visual, expressando a posição axiológica do seu autor.</p> <p>As caricaturas que expressam humor</p>	<p>Há humor, mas prevalece a crítica.</p> <p>Prevalece a crítica ferrenha a temas políticos correntes em um determinado espaço de tempo (SILVA, 2019, p. 44).</p> <p>A crítica está presente a partir do exagero das expressões através das caricaturas.</p>	<p>Chargista profissional ou</p> <p>Jornalistas do <i>design</i> gráfico.</p>

			<p>podem estar presentes.</p> <p>Pode circular em jornais e revistas. Tanto no meio virtual como no televisivo podem conter movimentos e sons. Nesse caso, é chamada de charge digital ou charge animada.</p>		
Cartum	<p>“Anedota gráfica ou crítica mordaz” (MELO, 2003, p. 167)</p> <p>“O caráter circunstancial da charge não é típico do cartum, uma vez que este está mais para uma crítica de costumes, pois é mais genérico, tratando de temas universais ou representações estereotipadas da sociedade, de forma atemporal” (NUNES, 2019b, p. 5)</p>	<p>“Não insere personagens reais ou fatos verídicos, mas representa uma expressão criativa do cartunista” (MELO, 2003, p. 167).</p> <p>Trata de temas universais ou representações estereotipadas da sociedade” (NUNES, 2019b, p. 5)</p> <p>Natureza atemporal e por isso não envelhece (NUNES, 2019b).</p>	<p>Sua estrutura é pautada na multimodalidade, em que linguagens verbal e visual se entrelaçam na produção de sentidos, de acordo com a posição axiológica do seu autor.</p> <p>Pode também apresentar apenas linguagem visual, expressando a posição axiológica do seu autor.</p> <p>As caricaturas são raras.</p> <p>Pode circular em jornais e revistas. No meio virtual pode conter movimentos e sons. Nesse caso, é chamado de cartum digital.</p>	Há crítica, mas prevalece o humor.	Cartunista profissional ou Jornalistas do <i>design</i> gráfico.
Meme	<p>Realiza tanto crítica de costumes como de fatos específicos.</p> <p>Pode tratar de qualquer assunto, mas sua especificidade vai depender da esfera discursiva em que circula.</p>	<p>Insere pessoas reais e fatos verídicos e faz uma interpretação nova, crítica e criativa dos fatos, com humor.</p>	<p>Sua estrutura também é pautada na multimodalidade, em que linguagens verbal e/ou visual se entrelaçam na produção de sentidos, de acordo com a posição</p>	Há crítica e humor; os dois prevalecem.	<p>Pessoa que tenha habilidade com aplicativos e tecnologia.</p> <p>Instâncias autorais distintas (GRILLO, 2012)</p>

			<p>axiológica do seu produtor.</p> <p>Pode também se apresentar apenas em forma de áudio, apenas imagem ou um pequeno vídeo que teve grande repercussão, expressando a posição axiológica do seu produtor.</p> <p>Quando aparecem imagens, geralmente, são utilizadas as que já são existentes, feitas por outras, de contextos outros já conhecidas pelas pessoas;</p> <p>Pode circular em livros, mas é no meio virtual que possuem maior destaque.</p>		
--	--	--	---	--	--

Fonte: Quadro produzido pela autora desta pesquisa, adaptada de Nunes (2019b); Silva (2019), Dionísio (2007), Melo (2003) e Grillo (2012).

A partir das informações comparativas entre a charge, o cartum e o meme, expostas no quadro acima, percebemos que as relações dialógicas são determinadas pelas esferas da comunicação discursiva e pelos gêneros discursivos os quais, no conhecido texto de Bakhtin dos anos 1950, constituem-se de três elementos relativamente estáveis: construção composicional, estilo e conteúdo temático.

Em síntese, notamos o quão tênues são as fronteiras que envolvem esses gêneros, uma vez que apresentam traços bastante semelhantes em sua construção composicional, seu estilo e seu conteúdo temático. No tocante às esferas discursivas, as charges e os cartuns orbitam no campo jornalístico e no de entretenimento/lazer. Os memes de internet de teor político, que são o nosso objeto de estudo, por sua vez, além de transitarem na esfera de entretenimento/lazer, também o fazem na esfera política.

Em relação à autoria, o aspecto mais relevante e inovador do meme, segundo Silva (2019, p. 46), é que “ele pode ser criado por qualquer usuário de internet”; isso o diferencia da charge e do cartum, que só podem ser produzidos por profissionais do ramo do jornalismo e do

desenho. Há de se reconhecer, ainda, algumas peculiaridades em função dos seus propósitos comunicativos.

Ainda sobre a questão da autoria, destacamos outro aspecto relevante que envolve o meme político, quando este combina diferentes semioses.

A teoria do Círculo, ao abordar enunciados concretos, inclui a autoria como seu objeto de estudo. Os enunciados e seus gêneros são a concretização do projeto discursivo de seus autores. Embora constituam um todo para o leitor, cada um desses dois planos de expressão pode ser elaborado por instâncias autorais distintas. Por exemplo, o autor do texto verbal de um artigo de divulgação científica em um jornal normalmente é distinto do autor que se encarrega da seleção e da articulação das imagens com os demais elementos da página (editor de arte, ilustrador, fotógrafo, diagramador) (GRILLO, 2012, p. 244).

A autora se refere ao gênero artigo de divulgação científica, mas se bem olharmos para as particularidades que envolvem os memes políticos, podemos realizar uma analogia ao dizer da autora, considerando que as imagens utilizadas e já conhecidas para a composição do meme político foram feitas por uma outra pessoa a partir de uma reportagem, de uma foto tirada, de um vídeo amador ou de um áudio que teve grande repercussão.

O que queremos defender aqui é que, se o produtor do meme político utiliza uma imagem elaborada por outros sujeito-autores, que é retirada de algum outro lugar para a composição desse gênero, a autoria dessa produção precisa ser considerada a partir de, pelo menos, dois planos de expressão, ou seja, por duas instâncias autorais distintas. Por fim, corroboramos a natureza complexa das fronteiras intergenéricas da charge, do cartum e do meme, tendo em vista que todos eles tendem à hibridização.

De acordo com as ideias de Bakhtin e do Círculo, é possível até traçar uma significação para meme de internet, não, porém, algo definitivo e determinado, mas relativamente aceitável. Portanto, consideramos o meme político um gênero discursivo que ressignifica e transgride, intencionalmente, um enunciado situado e, a partir dele, produz relações dialógicas; o meme político é constituído a partir de recursos semióticos na sua composição verbo-visual e considera não a repetição de um modelo-forma, mas uma repetição temática, dentro de um processo de apropriação e recriação paródica; sua propagação no meio digital considera as vozes sociais que ali surgem, pois partem de algo que já existiu: uma imagem capturada por alguém, uma fala, um texto, uma música, etc. (CAVALCANTE; CAIADO, 2019)²⁵. A seguir, abordamos outra parte essencial desta tese que envolve o carnaval e a carnavalização na linguagem.

²⁵ Definição estudada e elaborada pela autora desta Tese e por sua orientadora Roberta Caiado.

4. O CARNAVAL NA VIDA E A VIDA NO CARNAVAL

“Dostoiévski não cria escravos mudos (como o faz Zeus), mas pessoas livres, capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até de rebelar-se contra ele.”

Bakhtin

Ao abirmos a presente seção, utilizamos as palavras do filósofo russo sobre Dostoiévski. Eis o maior diferencial encontrado em sua obra: a polifonia. Ela é o que representa essas “pessoas livres”; é a liberdade de suas próprias consciências em relação ao seu criador. Nesta seção, apresentamos o que Bakhtin denominou como o carnaval e fenômeno da carnavalização na literatura com exposição das suas características: *o livre contato familiar, a excentricidade, as mésalliances carnavalescas e a profanação*. Essas são algumas categorias de análise do *corpus* desta pesquisa. Na sequência, realizamos uma associação dessas características ao gênero meme de internet. O diferencial aqui apresentado é que essas são características pensadas para o gênero literário e nós as trazemos para a instância do discurso memético, associando-as ao vocabulário da praça pública, que aqui é percebida como as redes sociais digitais. E, por fim, são apreciados os conceitos de riso festivo popular e riso satírico.

4.1. A cultura carnavalesca e a carnavalização na literatura

A concepção bakhtiniana sobre o carnaval é apresentada como uma cultura ambivalente – que traz em si a ideia de morte e ressurreição, de alternância, de renovação –; segundo o filósofo russo, essas imagens não podem estar dissociadas do carnaval, uma vez que constituem aspectos próprios da festa. O carnaval na Idade Média foi abordado como um “espetáculo ritual” uma vida desviada de sua ordem habitual, uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (BAKHTIN, 2018). Tratava-se da revogação de tudo o que era oficial. Nessa festa, coroam-se marginalizados, excluídos, baderneiros (mundo não oficial) e destrona-se a monarquia (mundo oficial). Tudo aquilo que é determinado pela desigualdade social, hierárquica ou qualquer outro tipo de desigualdade entre os homens é suspensa, perde seu efeito, sua validade.

Em consequência das revogações de todas as leis e eliminação provisória das restrições estabelecidas no mundo oficial, criava-se, em praça pública, determinado tipo de comunicação,

inaceitável em situações em que as leis e as regras estavam em vigor. Estamos falando da elaboração de gestos e de um vocabulário sem correntes com o mundo oficial; pelo contrário, não há quaisquer obrigações com tal mundo, com sua etiqueta e decência. Bakhtin vai explicar essa influência da linguagem do carnaval exercida sobre a literatura, em especial, sobre a perspectiva do gênero. Nas palavras dele,

o carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas [...]. Essa linguagem exprime de maneira diversificada e bem articulada (como toda linguagem) uma cosmovisão carnavalesca (porém complexa), que lhe penetra todas as formas. Tal linguagem [...] é suscetível de certa transposição para a linguagem [...] da literatura. É a essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos *carnavalização da literatura*. (BAKHTIN, 2018, p. 139-140).

O filósofo russo destaca as formas concreto-sensoriais que emergem no carnaval e se reconfiguram na linguagem, o que influencia a literatura. A partir do momento em que entra em vigor o carnaval, apagam-se as regras e entram em evidência as categorias da cosmovisão carnavalesca. Essas categorias são por Bakhtin (2018) nomeadas como:

(i) *O livre contato familiar entre os homens* - aborda a eliminação do distanciamento entre as pessoas em razão das barreiras hierárquicas, até então, intransponíveis. É através dela que se estabelece a livre gesticulação carnavalesca e o aberto discurso carnavalesco.

(ii) *A excentricidade* - permite a libertação do comportamento dos homens em relação ao poder de qualquer posição hierárquica que os regia na vida oficial, motivação pela qual as atitudes se tornam extravagantes e inconvenientes.

(iii) *As mésalliances carnavalescas* - é a partir dessa categoria que há uma aproximação das contradições, combinando o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo.

(iv) *A profanação* - associa-se com a força produtora da terra e do corpo, bem como estabelece a parodização carnavalesca dos textos sagrados e sentenças bíblicas.

Essas categorias representam não apenas a ideia, mas a própria vida vivida em praça pública. Não se trata de contemplar ou representar o carnaval, mas vivê-lo a partir da saída de um mundo sério, de regras perenes para um mundo extraoficial, ou seja, “o carnaval não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval.” (BAKHTIN, 1996, p. 6).

Não podemos mencionar essa festa, que dá o aval à carne, sem nos reportarmos ao núcleo da cosmovisão carnavalesca que paira na “coroação bufa” e no posterior “destronamento do rei do carnaval”. No dizer do filósofo russo,

a Coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação, a alegre relatividade de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição (hierárquica). Na coroação já está contida a ideia do futuro destronamento; ela é ambivalente desde o começo. (BAKHTIN, 2018, p. 142).

A “ambivalência biunívoca” consiste na correspondência entre duas ideias que estão imbricadas por seu valor simbólico. Trata-se do momento em que há a coroação do oposto rei da vida oficial – bobo marginalizado, baderneiros – e a ideia nela contida do futuro destronamento (aqui entendido como o destronamento das pessoas que são satirizadas e ridicularizadas nos memes de internet) ao final do carnaval. Esse rito biunívoco somente ocorre na revogação das leis do mundo oficial, o que garante uma “liberdade legitimada” no mundo extraoficial.

É esse mundo extraoficial que vai influenciar, sobremaneira, a linguagem na literatura (aqui ampliaremos para as práticas discursivas), a partir de um vocabulário não muito utilizável em outro lugar que não fosse a praça pública, aqui entendida como as redes sociais digitais. É o que veremos a seguir.

4.2. O vocabulário da praça pública

A linguagem carnavalesca é um dos aspectos de resistência com tudo que é oficial, pois dela emergem as provocações, as paródias, os improperios, as degradações, as ironias, as coroações e os destronamentos, que são expressamente características do vocabulário utilizado na praça pública. É imprescindível, porém, perceber que a literatura é inseparável da cultura, assim como também da própria linguagem, “procurando interpretar os fenômenos literários na unidade diferenciada de toda cultura de uma época” (BAKHTIN, 2017, p. 13), por isso faz-se necessário mergulhar nesses aspectos culturais e munir-nos de informações com o objetivo de melhor analisar e entender os memes de internet de teor político.

Os estudos bakhtinianos nos levam a perceber que o carnaval é a mais explícita representação da sociedade medieval excluída, marginalizada, que se utilizava de uma liberdade utópica – da qual podem se misturar com as demais pessoas e ocupar os papéis que, no mundo oficial, jamais ocupariam – no entanto, efêmera e transitória –, pois quando o carnaval acaba, cada um volta ao seu lugar de origem.

Essa total “liberdade” (transitória) era concedida a fim de que todos viessem a se entregar a todo e qualquer tipo de atividade, bem como à livre produção de expressões verbais

– grosserias, juramentos e obscenidades – sem qualquer embargo, no entanto, “a espontaneidade referida está longe de ser por si só uma força transformadora, pois o povo ainda vivia, nos demais dias do ano, submisso aos fantasmas das proibições, do medo e do sofrimento.” (BERNARDI, 2016, p. 85).

A linguagem familiar que se liga ao “termo usado por Bakhtin para englobar a visão do corpo que enfatiza as mudanças na natureza por meio do comer, da evacuação, do sexo, como opostas ao ideal estático representado nos mármores gregos clássicos, é *grotesco*” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 318), e se refere à forma de entrar em comunhão com o “baixo corporal” – ventre, intestino, órgãos genitais.

Durante o carnaval, aconteciam ações corriqueiras, típicas do realismo grotesco, como irrigar com urina²⁶ ou jogar excrementos, ações essas que foram praticadas pelos personagens de *Gargântua*²⁷. Ainda na mesma obra, Rabelais utiliza outra expressão: “merda para ele” que, no ver de Bakhtin, trata-se de uma degradação que se refere ao rebaixamento corporal, uma expressão que remete aos órgãos genitais e que, ao mesmo tempo, é intercambiável à imagem de nascimento e de renovação. Para o leitor contemporâneo, a compreensão dessa imagem talvez seja uma das mais difíceis de se fazer, por se tratar de um sentido atual único atribuído a ela, o fisiológico e, portanto, depreciativo.

Todavia, é imprescindível notar que Bakhtin “chama a atenção para o fato de que, à época medieval e do Renascimento, o excremento, além do lado negativo, remetia, na sua ambiguidade, à terra e ao corpo do homem” (BERNARDI, 2016, p. 86). Em outras palavras, a referência que se faz ao ventre do homem e ao da terra ganha sentido ambivalente, ou seja, um lado positivo e renovador – de fecundidade –, uma referência dupla que vai além do sentido depreciativo e fisiológico que a imagem traz. Nas palavras de Clark e Holquist (2008),

um elemento primário no carnaval, afirma Bakhtin, é a ‘livre entremescla de corpos’, a exibição desavergonhada de funções corpóreas, inclusive a defecação, a cópula e até o trabalho de parto e o nascimento, e a livre interação entre o corpo e o mundo exterior, em atos como a ingestão e a expulsão de alimentos. (CLARK; HOLQUIST, 2008, P. 325).

²⁶ Mencionamos aqui o famoso *golden shower* da política brasileira. Referimo-nos ao fato do então Presidente Jair Bolsonaro publicar em suas redes sociais um vídeo obsceno, acompanhado das seguintes palavras: “isto que tem virado muitos blocos de rua no carnaval”. O fato gerou um imenso número de reações tanto de críticos quanto de apoiadores. Horas depois o presidente faz nova publicação, desta vez pergunta: “O que é *golden shower*?”. O termo tem sentido de fetiche sexual, que envolve a prática de urinar no parceiro. Esse fato ocupou quatro dos dez tópicos mais comentados nas redes sociais. Informação disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47471951>. Acesso em 15 dez. 2022.

²⁷ Uma das obras de Rabelais analisada por Bakhtin. Trata-se de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

Segundo os autores, essas imagens refletem degradações e remetem ao rebaixamento corporal. A linguagem segue a mesma lógica. Falamos aqui dos juramentos, das grosserias, das imprecariações, das injúrias e das obscenidades que ocorriam dentro dos limites temporais que davam a devida licença para ocorrerem; enfim, toda e qualquer expressão vocabular proferida nos dias de festa e feira tinham posse de um duplo sentido, pois “o vocabulário grotesco da praça pública [...] estava orientado para o mundo e para cada fenômeno desse mundo em estado de perpétua metamorfose, de passagem de noite a dia, de inverno a primavera, do velho ao novo, da morte ao nascimento” (BAKHTIN, 1996, p. 142).

Em sua obra, Rabelais se recusa a utilizar o latim, língua literária oficial e faz a opção pelo vernáculo da língua vulgar para descrever a praça pública e o que nela acontecia. Seus personagens vivem num mundo carnavalizado e a utilização de um vocabulário “baixo²⁸” e sem restrições a comportamentos educados e polidos reafirmam o realismo grotesco, expresso por Bakhtin. O tempo todo, Rabelais “carnavaliza a própria linguagem e, ao assim proceder, ‘descoroa’ a autoridade que as ideologias oficiais procuram reivindicar para si mesmas” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 332).

Não é sem propósitos que Bakhtin exalta o corpo humano. Além de teorizar sobre esse corpo na obra de Rabelais, ele vai se recusar a homogeneizar sua superfície frente ao puritanismo da sociedade stalinista. No entanto,

a cultura oficial encara tais funções corporais como indecentes e tenta negar ao corpo seus maravilhosos orifícios e protusões, quer pôr um fim à jubilosa celebração do corpo e da vida [...] o corpo é uma metáfora comum para o Estado, e as sociedades xenofóbicas que estão procurando controlar o comportamento de seus cidadãos e preservá-lo de contatos externos, amiúde, sublinham a ideia de conservar o corpo puro. Ela foi por certo acentuada sob o domínio de Stálin. (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 325-326).

Segundo os autores, fica evidente que o realce dado por Bakhtin ao corpo humano vai além da teorização em Rabelais, pois num momento em que há uma crescente opressão, Bakhtin fala de liberdade. Num momento em que se mandava olhar mais para o alto e inferiorizar o corpo, ele exalta o corpo e chama a atenção para o “baixo corporal”. No momento em que havia uma cultura oficial com cânones obrigatórios e consagrados na literatura, ele coloca em evidência uma literatura que se utiliza de linguagem de estrato social inferior.

Dessa forma, o filósofo russo apresenta sua habilidade com as palavras e realiza uma de suas maiores alegorias a partir da ambiguidade e de uma linguagem metaforizada. O riso

²⁸ Um bom exemplo desse estilo literário rabelesiano é quando o jovem Gargantua é descrito explicando a seu pai que encontrou, após longas experiências, o melhor limpa-cus que existe, qualificando-o como “o mais senhoral, o mais excelente, o mais expediente que já se viu.” (RABELAIS, 2003, p. 121).

carnavalesco também possui características próprias e faz parte do mundo não oficial. Próprio da praça pública, revela a universalidade da cultura popular. É do que trataremos no próximo item.

4.3. O riso carnavalizado e o riso satírico

Ao abordar o “riso festivo e popular”, Bakhtin vai trazer a ideia de que, na medida em que todos riem, inclusive os próprios burladores, estamos diante do “riso carnavalizado”, que é considerado “patrimônio do povo”, “universal” e “ambivalente”,

o riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio *do povo* (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); *todos* riem, o riso é ‘geral’; em segundo lugar, é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam do carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, o riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (BAKHTIN, 1996, p. 10).

Para o pensador russo, o riso carnavalesco rabelesiano é portador dessas características e isso confirma que “Rabelais foi o grande porta-voz do riso carnavalesco popular na literatura mundial” (BAKHTIN, 1996, p. 11); no entanto, quando estes burladores se excluem do objeto de zombaria e se opõem a ele trazendo um humor negativo, quebram o teor cômico do mundo. Vejamos:

O autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual são incluídos os que riem (BAKHTIN, 1996, p. 11).

Esse riso popular rabelesiano, do qual fala o estudioso, precisa ser alocado aqui de forma conveniente, para não cairmos na inadequação daqueles que tentam engessar esse riso na literatura cômica moderna fazendo sua sátira de fora desse mundo em evolução, pois “uma sátira estreitamente enfocada, destinada a ferir um alvo específico, não é parte da cultura do riso.” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 320).

Vale mencionar aquelas pessoas que, mesmo com posicionamentos contrários ao que desenvolvem, são contratadas para a produção de memes e *fake news*²⁹ em massa, com o intuito de atacar, desqualificar e rebaixar o outro. Prevaecem-se da grande audiência causada pelo

²⁹ Ver trabalho de Albuquerque e Cunha (2019), que traz uma proposta de análise dialógica de *fake news* no que tange à influência causada para as eleições presidenciais do Brasil em 2018.

extremismo de campos políticos e da destilação de ódio e violência espalhada nas redes sociais digitais através do compartilhamento de *posts* ou de comentários ofensivos nessas postagens ou em *sites* de notícias. Há desenvolvimento de estudos³⁰ que vêm sendo realizados nessa área.

Para Cunha (2013), essas ofensas verbais se explicam mais pelo posicionamento político conservador e pelo preconceito existente dos internautas, uma vez que “o insulto não só revela a maneira de lidar com o pensamento diferente, mas é quase sempre vetor de discriminação, estigmatização, racismo, sexismo.” (p. 248). Além de corroborar o pensamento da autora, mencionamos que essa posição mais conservadora, que traz ofensas verbais e insultos, também ocorre do seu lado oposto, o que personaliza um radicalismo de extremos nas redes sociais digitais³¹. Apesar da presença de uma linguagem, por vezes, violenta, as redes sociais digitais também despertam o riso satírico, através dos memes de internet de teor político, que se utilizam de enunciados verbo-visuais e de uma linguagem metafórica, orientada à construção de um enredo próprio.

Fazer ciência a partir do ângulo vislumbrado pelo círculo bakhtiniano vai além do que estamos habituados a ver na academia, tendo em vista que o modelo oferecido pelo círculo não é o da ciência positivista nem o da ciência estruturalista, nem qualquer outro que preceda a teoria ao objeto de análise, de maneira a dissecá-lo; no entanto, trata-se de uma proposta humanizadora que permite ao pesquisador a flexibilidade exploratória do seu objeto de estudo. É o que será abordado na metodologia desta pesquisa, na próxima seção.

³⁰ Mencionamos os trabalhos realizados por Cunha (2012, 2013, 2019), que atualmente desenvolve projeto de pesquisa voltado para a descrição e análise da construção, do funcionamento da violência verbal e do discurso de ódio presentes no mundo virtual em momentos discursivos de polarização política. Segundo a autora, as práticas discursivas são constituídas na alteridade e nutrem-se do dissenso, do conflito e do ódio pelo outro. Sua perspectiva teórica consiste nos fundamentos dialógicos de Bakhtin.

³¹ Mencionamos o filme *The social dilemma* (O dilema das redes) que está disponível na plataforma de *streaming* da Netflix. Trata-se de um documentário que traz especialistas em tecnologia e profissionais da área fazendo um alerta sobre o impacto devastador que as redes sociais digitais podem causar na democracia e na humanidade.

5. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

[...]implica abandonar a posição epistemológica que somente admite como científico (e verdadeiro dentro de cada teoria) o enunciado relativo àquilo que se repete, àquilo que é imutável, àquilo que é produto das abstrações deduzidas todas as peculiaridades, todas as singularidades como “desvios” não significativos da realidade concreta.

Geraldi

Ao abrirmos esta quinta seção, trazemos as palavras de Geraldi, as quais corroboramos em relação ao planejamento do caminho aqui percorrido. Desenvolvemos como se caracteriza esta pesquisa, como foi realizada a seleção do *corpus* e a delimitação do universo trabalhado para que pudéssemos atingir os nossos objetivos. O fato é que houve total mudança do projeto inicial apresentado ao ingressar ao curso de doutorado. Para incorrer nessa mudança, contamos com a orientadora Dra. Roberta Caiado, que nos guiou a pensar na temática da carnavalização e, a partir de uma das tantas conversas, optamos por trabalhar com a carnavalização em memes políticos. A partir da mudança de direção, abastecemos a biblioteca e “devoramos” autores especialistas na temática. Após essa escolha, os nossos “olhos brilharam”, como diz Roberta, e a partir daí, seguir com as metas traçadas foi fundamental.

5.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa está inserida na perspectiva qualitativa de cunho interpretativo. Isso porque empregamos teorias voltadas ao uso da linguagem. Dessa forma, no que se refere aos procedimentos analíticos, privilegiamos a descrição detalhada do *corpus*, voltando-nos mais para o aspecto qualitativo das análises do que para a quantificação delas. Esta pesquisa, ainda, foi de cunho bibliográfico, pois buscou informações em materiais gráficos e trouxe descrições, comparações, interpretações e reflexões.

Nossa imersão no claro objetivo em arquitetar a construção composicional deste estudo nos fez refletir acerca da nossa participação ativa e responsável no existir-evento da pesquisa. Bakhtin esclarece que

Na base da unidade de uma consciência responsável não existe um princípio como ponto de partida, senão o fato do reconhecimento real da minha própria participação no existir como evento singular, coisa que não pode ser adequadamente expressa em termos teóricos, mas somente descrita e vivenciada com a participação; aqui está a origem do ato e de todas as categorias do dever concreto, singular e irrevogável (BAKHTIN, 2020, p. 96).

Diante do nosso “dever concreto, singular e irrevogável”, confessamos que um dos maiores desafios com o qual nos deparamos nesse percurso foi coletar o *corpus* desta pesquisa. Nosso receio seria o de cair na própria crítica do Círculo em relação ao teorismo que conduz às análises de recortes realizadas pelo formalismo russo e sua falta de compreensão quanto à importância dos gêneros, visto por eles – formalistas – apenas a partir dos elementos formais da língua; no entanto, como evitar “recortes” do ponto de vista operacional?

Nossa saída foi, então, trazer a iluminação realizada pelo conjunto dos trabalhos do Círculo, à luz da teoria discursiva de gêneros, sem, contudo, dispensar os aspectos formais da língua, mas realizar a articulação necessária para, assim, esclarecer, a partir de um novo ponto de vista, a totalidade do enunciado concreto (aqui observando o gênero como um processo e não como um produto) a partir de um sujeito histórica e socialmente situado.

E tratando da linguagem, é possível construir uma metodologia (de um método) capaz de orientar o pesquisador no emaranhado de complexidades que a linguagem comporta, evitando descaminhos que podem conduzir ao tratamento de questões que não lhe dizem respeito (ainda que nada no mundo humano esteja isolado), assumindo como próprio o que é próprio de outros campos (por exemplo, usar categorias sociológicas na análise da linguagem não é fazer sociologia, mas se aproximar da linguagem com ferramentas fornecidas por outras áreas do conhecimento, o que permite iluminar pontos escuros, focar algo ainda não visto etc. [...]) Dispor de uma metodologia é dispor de princípios, que precisam ser aliados à intrepidez, à astúcia, e à argúcia e à perspicácia. Dispor de um método é ter corrimãos definindo a caminhada para se descobrir o que previamente se conhecia, sem expor-se ao desconhecido (GERALDI, 2012, p. 24).

Os corrimãos, os quais Geraldi menciona para lastrear compreensão do objeto desse estudo, foram percebidos no método filosófico-discursivo proposto pelo Círculo. Nele, o pesquisador (cognoscente) tem a flexibilidade de explorar o objeto (cognoscível) de estudo permitindo-se sair do seu lugar e adentrá-lo, de forma a conhecê-lo, percebê-lo e a partir disso, retornar ao seu espaço com a finalidade de explicá-lo através de um mútuo envolvimento. A análise do gênero meme de internet de teor político corrobora esse envolvimento, pois o apresentamos aqui como um processo. Partimos, dessa forma, dos diálogos que o antecede (notícias, reportagens, entrevistas, pronunciamentos presidenciais, falas de políticos etc.) e diálogos que o sucedem nas redes (comentários, compartilhamentos, *likes*, *deslikes* etc.), uma vez que pretendemos lançar um olhar aerofotogramétrico para o mundo em ebulição.

Nesse sentido, Volóchinov (2019), em seu ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica*, aponta para a importância de se validar um método filosófico-discursivo para o estudo de objetos próprios das ciências humanas. Para este autor,

É impossível encontrar a fórmula química por meio da sociologia, porém a ‘fórmula’ científica para qualquer área da *ideologia* só pode ser encontrada com a ajuda dos métodos sociológicos. Todos os demais métodos – ‘imanescentes’ – perdem-se no subjetivismo sem conseguir encontrar uma saída para o embate inútil de pontos de vista e opiniões, sendo totalmente incapazes de apresentar algo que ao menos de longe se pareça com uma fórmula química precisa e rigorosa (VOLÓCHINOV, 2019, p. 112, [grifos do autor]).

O autor explica a necessidade de se ter um método que compreenda o seu objeto a partir de uma abordagem científica da criação ideológica, contudo reconhece que o método filosófico-discursivo também não consegue dar conta do rigor e da precisão dos objetos próprios das ciências da natureza. Diferentemente do que ocorre nas ciências exatas e biológicas, nas quais o pesquisador precisa dissecar seu objeto de pesquisa sistematicamente, o pesquisador das ciências humanas precisa tomar um posicionamento em relação ao seu objeto pesquisado. Isso significa que ele adentra ao seu objeto (cognoscível), observa seu ambiente, interage com ele, coloca-se no lugar dele para, somente depois, retornar a sua posição de pesquisador (cognoscente).

Medviédev (2019b) também discute a questão, destacando que a totalidade dos atos individuais, da qual participa a criação ideológica, é um momento fundamental da comunicação social, pois os atos são elementos que dependem dessa comunicação e, por isso, precisam ser observados dentro do processo social que os entende como um todo. Dito de outra maneira, seja qual for o ato que procede de um processo ideológico, ele não pode ser um objeto de estudo a partir de processos rígidos e formais, no entanto, precisa ser avaliado através do olhar atento e sensível do analista que, com esse objeto, dialoga constantemente.

Sobre a questão metodológica, Bakhtin (2011, p. 393-394) também se posiciona em seu ensaio *Metodologia das ciências humanas*, em que vai discorrer sobre o conhecimento da coisa e o conhecimento do indivíduo. Para ele, enquanto este “é a ideia de Deus em presença de Deus”, possui “a necessidade da livre autorrevelação do indivíduo” e tem como “critério não a exatidão do conhecimento mas a profundidade da penetração”; aquele se refere à “pura coisa morta, dotada apenas de aparência [...] desprovida de interior próprio inalienável e não utilizável”.

Nesta pesquisa, o nosso texto dialoga com outros textos, vai buscar outras referências, outras vozes, outros contraditórios para que a voz aqui ecoada não seja monológica, não seja

coisa reificada, morta e dotada de aparência. Não queremos a coisificação completa deste dizer; queremos vê-lo em diálogo constante com textos de outrem.

Nesse sentido, a presente pesquisa está inserida no contexto da perspectiva dialógica da linguagem, na qual o meme de internet de teor político foi analisado conforme a (i) contextualização do enunciado situado com a “dupla orientação da realidade” (MEDIVIÉDEV, 2019), que considera circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas – que tanto orientam como constituem o discurso; (ii) apresentação dos recursos semióticos (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013; ROJO, 2012, 2013, 2016) que apontam para a dimensão do verbo-visual dos enunciados (BRAIT, 2013; GRILLO, 2010) como elementos que participam do todo composicional do gênero; (iii) compreensão das noções que envolvem a cosmovisão carnavalesca na coroação destronamento como um ritual ambivalente biunívoco (BAKHTIN, 1996, 2018) nas produções meméticas; e, por fim, (iv) reflexão sobre como essas manifestações populares, ao incorporarem ideias carnavalizadas, quebram as hierarquias sociais de poder da vida oficial.

5.2. Seleção da rede social *Facebook*

A escolha da rede social *Facebook*, lançada em 04 de fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, não se deu de forma aleatória. Como já havíamos mencionado em outro trabalho (CAVALCANTE; CUNHA; CAIADO, 2022), há rumores em relação ao declínio dessa rede, pois além de surgirem novas redes sociais digitais, todos os anos, com a finalidade de encontrarem espaço nessa grande praça pública, a disputa entre elas é cada vez mais acirrada e o trabalho para desenvolver novidades é intenso, visto que cada uma quer atrair para si o destaque de suas novas ferramentas, perante as concorrentes virtuais.

Dentro desse contexto, se ainda surgir a dúvida nos possíveis e presumidos leitores desta pesquisa, sobre o porquê da escolha do *Facebook*, tentaremos deixar mais evidente, nas próximas linhas, a nossa escolha. Para tanto, fundamenta-a a partir de algumas informações e dados estatísticos contidos nos Relatórios de 2022³², produzidos pela *DataReportal*, publicado em parceria por *We Are Social* e *Hootsuite*.

³² Trata-se de um relatório trimestral que tem como objetivo explorar as estatísticas, *insights* e tendências recentes, de forma a explicar como o mundo usa a internet, os dispositivos móveis, mídias sociais e comércio eletrônico. A versão mais atualizada (julho/2022) e outras anteriores se encontram disponíveis em: <https://datareportal.com/>. Acesso em: 09 ago. 2022.

Iniciamos a justificativa sobre a escolha dessa plataforma a partir de alguns dados retirados, do relatório acima referido, bem como do *Relatório Estatísticas e tendências do Facebook*. Dos vários números existentes sobre as mídias sociais, escolhemos apontar cinco estatísticas, a saber: (i) as manchetes digitais essenciais; (ii) o alcance dos anúncios em relação ao público potencial do *Facebook* no Brasil; (iii) o tempo gasto com mídias sociais em todo o mundo; (iv) o percentual de usuários que utilizam as redes sociais digitais para acessar notícias e, por fim; (v) as redes sociais digitais mais acessadas no mundo.

Para início de conversa sobre os dados dos relatórios, apresentamos a visão geral de adoção e uso de dispositivos e serviços conectados:

Gráfico 1 - Manchetes digitais essenciais: jul/2022



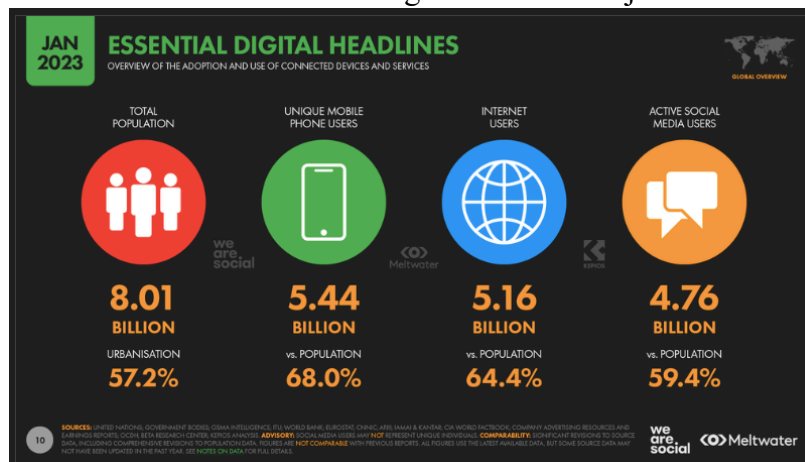
Disponível em: <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2022-july-global-statshot-report-jul-2022-v02>. Acesso em: 09 ago. 2022.

De acordo com o **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, em julho de 2022 o total era de 7.98 bilhões de habitantes mundiais e 57% desse total estavam em áreas urbanas. Dos mais de 7 bilhões de pessoas, 66,9% da população mundial, ou seja, 5.34 bilhões de pessoas eram usuárias de, pelo menos, um celular. Do total de habitantes no planeta, 63.1% ou 5.03 bilhões de pessoas possuíam acesso à internet, no entanto, 59% ou mais da metade dessa população em todo o mundo, isto é 4.7 bilhões, eram usuários ativos de mídias sociais.

A estimativa, segundo *World Population Prospects 2022*³³, da Organização das Nações Unidas – ONU, era a de que essa população atual de 7.98 bilhões de pessoas atingisse 8 bilhões em 15 de novembro de 2022. No entanto, a atualização desses resultados trazem novos números que superaram tais expectativas.

³³ Tradução: Perspectivas da População Mundial 2022.

Gráfico 2 - Manchetes digitais essenciais: jan/2023



Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>.
Acesso em: 27 jan. 2023.

A população mundial ultrapassou os 8 bilhões em 15 de novembro de 2022 e chegou a 8.01 bilhões no início de 2023. Isso confirma que mais de 57% da população mundial vive em áreas urbanas. Dos mais de 8 bilhões de pessoas, 68.0% da população mundial são usuárias de, pelo menos, um celular. Do total de habitantes no planeta, 64.4% ou 5.16 bilhões de pessoas possuem acesso à internet, no entanto, 59.4% ou mais da metade dessa população em todo o mundo, isto é 4.76 bilhões, são usuários ativos de mídias sociais.

No

Gráfico 3, os dados apresentados evidenciam o alcance de anúncios no *Facebook*:

Gráfico 3 - Brasil: o público potencial



Disponível em: <https://datareportal.com/essential-facebook-stats>. Acesso em: 09 ago. 2022.

De acordo com o

Gráfico 3, dos 116,6 milhões do alcance potencial total de anúncios no *Facebook*, a abrangência contemplada é mais da metade da população brasileira conectada, ou seja, 54,2%

dessas pessoas são alcançadas pelos anúncios. No entanto, há mudança no trimestre em relação a esse alcance com o aumento de 0,5% em relação ao relatório trimestral anterior (out/nov/dez-2021), o que significa mais de 550 mil a mais nesse trimestre (jan/fev/mar-2022).

Outro dado interessante é o alcance desses anúncios em relação ao total de usuários da internet, que abrange 66,6% deles. Essa abrangência chega a 65,7% da população com mais de 13 anos (idade mínima que a empresa limita para o uso de sua plataforma), que possui uma maior tendência a ser alcançada pelos anúncios. Segundo os dados, o público masculino e feminino são 46,6% e 53,4%, respectivamente, no Brasil; no entanto, os dados globais diferem, como mostraremos mais adiante.

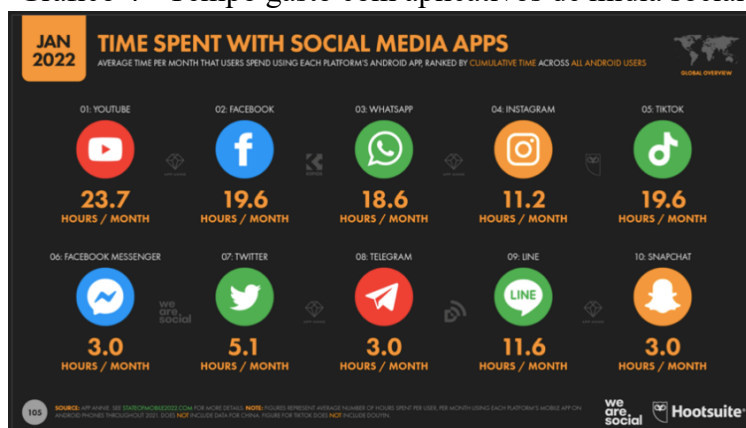
Diante do

Gráfico 3, o leitor pode até se perguntar: o que esses dados têm a ver com esse estudo? O fato é que a *Datareportal* utiliza os dados e percentuais do público publicitário do *Facebook* para contabilizar o número de usuários em cada região do mundo, bem como o quantitativo de usuários por país. No caso do Brasil, encontra-se em quarto lugar no *ranking*, como o país que possui cerca de 116,6 milhões de usuários ativos no *Facebook*, ficando atrás apenas da Índia com 339,8 milhões, EUA com 180,1 milhões e Indonésia com 130,9 milhões.

Conforme o relatório da *DataReportal*, o *Facebook* está em segundo lugar no *ranking* em relação ao tempo gasto mundialmente por seus usuários de Android, que chegam a acumular 19,6 horas por mês, o que dá quase um dia inteiro por mês ou quase 40 minutos por dia, usando o aplicativo. Isso confirma que o *Facebook*, como mostra o

Gráfico 4, fica atrás apenas do YouTube, no entanto, lidera outras mídias sociais tão conhecidas e utilizadas por tantas pessoas, como o WhatsApp³⁴, *Instagram* entre outras.

Gráfico 4 - Tempo gasto com aplicativos de mídia social



Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>.
Acesso em: 09 ago. 2022.

³⁴ Ver dissertação de Mestrado de Cavalcante (2016), intitulada: *O trabalho com a oralidade: proposição, aplicação e análise de um debate regrado via WhatsApp*.

Dentre as descobertas mais interessantes trazidas pelo relatório está a que mais de 4 em cada 5 adultos veem suas notícias através de canais digitais, enquanto 3 em cada 5 assistem notícias pela televisão. Outra descoberta interessante é sobre os canais de notícias, tendo em vista que hoje as pessoas têm 2 vezes e meia mais chances de recorrer a mídias digitais do que a jornais e revistas em meio físico. Convém destacar, ainda, que a plataforma social mais usada para acessar notícias digitais é o *Facebook*, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Plataformas sociais usadas para acessar notícias digitais



Disponível em: <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2022-july-global-statshot-report-jul-2022-v02>. Acesso em: 09 ago. 2022.

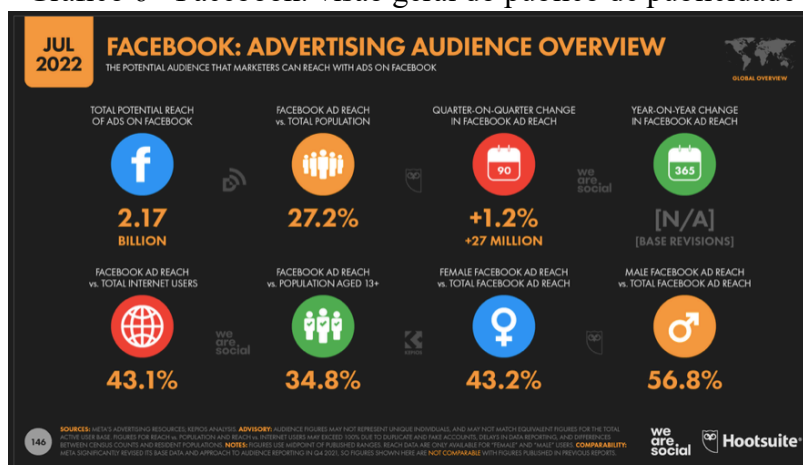
O Gráfico 5 deixa nítida a grande abrangência do *Facebook* em relação ao acesso de usuários a notícias digitais através da plataforma. Pelos percentuais contidos acima, inferimos que a pesquisa não se deu de forma em que o público optasse apenas por uma rede social excluindo as demais, mas várias poderiam ser escolhidas ao mesmo tempo. Com isso, a plataforma em pauta abrange quase metade, ou seja, 44% de todos os entrevistados mencionando o *Facebook* como fonte de notícias.

É interessante notar que o YouTube ocupou o segundo lugar nesse *ranking* e que os homens, com 33%, tendem mais a buscarem notícias nessa plataforma de vídeo do que as mulheres, com 27%. O terceiro lugar ficou para o WhatsApp, com 22% dos entrevistados dando preferência a buscarem essa plataforma como fonte de notícias. E isso se manifesta de igual modo para homens e mulheres, sem distinção. Já o quarto lugar ficou com o *TikTok*, que em relação ao relatório do ano anterior, de 4%, quase dobrou o seu percentual para 7% este ano de 2022. Além dessas descobertas, convém ressaltar que o governo chinês ainda controla todos os meios de comunicação naquele país e que o *Facebook* ainda é por lá bloqueado.

Nesse contexto, os anúncios do *Facebook* alcançam 27,2% da população mundial, isto é, 2,17 bilhões de pessoas, como mostra o

Gráfico 6:

Gráfico 6 - Facebook: visão geral do público de publicidade



Disponível em: <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2022-july-global-statshot-report-jul-2022-v02>. Acesso em: 09 ago. 2022.

Outro fato tão importante quanto os que até aqui foram citados é que os recursos próprios do *Facebook* apresentaram aumento de 1,2% no alcance global de anúncios entre o trimestre do último relatório atualizado (abr/mai/jun-2022). Isso fez elevar o público de publicidade global em mais de 27 milhões no comparativo ao relatório anterior (jan/fev/mar-2022). A base de revisão anual desses números só poderá ser realizada em agosto de 2023.

Os dados do

Gráfico 6 mostram, ainda, que o alcance dos anúncios do *Facebook* é de 43,1% do total de usuários da internet (imagem 3), que resulta em torno de 2,17 bilhões de usuários³⁵. Por outro lado, em relação ao alcance desses anúncios relativo à população acima de 13 anos é de 34,8%. Por fim, os dados globais mostram que a abrangência do público masculino de 56,8%, é superior a do público feminino que é de 43,2%.

Segundo o relatório Global de 2022, apesar das limitações de idade impostas pelo *Facebook* e o fato de a plataforma permanecer ostensivamente bloqueada na China Continental, sua base total de usuários continua a crescer. Isso pode ser verificado através da quantidade de usuários ativos no mês. Os números mostram que 6 em cada 10 pessoas (58,6%) que podem utilizar a plataforma já o fazem.

Dados os números impressionantes dos relatórios, é fato que os usuários não estão dando adeus à plataforma, mas por que alguns meios de comunicação insistem em divulgar

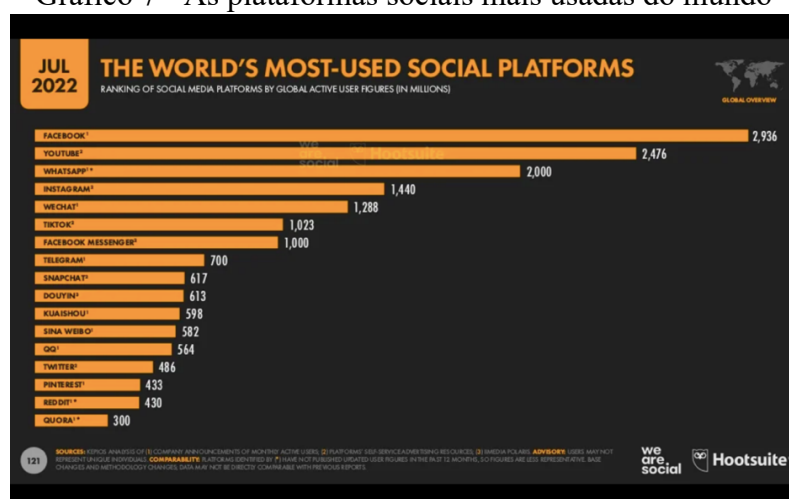
³⁵ Esse número foi arredondado do quantitativo de 2,1629 bilhões de usuários.

manchetes que afirmam a “morte” do *Facebook*? Em agosto de 2009, o conceituado *The New York Times* publicou matéria com a seguinte manchete: “*Facebook Exodus*”, na coluna The Medium, por Virginia Heffernan. A matéria menciona o ‘êxodo’ de algumas pessoas por entenderem que estavam sendo vigiadas, no entanto, a autora da matéria diz que o ‘êxodo’ não é evidente a partir dos números oficiais do site. Parece-nos que, desde então, há uma grande contradição de informações.

Outro fato que vale a pena mencionar ainda é um novo equívoco que parece tomar fôlego sobre a plataforma: o de que os adolescentes estão deixando o *Facebook*. Segundo os números globais de divulgação de anúncios do relatório de Julho/2022, o público adolescente, na verdade, está crescendo, pois entre abril e junho de 2022 houve crescimento de 1,35 milhão de novos usuários entre 13 e 19 anos, o que equivale a um crescimento de 0,6% no trimestre. Não se trata de um número que impressione, mas não deixa de ser crescimento. Vale ressaltar que o grupo de adolescentes é um percentual menor do público total, mas é necessário entender que nesse contexto houve muitas nuances diferentes, dentre elas, a que o número de usuários com faixas etárias maiores de 50 anos aumentou mais rapidamente no trimestre do que a dos adolescentes.

Por fim, passamos a apresentar o *ranking* das plataformas sociais mais usadas no mundo. Nesse gráfico, foram levados em consideração os números globais de usuários ativos.

Gráfico 7 - As plataformas sociais mais usadas do mundo



Disponível em: <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2022-july-global-statshot-report-jul-2022-v02>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Como bem mostra o

Gráfico 7, no topo do *ranking* de rede social mais popular do mundo no segundo trimestre em 2022, lidera o *Facebook* com um pouco mais de 2,93 bilhões de contas ativas,

sendo 130 milhões delas brasileiras. Diante dos dados relatados e suas análises, é inócuo crer no fim do *Facebook* ou que os adolescentes não estejam mais lá, como asseveram rumores e notícias das mídias. Esse tipo de informação segue sendo um tanto exagerada, basta olhar bem para os dados e observar que sua base de usuários continua em crescente desenvolvimento.

Dessa forma, esperamos ter justificado nossa escolha, optando pela plataforma *Facebook* que, apesar dos rumores de ser ou estar obsoleta, ainda é sim, a plataforma mais usada no mundo e a que seus usuários passam mais tempo conectados. Não é à toa que ela continua firme, se renovando e atenta às novidades que surgem.

Além de versátil, a plataforma *Facebook* abrange várias funcionalidades em um único lugar, dentre elas: a divulgação de negócios; o conhecimento e aproximação de pessoas; a relação com amigos, colegas de profissão e pessoas da família, bem como um meio para se informar e se divertir com os memes divulgados na rede. Passemos agora para as análises dos memes de internet de teor político.

5.3. Seleção do *Corpus*

Conforme a perspectiva qualitativa de cunho interpretativo, selecionamos o *corpus* de seis memes, no período pós-eleitoral à presidência da República de 2018, entre os anos de 2019 e 2020, publicados no *Facebook*, em duas páginas distintas: *Memes de direita* e *Memes de esquerda*. As referidas páginas foram selecionadas por causa do grande quantitativo de seguidores de cada uma.

Passamos, agora, a mostrar como se apresentam as páginas em suas imagens de capa.

Imagem 1 - Apresentação da página Memes de direita



Disponível em: <https://www.facebook.com/MemesDeDireitaTalkei>. Acesso em: 10 ago. 2020.

A página *Memes de direita* foi criada em 20 de setembro de 2018, é gerenciada por pessoas que residem no Brasil, possui 63.000 seguidores e se intitula como página humorista de memes de direita. Como se pode notar, trata-se de uma página de apoiadores do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro, mais voltada para ideias tradicionais e bordões utilizados na fala do presidente.

A seguir, imagem de capa da página *Menes de esquerda*:

Imagem 2 - Apresentação da página Menes de esquerda



Disponível em: <https://www.facebook.com/menesdeesquerda>. Acesso em: 10 ago. 2020.

A página *Menes de Esquerda* foi criada em 22 de agosto de 2014, é gerenciada por pessoas que moram no Brasil, possui 164.000³⁶ seguidores e se intitula como página de personagem fictício – “vinho tainha e muito comunismo”. Não é difícil notar que a referida página é composta de apoiadores do atual presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva ou simplesmente Lula, voltada para ideias mais progressistas.

Seguimos alguns critérios para a escolha do *corpus*, dentre eles:

- (i) a página precisava estar ativa e com publicações de 2019 até os dias atuais;
- (ii) demos preferência aos memes de linguagem híbrida, ou seja, que tivessem em sua composição diferentes semioses;
- (iii) demos preferência aos memes que tiveram, pelo menos, 100 interações, dentre elas: curtidas e comentários;
- (iv) os memes deviam abordar assuntos polêmicos que vieram a público no meio político, e;
- (v) os memes foram selecionados a partir de duas temáticas estabelecidas, a saber: “Menino veste azul e menina veste rosa” e “Laranjas” e lavagem de dinheiro.

³⁶ Essa informação foi extraída da página no dia 10 ago. 2020.

5.4. Seleção das categorias de análise

Com o *corpus* selecionado a partir das páginas acima apresentadas, partimos da suposição de que o gênero selecionado se caracteriza por uma (des)ordem da “lógica natural” dos objetos e pela representação “ao avesso” de fatos da “vida oficial”. Nesse sentido, como a perspectiva dialógica não elabora categorias analíticas dentro do seu arcabouço metodológico, organizamos o quadro abaixo, elencando as categorias de análise da investigação.

Quadro 2 - Categorias de análises

Categorias de análise	Fundamentação
1. Dupla orientação da realidade, que considera circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas, como também coroação/destronamento;	(MEDIVIÉDEV, 2019; BAKHTIN, 1996, 2018)
2. Relações dialógicas;	(VOLÓCHINOV, 2017; MEDIVIÉDEV, 2019; BAKHTIN, 2016)
3. Tom emotivo-volitivo;	(BAKHTIN, 2020)
4. Recursos semióticos que apontam para a dimensão verbo-visual dos enunciados;	(DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013; ROJO, 2012, 2013, 2016; BRAIT, 2013; GRILLO, 2010)
5. Categorias da cosmovisão carnavalesca: livre contato familiar entre os homens; excentricidade; <i>mésalliances</i> carnavalescas, e; profanação;	(BAKHTIN, 1996, 2018)
6. Vocabulário da Praça Pública;	(BAKHTIN, 1996, 2018)
7. Ato responsável.	(BAKHTIN, 2020)

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta pesquisa.

6. UMA ANÁLISE DA CARNAVALIZAÇÃO NOS MEMES POLÍTICOS

A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano.

(Volóchinov)

A palavra da qual se refere Volóchinov é a palavra tomada em sua integralidade, em seus diversos aspectos, que é direcionada ao outro e que realiza plenamente o seu sentido. Nesta seção, o espetáculo se apresenta. É momento de aliar todo o arcabouço teórico discutido até aqui à prática da produção memética política.

Conforme mencionado na metodologia, foram coletados 6 memes das páginas selecionadas do *Facebook*, sendo 3 de posicionamento mais conservador e 3 de posicionamento mais progressista. Suas análises se deram através de 2 temáticas distintas, a saber:

- 1) “Menino veste azul e menina veste rosa”;
- 2) “Laranjas” e lavagem de dinheiro.

A decisão de realizar esse tipo de análise partiu da necessidade de diversificar a apresentação do *corpus* (que de fato é múltiplo e riquíssimo) e mostrar mais exemplares distintos de memes com mesma temática. Por isso, inicialmente, apresentamos a situação do contexto com o discurso que deu origem à produção dos memes; recuperamos o quantitativo de buscas feitas pelos usuários da internet, através do *Google Trends*, em relação às palavras ou expressões-chave que geraram os memes; apresentamos os memes publicados, e; por fim, trouxemos os comentários dos usuários do *Facebook* em cada meme publicado.

Para que houvesse paridade entre os temas, o primeiro foi de conteúdo mais conservador e o segundo de conteúdo mais progressista. É sob esse ângulo que propomos, a seguir, realizar as análises dos memes selecionados.

6.1. Uma governança de “direita”

O final do ano de 2018, no Brasil, foi marcado pela disputa presidencial e o país encontrava-se regido por uma intensa polarização ideológica: de um lado, os eleitores da esquerda, representados pelo candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT)

e, do outro, os eleitores da extrema-direita³⁷, representados pelo candidato Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL). Este ascende à Presidência da República, conhecido por suas declarações racistas, misóginas e homofóbicas. Essas declarações também ascendem socialmente, pois, deixando de ser consideradas discriminatórias, passaram a ter “oficialidade” e ser o exemplo do chefe maior de uma nação aos seus eleitores.

Em primeiro de janeiro de 2019, Bolsonaro toma posse como o novo Presidente da República Federativa do Brasil, recebe a faixa presidencial das mãos de Michel Temer e dá início ao seu mandato. Mas o que muitos não esperavam era que ele permanecesse com o “palanque armado” durante todos os anos do seu governo. Os ataques a adversários políticos eram constantes e a imprensa começou a ser por ele rechaçada, virando alvo também de seus seguidores.

Outro fator não menos importante foi o “trabalho” incansável do chamado gabinete do ódio, na divulgação *fake news* a todo momento contra quem critica ou se opõe ao governo. Diante disso, respostas a todo esse discurso surgiram, tanto oficiais, como a CPI das *fake News*, que foi instaurada no congresso, quanto as não oficiais como os perfis nas redes sociais digitais que se opunham ao governo. Por outro lado, há também os que defendem e elogiam. Esse foi o caso das páginas *Memes de direita* e *Menes de esquerda*, no *Facebook*, que protestam e deixam claro seus posicionamentos políticos através dos gêneros discursivos memes.

Não é nosso intuito, aqui, desenvolver uma defesa teórica sobre o gênero em análise, uma vez que já o consideramos a partir de uma perspectiva dialógico-discursiva. Nas três postagens da página *Memes de direita* e outras três da página *Menes de esquerda*, do *Facebook*, que compõem o *corpus* desta pesquisa, há a constância dominante da materialidade estilística voltada à sátira, à crítica, ao deboche e à provocação, entre outras coisas, o que coopera para acentuar o caráter ora hilário, ora desrespeitoso dos enunciados verbo-visuais, a partir do ponto de vista de quem os recepciona, ou seja, do auditório da enunciação.

Meme é agora amplamente associado a um casamento entre uma imagem estática e um texto sobreposto a ela. [...] formato image macro[...] O espalhamento de macros aumentou grandemente em função da popularidade dos sites de mídias sociais, com o Facebook, o Tumblr, o Instagram, o Twitter e o YouTube desempenhando certo protagonismo. (KNOBEL; LANKSCHEAR, 2020, p. 120-121).

³⁷ A página do *Facebook* se intitula “Memes de direita” (autodenominação), mas está associada a uma governança de extrema-direita, tendo em vista que existe uma direita democrática e civilizada ao redor do mundo (e no Brasil) que difere substancialmente da extrema-direita.

Esse formato de meme em *image macro* foi o escolhido para compor o *corpus* desta tese, por ser a forma mais popular e que tem gerado protagonismo em meio aos *sites* das principais mídias sociais. Dessa forma, com fundamento no que aqui foi exposto, passamos a apresentar, na próxima subseção, a primeira série de análises dos memes de direita ou mais conservadores, por temas determinados.

6.1.1. Tema 1: “Menino veste azul e menina veste rosa”

Ao abordarmos o primeiro tema selecionado, é relevante destacar a importância do contexto político-social em que ocorreu a situação geradora dos memes. Desta feita, passemos para a contextualização em que ocorreu a fala da ex-ministra Damares Alves.

Quadro 3 - Contextualização da fala de Damares Alves
Referente aos memes 1, 2 e 3

Jair Messias Bolsonaro venceu as eleições de 2018 com promessas de reformas liberais na economia e um discurso conservador, contrário à corrupção, ao PT (Partido dos Trabalhadores) e ao próprio sistema político³⁸. Seu *slogan* de campanha em 2018 foi: **Mais Brasil, menos Brasília”, mas parece que o que pegou mesmo foi: **“Brasil acima de todos, Deus acima de tudo”**. No dia 02 de janeiro de 2019, ocorreu a cerimônia de transmissão de cargo dos ministros do Governo Bolsonaro, na qual Damares Alves assumiu a pasta da *Mulher, Família e Direitos Humanos*. Em seu discurso de posse, a nova ministra mencionou: **“menina será princesa e menino será príncipe”**. Após isso, em momento particular e cercada de seus apoiadores, foi feito um vídeo amador no qual a referida ministra declara que é inaugurada uma nova era no Brasil em que **“menino veste azul e menina veste rosa”³⁹**. A famigerada declaração da ministra causou muita polêmica nas redes sociais digitais e, a partir disso, a explosão de memes contra à fala e a favor da fala da referida ministra foi inevitável.**

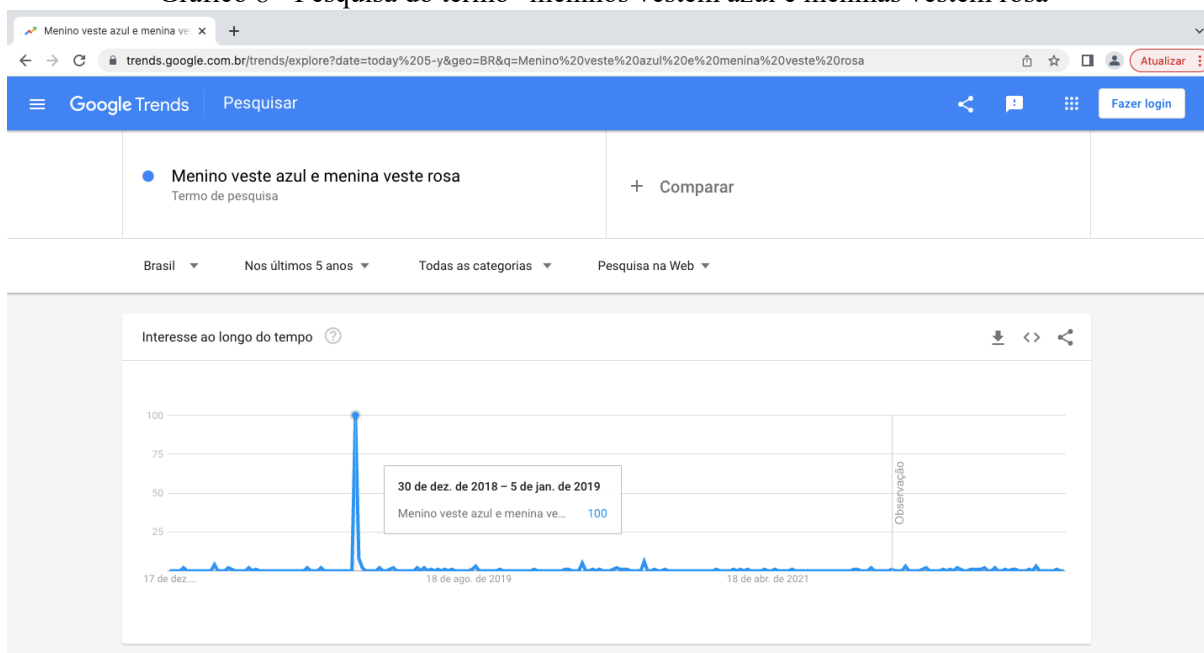
Fonte: adaptado pela autora a partir de <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2022.

³⁸ Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2022.

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Acesso em: 27 ago. 2020.

A partir de uma rápida pesquisa no *Google Trends*⁴⁰ foi possível perceber a quantidade de buscas, no Brasil, em relação à fala da Ministra Damarens “Menino veste azul e menina veste rosa”, entre os dias 30 de dezembro de 2018 e 5 de janeiro de 2019. Vejamos:

Gráfico 8 - Pesquisa do termo “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”



Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=Menino veste azul e menina veste rosa>. Acesso em: 16 dez. 2022.

É interessante perceber que o pico de buscas sobre o tema atingiu a frequência de 100 no seu eixo vertical, exatamente no período em que ocorreu a fala da Ministra Damarens Alves. Isso evidencia o grau de interesse dos internautas acerca do referido tema.

Ao realizarmos essa breve contextualização do fato que derivou diversos memes em redes sociais digitais, objetivamos mostrar que o gênero é mais um processo do que propriamente um produto. Por esse entendimento, a decisão de travar um diálogo com o que antecede o meme (reportagens, vídeos sobre o que aconteceu, pesquisas sobre os termos que envolvem a discussão, etc.) é fundamental para que possamos percebê-lo como processo. Passemos, então, para a apresentação e análise do - Meme 1.

⁴⁰ “O *Google Trends* é uma ferramenta gratuita que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ao longo do tempo” O eixo horizontal do gráfico representa tempo (a partir de 2004) e o vertical é com que frequência é procurado determinado termo. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/o-que-e-google-trends/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Imagem 3 - Meme 1⁴¹

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=351506962329772&set=pb.100044323364835.-2207520000>.

Acesso em: 31 jan. 2019.

A Imagem 3 foi publicada em 5 de janeiro de 2019 e coletado na página *Memes de direita* na rede social *Facebook*. Essa página traz os enunciados que parodiam determinada situação da vida oficial, num tom satírico, crítico e irônico, envolvendo figuras públicas.

O - Meme 1 ilustra o jornalista Jorge Pontual, da TV Globo, apresentando o telejornal com terno e gravata na cor rosa, parecendo fazer uma crítica à fala da ministra de que cor não tem gênero e, ao seu lado, a imagem do Seu Peru, personagem afeminado, conhecido através da escola do professor Raimundo e interpretado por Orlando Drummond, que aparece com um tipo de manta rosa como roupa, anéis nos dedos, óculos vermelhos e faixa na cabeça.

O - Meme 1 traz o que Dionísio e Vasconcelos (2013, p. 20-21) chamam de recursos semióticos, termo utilizado para descrever que “é justamente no texto onde os modos (imagem, escrita, som, música, linhas, cores, tamanho, ângulos, entonação, ritmos, efeitos visuais, melodia etc.) são realizados” e como se integram por meio das modalidades sensoriais (visual, auditiva, olfativa etc.) na composição da multimodalidade. Nesse sentido, para nos referirmos ao enunciado como um todo dizemos: recursos semióticos na construção dos memes.

Cabe destacar que o - Meme 1 traz os recursos semióticos em sua composição, como: linguagem verbal, a posição das pessoas que estão de frente, a indumentária de ambos, as cores e a semelhança física aparente. É possível notar o jornalista com expressão facial tranquila, mas postura formal. Ele apresenta o telejornal, pois é observado o microfone em seu terno e a edição do jornal logo atrás dele. Já o Seu Peru encontra-se com expressão facial de surpresa ou

⁴¹ O - Meme 1 foi apresentado como parte do *corpus* do trabalho intitulado *Os memes em meio digital: uma abordagem multimodal para a compreensão leitora de estudantes*, no evento da Abralin, em maio de 2019, em Maceió-AL. Posteriormente, foi publicada uma análise mais completa sobre essa temática em capítulo do livro *Linguagem: tecnologia e ensino*, organizado por Roberta Caiado e Vilson Leffa (2021), no artigo intitulado: *As relações dialógicas nos memes: como a carnavalização e o riso contam a história política no Brasil de 2019*.

admiração com algo. Sua postura está mais informal, pois sua mão direita está em cima do peito esquerdo; não conseguimos identificar o local em que ele se encontra, pois o fundo da imagem está desfocada.

A linguagem verbal aparece acima das imagens, de forma centralizada, com letras em negrito, dizendo o seguinte: “Jornalista da Globo tenta lacrar e apresenta jornal vestido de ‘Seu Peru’”. Essa parte verbal utiliza aspas no nome “Seu Peru” e faz uso do vocábulo “lacrar” não no sentido de “selar”, “fechar algo” ou “colocar lacre em”, mas com o valor semântico de “quando um ato é bem-sucedido”, “arrasar” ou “mandar bem”, sentido esse adotado mais pelo vocabulário da comunidade LGBTQIA+.

Essa construção verbo-visual, também materializa o vocabulário da imensa “praça pública” – redes sociais digitais⁴² – apontada por Bakhtin (1996, 2018), que possui o alvará de livre circulação para se propagar, já que,

No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas *vive-se* nele, vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, *vive-se uma vida carnavalesca*. Esta é uma vida desviada da sua ordem *habitual*, em certo sentido uma ‘vida às avessas’, um ‘mundo invertido’ (*monde à lénvers*). (BAKHTIN, 2018, p. 140).

Conforme o filósofo russo, a ordem da vida oficial é alterada no período de carnaval e tudo aquilo que determinava a ordem habitual da vida como as leis, as restrições e as hierarquias, eram revogadas enquanto durasse a festa da carne. A grande praça pública das redes sociais digitais admite esse tipo de vocabulário; no entanto, há certos limites para a “liberdade legitimada” nas redes. Podemos afirmar que se trata de uma liberdade relativa, visto que existem as limitações previstas em lei, bem como conteúdos que só podem ser acessados mediante pagamento.

Dentre as categorias carnavalescas trazidas por Bakhtin (2018, p. 140), é possível perceber, no - Meme 1, a presença do *livre contato familiar entre os homens*, quando, na vida oficial, eles são separados por uma intransponível barreira hierárquica e, na imensa praça pública digital, essa barreira se rompe, se desfaz, o que permite que esses homens entrem em livre contato e acesso familiar, tenham liberdade (relativa) para expressarem seu comportamento, seus gestos e suas falas sem constrangimentos.

A intencionalidade do produtor do - Meme 1 foi associar a imagem do jornalista Jorge Pontual à do “Seu Peru”, como uma paródia humorística. É perceptível a intencionalidade do

⁴² Nesta pesquisa, realizamos analogia da praça pública carnavalesca da Idade Média e do Renascimento mencionada por Bakhtin (1996, 2018) às redes sociais digitais contemporâneas.

produtor do meme em querer depreciar e destronar o referido repórter, que está numa posição mais séria e formal comparado ao Seu Peru, que se encontra numa posição mais relaxada e casual. É nítida também a oposição partidária do produtor desse meme em relação à identidade de gêneros. Nesse caso, essa identidade de gêneros não é percebida pela forma como o sujeito se vê e gostaria de ser visto pela sociedade, mas como uma ideologia do sujeito. Essa foi uma maneira que o produtor encontrou para, além de criticar, tentar ridicularizar o jornalista. Essa tentativa destronante é o que Bakhtin (2018, p. 141 [*grifos do autor*]) chama de “*coroação bufã e posterior destronamento do rei no carnaval*”. Conforme o pensador russo,

A coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação, a alegre relatividade de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição (hierárquica). Na coroação já está contida a ideia do futuro destronamento; ela é ambivalente desde o começo (BAKHTIN, 2018, p. 142).

Consoante o estudioso, a ideia do destronamento reside no momento da coroação, por isso se trata de um “ritual ambivalente biunívoco”; é como se o rito de destronamento colocasse um fim na coroação. Um se opõe ao outro, no entanto, um não vive sem o outro, são inseparáveis, transformam-se um no outro. Separados perdem completamente o sentido carnavalesco. O carnaval não absolutiza nada, apenas declara a relatividade de todas as coisas.

É possível perceber que o - Meme 1 recebe uma valoração, possui um tom emotivo-volitivo, que entra em relação afetiva com o seu autor-produtor e, conseqüentemente, com seus interlocutores, os quais ocupam posições distintas, mesmo que apoiem o mesmo lado mais conservador da política, pois se trata de um momento imprescindível do ato que, segundo Bakhtin (2020), sendo “único e irrepetível”, é incorporado ao evento do qual somos participantes.

Dessa forma, nosso ato único e irrepetível, como analista do discurso, em analisar esse meme, nos faz pensar que, mesmo em nosso pensamento mais abstrato, não se trata apenas de alguém que seja mais “conservador”, amante da família tradicional, mas se trata de um posicionamento homofóbico do produtor do enunciado, que fica evidente ao tentar ridicularizar e degradar a imagem do jornalista que, vestido de rosa e intencionando fazer uma crítica à fala da ministra, é correlacionado ao “Seu Peru”, uma personagem *gay* que, dentro de uma sociedade machista em que se vive hoje, é motivo para a humilhação do outro, segundo a valoração de quem o faz e de quem o reproduz nas redes sociais digitais.

A propósito, após a publicação do - Meme 1 no *Facebook*, no dia 5 de janeiro de 2019, percebemos que houve, um total de 118 interações com ele. Vejamos o que nos mostra a

Imagem 4:

Imagem 4 - Comentários do Meme 1



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=351506962329772&set=pb.100044323364835.-2207520000>.

Acesso em: 31 jan. 2019.

Dentre as interações realizadas com o Meme 1, destacamos: 58 risadas (😂), 23 “likes” (👍), 1 “amei” (❤️), 3 comentários e 31 compartilhamentos, até o dia em que foi coletado. Podemos observar ainda avaliações dos internautas nos comentários realizados. Houve 1 “like” (👍) no primeiro comentário e 1 irritado (😡) no terceiro comentário.

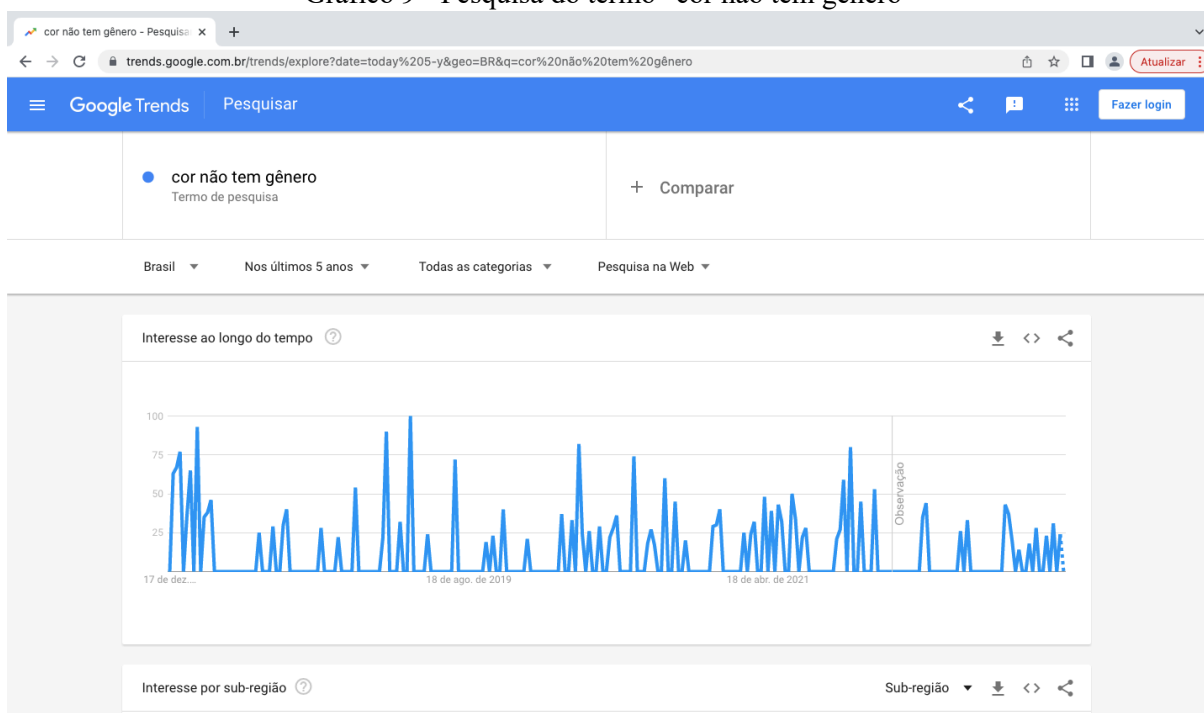
A Imagem 4 apresenta comentários dos internautas sobre o meme em análise. Não iremos analisar todos, pois este não é o objetivo principal desta pesquisa, mas é possível notar que só há comentários de bolsonaristas⁴³ que se posicionam como “conservadores” ou de direita, apoiando ou concordando com o posicionamento do produtor do meme e da página.

Ao finalizarmos essa primeira análise e imbuídos da finalidade de apresentar o meme mais como um processo do que como um produto, travar esse diálogo com o que o sucede (interações com o meme, comentários, compartilhamentos etc.) também é essencial para percebermos os milhares de fios discursivos existentes nas relações dialógicas que ocorrem nos memes de internet de teor político.

Passemos, agora, para a análise do segundo meme da primeira temática: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Antes disso, ao realizarmos uma outra rápida pesquisa no *Google Trends*, tivemos a dimensão de buscas, nos últimos cinco anos, em relação ao seguinte termo: “cor não tem gênero”. Vejamos:

⁴³ O *Facebook* é uma rede social digital que nos dá a possibilidade de encontrar inúmeras informações acerca dos seus usuários. Em uma rápida visita às páginas desses usuários, ficaram evidentes os seus posicionamentos de direita x extrema-direita.

Gráfico 9 - Pesquisa do termo “cor não tem gênero”



Disponível em: [https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=cor não tem gênero](https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=cor%20n%C3%A3o%20tem%20g%C3%BAnero). Acesso em: 16 dez. 2022.

Percebemos que este é um assunto muito procurado pelos internautas nos últimos 5 anos, pois o

Gráfico 9 aponta diversos picos de pesquisa em diferentes datas, no Brasil. A propósito, em distintos períodos, a frequência das buscas ficou acima de 50 no seu eixo vertical.

Passemos, então, para a apresentação e análise do - Apresentação da página Memes de direita - Meme 2.

Imagem 5 - Meme 2



Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=448828769264257&set=pb.100044323364835.-2207520000>. Acesso em: 31 jul. 2019.

O - Meme 2, publicado em 27 de junho de 2019, aborda o mesmo contexto do - Meme 1, porém agora acrescenta outros fios discursivos que aqui rememoram mais uma informação: os meses específicos do ano, outubro e novembro, conhecidos mundialmente como outubro rosa e o novembro azul, são movimentos marcados por ações afirmativas e criados para a conscientização, a prevenção e o diagnóstico precoce do câncer de mama e de próstata, respectivamente.

A imagem mostra as fotos de Zac Efron, que foram tiradas para a promoção do filme *High School Musical 2*, um musical de TV da *Disney*, de 2007. Nesse musical, o ator reprisa o papel principal masculino Toy Bolton. Em outubro de 2015, *tweets* com as imagens de Efron combinadas à frase “Quando você é um estudante universitário e seus pais perguntam para onde foi todo o seu dinheiro”, começaram a circular nas redes e em 2016 esse *tweet* alcançou mais de 15.000 *retweets* e 17.000 curtidas⁴⁴.

Os recursos semióticos trazidos pelo - Meme 2 mostram as fotos de Efron vestido de camisas vermelha e azul, segurando plaquinhas sobre o outubro rosa e o novembro azul. Não sem propósito, essas plaquinhas são também, respectivamente, na cor rosa e azul. Nelas têm destaque o lacinho rosa e o lacinho azul com bigode, que fazem parte do alerta para o que as campanhas tentam destacar. Do lado esquerdo inferior, marca d'água da logomarca da página *Memes de direita*, dando a entender que tenha sido uma produção da própria página. A expressão facial de Efron é tranquila e sorridente, bem como sua expressão corporal que também evidencia tranquilidade, mostrando plaquinhas que parecem dizer o óbvio.

Os recursos semióticos, percebidos através da linguagem verbal que está localizada acima das imagens de Efron, com letras em caixa alta e em negrito, com o seguinte dizer: “Ain cor não tem gênero”, faz uma deboche aos críticos de plantão da fala da ministra Damare Alves de que a cor não está associada ao gênero. Essa linguagem verbal do enunciado evidencia esse deboche com a presença do elemento mórfico “Ain” que indica um recurso da oralidade nasalizada e proposital, mais utilizado pela comunidade *gay*. Trata-se de trazer no meme expressões da oralidade essenciais para a compreensão prosódica do que se deseja enunciar.

Outro recurso semiótico que podemos perceber através da linguagem verbal se faz presente no que está escrito nas plaquinhas que Efron está segurando. Nelas estão escritas, respectivamente, “Outubro rosa tempo de prevenção e de combate ao câncer de mama” e “Novembro azul mês mundial de combate ao câncer de próstata. Sua vida é única! Prevenção é o caminho!”. O interessante é que o bigode no lacinho azul evidencia que esse tipo de câncer acomete apenas homens, que possuem próstatas, enquanto o lacinho rosa faz o alerta tanto para

⁴⁴ Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/when-your-parents-ask-where-all-your-money-went - fn1>. Acesso em: 28 ago. 2020.

mulheres quanto para homens, pois esse tipo de câncer pode incidir também sobre eles. Segundo a estimativa do Instituto Nacional de Câncer⁴⁵, ocorreram 66.280 novos casos por ano, no Brasil, durante o triênio 2020 – 2022.

É possível perceber que o - Meme 2 é mais voltado para o auditório mais “conservador”, o que configura a sua resistência em aceitar posicionamentos que defendam a diversidade da comunidade LGBTQIA+, mas, nesse caso, emprega uma linguagem mais utilizada por quem defende a bandeira de que “cor não tem gênero”, a fim de evidenciar o deboche mencionado.

O *vocabulário da praça pública* é materializado através do - Meme 2, que possui a devida licença para livre circulação. Bakhtin (2018) afirma que tudo aquilo que determina a ordem na vida comum como as leis, as proibições e as restrições são revogadas durante o carnaval. Ele continua dizendo que é revogado “tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens” (p. 140); isso é o que ocorre nessa grande praça pública social da internet. Não importa a classe social, a hierarquia da vida oficial, nas redes sociais digitais, aos que têm acesso às redes, têm também lugar de fala garantido. Reiteramos, trata-se de uma liberdade relativa.

Há, nesse meme, o sarcasmo por parte do seu produtor na ideia de que somente homens são acometidos de câncer de próstata e essa informação é verdadeira. Por outro lado, há uma intenção explícita de deixar aparente que a prevenção do câncer de mama é somente para mulheres, quando na realidade, os homens, em menor escala, também são vítimas dele e, dessa forma, a campanha também se estende a eles.

Fica evidente a forma depreciativa com a qual o produtor do meme se refere ao argumento utilizado por muitas pessoas de que gênero não tem cor, intencionando fazer uma crítica irônica e debochada ao posicionamento de pessoas mais progressistas, criticando-as nesse meme. Dessa forma, o - Meme 2 procura destronar, a partir do ato de debochar e criticar a identidade de gênero. Bakhtin (2018) afirma que no ritual de coroação já está contida a ideia do futuro destronamento, por isso essa ideia é ambivalente desde o início.

A identidade de gênero abordada no meme não é bem-vinda por seu produtor, por isso é por ele ridicularizada e profanada. O ritual ambivalente biunívoco que Bakhtin menciona estabelece a simultaneidade da ideia de coroação e futuro destronamento, ou vice-versa. Se no meme a ideia é de destronamento, é porque em um outro momento essa ideia já foi coroada por alguém; provavelmente, por aquelas pessoas que lutam pelos direitos das minorias, por seus apoiadores e pela própria comunidade LGBTQIA+.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

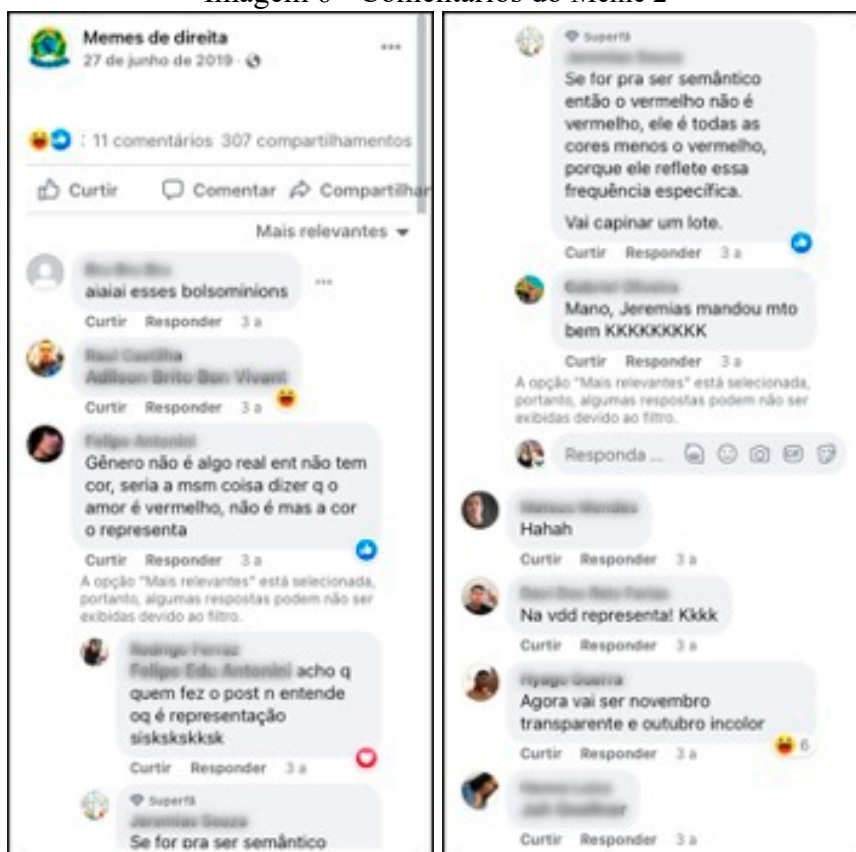
Destarte, o laço que une o conteúdo do meme e o seu tom emotivo-volitivo é valorado pelo sujeito-produtor e por todos aqueles que partilham dessa ideia, pois

[...] nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa. (BAKHTIN, 2020, p. 87).

Nesse caso, o valor do ato de produzir, de curtir, de comentar favorável ou desfavoravelmente e até de compartilhar um meme, está em afirmá-lo de forma emotivo-volitiva, por aquele que pensa e, de modo algum, se encontra indiferente no existir singular e irrepetível.

Cumpramos destacar que, após a publicação do - Meme 2 no *Facebook*, no dia 27 de junho de 2019, percebemos que houve um total de 680 interações com ele. Vejamos o que nos mostra a Imagem 6:

Imagem 6 - Comentários do Meme 2



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=448828769264257&set=pb.100044323364835.-2207520000>.

Acesso em: 31 jul. 2019.

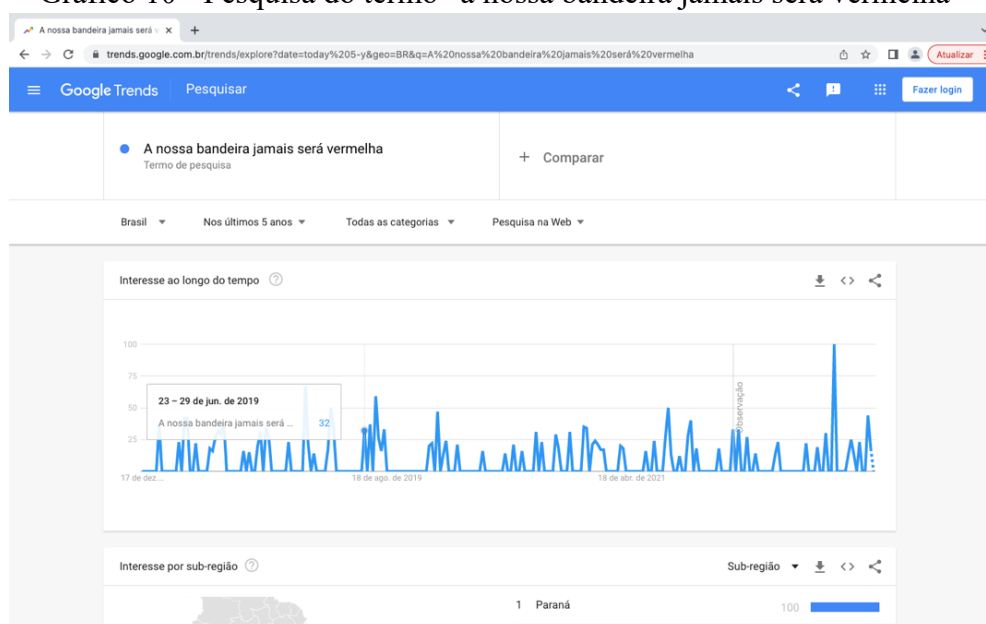
Dentre as interações, ocorreram 226 risadas (😂), 113 “likes” (👍), 13 “amei” (❤️), 1 admiração (😮), 1 irritado (😡), 11 comentários e 307 compartilhamentos, até o dia em que foi coletado. Podemos observar, ainda, avaliações dos internautas nos comentários realizados.

Houve 1 “risada” (😂) no segundo comentário, 1 “like” no terceiro comentário (👍) e 6 risadas (😂) no penúltimo comentário. As interações seguiram com respostas aos comentários feitos e interações com eles.

A Imagem 6 traz os comentários dos internautas sobre o - Meme 2. Não iremos analisá-los, tendo em vista não ser esse o objetivo central desta pesquisa, mas é possível fazer algumas observações sobre eles. Nessa imagem, percebemos um misto comentários de pessoas que se posicionam contra e a favor do posicionamento do produtor do meme e, conseqüentemente, inferimos que também possuem posicionamentos semelhantes à fala da ministra Damares Alves. É nítida a presença das relações dialógicas que ocorrem nessas produções meméticas.

Sigamos, agora, para a discussão do terceiro meme da primeira temática: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Mais uma vez, realizamos pesquisa no *Google Trends*. Dessa vez, pesquisamos o termo: “ladrão veste vermelho”⁴⁶; no entanto, foi possível perceber que não houve buscas, no Brasil, em relação à especificidade desse termo. Decidimos, desta forma, fazer uma nova busca, desta vez com o termo: “a nossa bandeira jamais será vermelha” que envolve a cor em alusão ao PT. Vejamos os resultados:

Gráfico 10 - Pesquisa do termo “a nossa bandeira jamais será vermelha”



Disponível em: [https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=A nossa bandeira jamais será vermelha](https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=A%20nossa%20bandeira%20jamais%20ser%C3%A1%20vermelha). Acesso em: 16 dez. 2022.

Percebemos que este, sim, foi um tema bem procurado pelos internautas nos últimos 5 anos, pois o gráfico aponta uma constância pela busca no Brasil. O Gráfico 10 mostrou que,

⁴⁶ Decidimos colocar apenas o link da busca, uma vez que esta não retornou resultados. Disponível em: [https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=Ladrão veste vermelho](https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=Ladr%C3%A3o%20veste%20vermelho). Acesso em: 17 dez. 2022.

no dia da publicação do- Meme 3, dia 24 de junho de 2019, o termo “a nossa bandeira jamais será vermelha” teve uma frequência de busca estimada em 32, no eixo vertical do gráfico; após isso, seu maior índice foi entre 04 e 10 de setembro de 2022, dia da comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil, comemorado no dia 07 de setembro de 2022. A propósito, foi nesse dia que a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro puxou esse coro com as pessoas que se faziam ali presentes. Detalhamos melhor essa questão na análise do Meme 4.

Desse modo, passemos, então, para a apresentação e análise do - Meme 3.

Imagem 7 - Meme 3



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=446343532846114&set=pb.100044323364835.-2207520000>.

Acesso em: 31 jul. 2019.

O- Meme 3 foi publicado em 24 de junho de 2019 e mostra três imagens distintas. Percebemos a presença de recusos semióticos, a partir da linguagem visual onde temos, no primeiro quadro, uma menina de pele clara, cabelos castanhos, sorridente, com a mão na cintura, vestida com blusa rosa e com *short* e laço no cabelo com tons cor de rosa. No segundo quadro, a imagem de um menino de pele clara, loiro, vestido com blusa azul e com as mãos no bolso. São crianças extremamente brancas e que não representam a população brasileira com toda a sua miscigenação, de fato, como ela é. E, por fim, no terceiro quadro, a imagem de Lula discursando com microfone na mão, parecendo falar alguma coisa; com o tom de pele um pouco mais escura, vestido com camisa vermelha e boné do Movimento sem Terra (MST), também na cor vermelha. É possível notar, ainda, a marca d’água da logomarca da página *Memes de direita*, entre as imagens do menino de azul e da menina de rosa, dando a entender, como no meme anterior, que a produção seja da própria página.

Os recursos semióticos também estão presentes na forma de legendas, localizadas no centro inferior dos três quadros, com letras em caixa alta, na cor branca com contornos pretos, com as seguintes afirmações: “Meninas vestem rosa”, “Meninos vestem azul” e “Ladrão veste

vermelho”. A construção composicional do meme, ao mesmo tempo que faz uma crítica aos defensores da nominada “identidade de gênero”, recorda os fios discursivos da ministra Damares e reforça a ideia de que Lula é desonesto.

No - Meme 3, a cor vermelha não é destacada sem propósito. Trata-se da cor predominante do PT, bem como do MST, partido e movimento, respectivamente, que são rechaçados pela extrema-direita do país. Esta, por sua vez, defende que a bandeira do Brasil jamais será vermelha⁴⁷, fazendo analogia a países comunistas e à própria cor do Partido dos Trabalhadores. Nesse contexto, uma das ações que marcou o evento das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil foi o coro endossado pela ex-primeira-dama Michelle⁴⁸. Segundo Faraco,

Os eventos estão, portanto, sempre correlacionados com a situação social mais imediata e com o meio social mais amplo, ambos se entrecruzando em cada evento e tendo aí papel condicionador dos atos de dizer e de sua significação. (2009, p. 120).

Para o estudioso, a conexão existente entre a situação social mais imediata e o meio social mais amplo em cada evento garante o desempenho condicionante do ato de dizer e seu sentido. Faraco aborda as relações dialógicas em sentido amplo, que foi o foco efetivo de atenção para o Círculo, tratando-se da tomada de posição axiológica diante de todo e qualquer enunciado. Essas relações dialógicas são aqui tomadas como relações de sentidos e também são motivo de nossa atenção nesta pesquisa.

Segundo essa discussão, podemos afirmar que o produtor deste meme e todos que o compartilham, bem como Michelle e todas aquelas pessoas que puxaram o coro de que “a nossa bandeira jamais será vermelha”, tomaram posicionamentos axiológicos em relação ao PT e ao atual Presidente Lula. Há, no entanto, os que refutam esse tipo de discurso, pois “os sujeitos são marcados por profunda e tensa heterogeneidade” (FARACO, 2009, p. 121), afinal, as “diferentes verdades” ou as distintas refrações do mundo estão marcadas pelo entrecruzamento das diversas vozes sociais que demonstram a estratificação da linguagem por elas atravessada.

⁴⁷ Chama a atenção essa frase: “a nossa bandeira jamais será vermelha. De fato, a atual bandeira do Brasil não contém a cor vermelha. Todavia, em outros momentos da nossa história, a bandeira brasileira já teve partes em vermelho, inclusive uma estrela vermelha. Outro fato importante é a etimologia da palavra “Brasil”, que vem de “pau-brasil, árvore cujo miolo é cor de brasa; por isso, vermelho. “Brasil”, “brasa”, “brasileiro” são palavras cognatas que pertencem a uma mesma família etimológica. Logo, o vermelho está na gênese da nossa história, dos nossos símbolos e do nosso gentílico (“brasileiro”). Negar isso é mera conspiração em torno do “vermelho” associando ao fantasma do Comunismo, que leva a um delírio coletivo da extrema-direita.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-michelle-bolsonaro/>. Acesso: 22 set. 2022.

Segundo demonstrado na fundamentação teórica desta pesquisa, os memes divertem as pessoas trazendo a realidade da vida oficial de forma mais descontraída, não, porém, menos crítica. Alguns desses memes chegam até a promover o riso coletivo do auditório da praça pública virtual, no entanto, há os que não consideram engraçado escarnecer e zombar de um Presidente da República, principalmente, se forem seus apoiadores.

A despeito do - Meme 3, consideramos que o vocabulário utilizado na terceira imagem se mostra menos gentil e cortês, quando se refere a um Presidente da República. O mundo real, como um lugar de ação, transparece a praça pública carnavalesca do *livre contato familiar*, o que representava a eliminação da hierarquização na praça pública, permitindo que se elaborassem “formas especiais do vocabulário [...], francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência” (BAKHTIN, 2013, p. 9). Esse tipo de linguagem carnavalesca ganha vida no - Meme 3 que tem, em sua dinâmica discursiva, formas menos polidas de dizer.

Além disso, também é possível perceber no meme cena de *coroação e destronamento* públicos. Basta recordar a Operação Lava-Jato que culminou na prisão do atual Presidente Lula, por corrupção dentro da Petrobrás, o que, possivelmente, chancela a associação da cor vermelha, que é do PT, ao seu líder maior e fundador, Lula, considerado pelo meme como ladrão. Tempos depois, foi considerada e julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a suspeição do juiz do caso, Sérgio Moro, e os processos que envolviam o Presidente foram anulados.

É relevante ressaltar que, como o enunciado é sempre situado, isso marca seu caráter dialógico. Ele não pode ser concebido isoladamente, pois pressupõe enunciados anteriores e sucessores, como é o caso da declaração da ministra Damares Alves sobre a vestimenta das crianças. São os fios dialógicos que se cruzam, de maneira a nunca ser o Adão mítico, o qual menciona Bakhtin. Não será o primeiro nem o último enunciado, mas um elo nessa teia discursiva (BAKHTIN, 2016).

O - Meme 3 imprime a afirmação de sujeitos e seu caráter emotivo-volitivo, que remete à questão dos valores e se inscreve no domínio ético e moral. O ato responsável de compartilhar, curtir, comentar de forma favorável ou também desfavorável é, segundo Bakhtin (2020), se reconhecer nesse ato, é ter a singularidade, a participação única e intransferível no ser evento. Trata-se da assinatura do sujeito “com firma reconhecida”, o que constitui o ato como uma tomada de posição. Segundo Amorim (2016, p. 25), “assinar é iluminar e validar o pensamento com aquilo que somente do meu lugar pode-se ver ou dizer”.

A propósito, após a publicação do - Meme 3 no *Facebook*, no dia 24 de junho de 2019, percebemos que houve um total de 358 interações com ele. Vejamos o que nos mostra a Imagem 8:

Imagem 8 - Comentários do Meme 3



Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=446343532846114&set=pb.100044323364835.-2207520000>.

Acesso em: 31 jul. 2019.

Dentre as interações ocorridas, foram constatadas 126 “risadas” (😂), 95 “likes” (👍), 9 “amei” (❤️), 21 comentários e 105 compartilhamentos, até o dia em que foi coletado. É possível observarmos, ainda, avaliações dos internautas nos comentários realizados. Houve 1 “risada” (😂) no primeiro comentário e 1 “like” no segundo comentário(👍).

A Imagem 8 apresenta os comentários dos internautas sobre o - Meme 3. Nessa imagem, percebemos um misto de comentários de pessoas que se dispõem contra e a favor do posicionamento do produtor do meme e, conseqüentemente, entendemos que também possuem posicionamentos semelhantes à fala da ministra Damares Alves; imprimindo suas assinaturas com firma reconhecidas nesses atos. As relações dialógicas ocorridas nessas produções meméticas garantem o diálogo de distintas tomadas de posição, tanto refletindo como refratando a realidade. Passamos, a seguir, para a apresentação da segunda série de análises dos memes de esquerda ou mais progressistas, por tema determinado.

6.2.Uma oposição de esquerda

Não apenas o final do ano de 2018, como todo o percurso do governo Bolsonaro, até as eleições presidenciais de 2022 foi um período marcado por uma intensa, suposta ou chamada polarização ideológica: agora, de um lado, os eleitores da esquerda, representados pelo então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT) e, do outro, os eleitores da extrema-direita, representados pelo então candidato e ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, do Partido Liberal (PL).

Claro que não estamos falando de um período qualquer, mas dos anos em que explodiram as informações sobre rachadinhas no gabinete do filho do ex-presidente Bolsonaro; a pandemia da Covid-19 em todo o mundo; e a corrida pela descoberta de uma vacina que pudesse frear a contaminação e mortes provocadas pelo vírus. Nesse intervalo de tempo, os brasileiros e todo o mundo presenciaram a forma como o governo enfrentou esses sérios problemas. Desde a postura do ex-presidente de que estava sendo perseguido pela oposição em atribuir rachadinhas no gabinete do seu filho, Flávio Bolsonaro; das substituições de vários ministros da saúde em pleno pico de pandemia; da insistência numa postura negacionista em relação à Covid-19 e ao uso de máscaras de proteção; e da recomendação de uma medicação sem comprovação científica para aplacar o vírus, entre outras coisas.

6.2.1. Tema 2: O “laranjal” e lavagem de dinheiro

Ao adentrarmos ao segundo tema selecionado, é relevante destacar a importância do contexto político-social em que ocorreu a situação geradora dos memes. Desta feita, passemos para a contextualização em que ocorreu a contextualização acerca dos cheques que foram depositados na conta de Michelle Bolsonaro.

Quadro 4 - Contextualização acerca dos cheques na conta de Michelle Bolsonaro

Referentes aos memes 4, 5 e 6:

Presidente eleito em 2018, Jair Messias Bolsonaro toma posse no dia 1 de janeiro de 2019, acompanhado da esposa Michelle Bolsonaro. Em seu discurso, reafirmou as bandeiras levantadas no período eleitoral e disse que iria reestabelecer a ordem no Brasil. Um dos momentos inesperados da posse do então presidente foi o discurso da então primeira-dama em linguagem de sinais, nesse caso, libras. Vale ressaltar que

Michelle é engajada na causa de pessoas com deficiência. É relevante destacar que uma das maiores promessas de campanha de Bolsonaro foi, se eleito, acabar com a corrupção no Brasil. No entanto, a Revista Crusoé⁴⁹ teve acesso aos relatórios do Conselho de Controle de Atividades Financeiras – COAF, que revelavam movimentações suspeitas na conta de Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro, filho zero um do ex-presidente Bolsonaro. O ex-assessor e sua esposa haviam depositado cheques que somaram R\$ 24.000,00 na conta da primeira-dama Michelle. No dia seguinte ao escândalo, Bolsonaro justifica em entrevista que se tratava de um acerto de contas e que Queiroz estaria pagando R\$ 40.000,00 que lhe havia tomado emprestado. Dias depois, veio a revelação de mais cheques depositados e o valor chegava a R\$ 89.000,00. A versão de empréstimo trazida pelo ex-chefe do executivo é posta em dúvida. Essa informação foi verificada e, posteriormente, confirmada pelo Jornal Folha de São Paulo⁵⁰ e outros veículos de informação⁵¹. Segundo o G1⁵², portal de notícia do grupo Globo, o Ministério Público afirma que Fabrício Queiroz operava o esquema de “rachadinha” (quando o parlamentar fica com parte do pagamento de seus assessores) na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, época em que Flávio era deputado estadual. Outro escândalo que teve relação com a família Bolsonaro foi a lavagem de dinheiro que apontava a loja de chocolates de Flávio Bolsonaro como operadora do esquema.

Fonte: Adaptação da autora a partir dos sites do *El País*, da Revista Crusoé, do G1 e da Folha UOL.

Ao contextualizarmos alguns fatos, passemos para a análise do meme da segunda temática: “O ‘laranjal’ e lavagem de dinheiro”; no entanto, antes disso, vamos à nossa rápida pesquisa no *Google Trends*, comparando a busca dos termos: Queiroz e “laranja”⁵³. Vejamos:

⁴⁹ Disponível em: <https://crusoe.uol.com.br/edicoes/119/mais-cheques-para-michelle/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

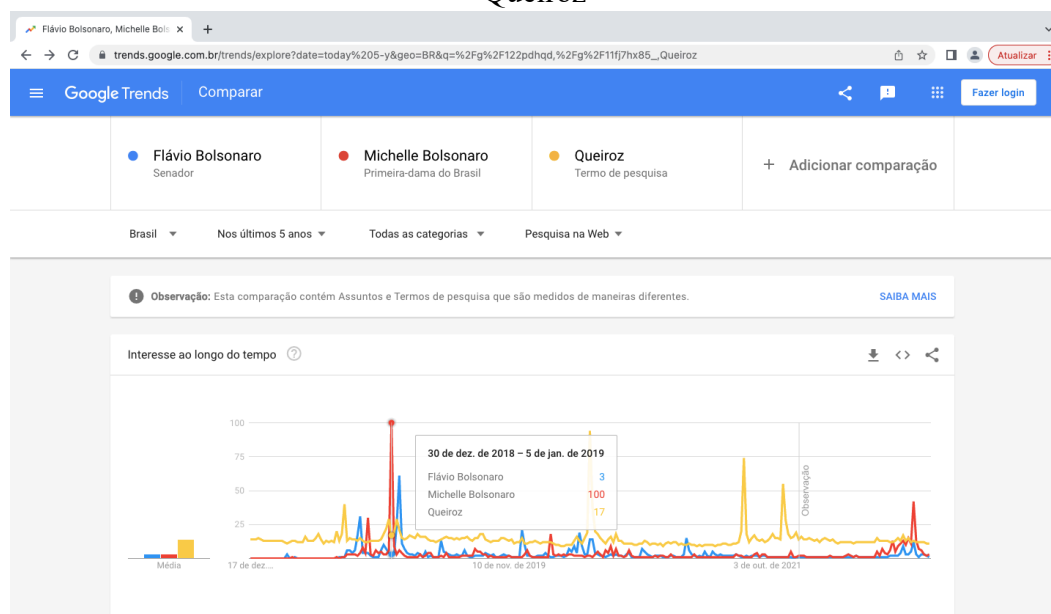
⁵⁰ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/quebra-de-sigilo-revela-27-depositos-da-familia-queiroz-a-michelle-e-coloca-em-duvida-versao-de-bolsonaro.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=comptw. Acesso em: 23 ago. 2022.

⁵¹ Mencionamos aqui o jornal internacional *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-07/queiroz-fez-27-depositos-para-michelle-bolsonaro-a-esposa-do-presidente-indica-quebra-de-sigilo.html>. Acesso em: 23 ago. 2022.

⁵² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/07/queiroz-e-a-mulher-depositaram-r-89-mil-em-cheques-na-conta-de-michelle-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2022.

⁵³ Convém destacar que na busca do termo “laranja” apareceram também outros termos como: laranja (fruta), laranja (cor) e laranjeira (planta), diferenciando-se do laranja com sentido de pessoas que intermediam transações financeiras fraudulentas, emprestando seu nome, documentos e conta bancária para ocultar o nome do contratante.

Gráfico 11 - Pesquisa comparativa dos termos “Flávio Bolsonaro”, “Michele Bolsonaro” e “Queiroz”



Disponível em: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=%2F122pdhqd,%2F11f7hx85_,Queiroz. Acesso em 17 dez. 2022.

Verificamos que o termo Michelle Bolsonaro foi muito procurado nas redes entre 30 de dezembro de 2018 a 05 de janeiro de 2019, como bem vimos no gráfico apresentado da análise anterior. Isso também se deu pelo seu inusitado discurso em libras no dia 02 de janeiro do mesmo ano, na posse do ex-presidente Bolsonaro; o nome de Flávio Bolsonaro teve maior procura pelos internautas entre os dias 20 e 26 de janeiro do mesmo ano; já o termo “Queiroz” foi mais procurado pelos internautas, entre os dias 14 e 20 de junho de 2020.

Na verdade, realizamos esse comparativo com os termos para visualizar se os internautas faziam associação entre esses nomes ao longo dos anos. O gráfico mostrou coisas distintas. O maior pico de pesquisa, no Brasil, em relação à Michele ocorreu mesmo no período da posse de Bolsonaro como Presidente da República. A maior busca pelo nome de Flávio aconteceu entre 20 e 26 de janeiro do mesmo ano, no entanto, ocorreram outras buscas também em distintos períodos. Já o termo “Queiroz” teve uma frequência de busca estimada em 40, no eixo vertical do gráfico, antes da posse do presidente; após isso, seu maior índice foi entre 14 e 20 de junho de 2020.

Isso indica que as pesquisas do termo “Queiroz” aumentaram consideravelmente nas redes na proximidade do período em que vieram à tona as suspeitas sobre os depósitos na conta da então primeira-dama Michelle e, posteriormente, sua confirmação através do sigilo de Queiroz ter sido quebrado.

Passemos, então, para a apresentação e análise do próximo meme.

Imagem 9 Meme 4



Disponível em:

<https://www.facebook.com/menesdeesquerda/photos/a.1547813095441477/2235935673295879/>.

Acesso em: 31 jul. 2022.

O Meme 4 foi publicado no dia 02 de março de 2019. No ano mencionado, o carnaval ocorria no dia 05 do mesmo mês. Isso denota que o Meme 4 foi publicado no período pré-carnavalesco daquele mesmo ano; 2019 foi o primeiro dos quatro anos do governo Bolsonaro e com ele as polêmicas iniciais de denúncias sobre as rachadinhas através de “laranjas” vieram à tona, como apresentado na contextualização mais geral da temática “O ‘laranjal’ e lavagem de dinheiro”.

Os recursos semióticos, apresentados através da linguagem verbal e visual fazem parte da composição do meme. A parte verbal traz uma paródia do trecho da marchinha de carnaval, *Me dá um dinheiro aí*, letra de Ivan, Homero e Glauco Ferreira, consagrada na voz de Moacyr Franco, em 1960. O trecho parodiado se encontra na parte superior da imagem, com letras em caixa alta, na cor amarela e que diz: “Ei, você aí, me faz um depósito aí, me faz um depósito aí!”.

A linguagem visual é composta pelos rostos de Flávio, Michelle e Queiroz, respectivamente, com corpos de laranjas e braços abertos. Michelle, ao centro, representada por uma laranja partida ao meio. A descrição imagética do pano de fundo traz muitas pessoas, serpentinas e confetes. O colorido desses arranjos multimodais relembra a alegria do próprio carnaval de rua, o carnaval da praça pública. Esses fios dialógicos sugerem a lembrança do carnaval com o dinheiro público, com os cheques depositados por Queiroz na conta da primeira-dama Michelle e com as rachadinhas ocorridas no gabinete de Flávio, gerenciadas pelo próprio Queiroz.

É visível que os memes parecem brincar com a realidade, pois trazem um assunto sério de forma mais jocosa sem deixar de lado a criticidade, promovendo o cômico através do trágico. Esse meme nos fez recordar os estudos de Bakhtin sobre a obra de Dostoiévski quando, na Antiguidade Clássica, foram desenvolvidos vários gêneros literários, chamados pelos antigos de sério-cômicos. Dentre esses gêneros, achava-se a sátira menipeia que era classificada como oposição aos gêneros sérios, tais como a epopeia, a tragédia, a história, a retórica clássica. A sátira menipeia foi um dos principais meios que trouxe a cosmovisão carnavalesca da literatura até os dias atuais. É fato que Bakhtin analisou o problema da carnavalização na literatura, porém, isso não impede hoje uma análise discursiva em outros gêneros, como bem afirma Faraco (2009).

As peculiaridades fundamentais da sátira menipeia foram definidas na Antiguidade e apresentaram um teor liberto das limitações histórico-memoralísticas ou quaisquer exigências de verossimilhança. Isso parece não ocorrer nos memes de internet, pois estes surgem a partir de situações reais. É o que ocorre com o Meme 4, que parte do sério para o cômico, da realidade para a sátira.

Ao observar a construção da linguagem verbal do Meme 4: “*Ei, você aí, me faz um depósito aí, me faz um depósito aí!*”, além de ativar o conhecimento prévio do interlocutor, utiliza-se de vocativos e da função conativa da linguagem, com verbo no imperativo. No que consiste à paródia do trecho, há uma troca de apenas duas palavras, do verbo “*dá*” por “*faz*” e do substantivo “*dinheiro*” por “*depósito*”, o que revela todo um contexto político quando associado ao fato retratado.

O Meme 4 traz a alegria e o colorido da festa que acontece na praça pública, estampada nos foliões, nas roupas, nas fantasias e nos acessórios. Esse meme traz inclusive a lembrança do carnaval pernambucano do Galo da Madrugada⁵⁴, considerado o maior bloco de carnaval do mundo, onde seus foliões podem se vestir com as mais diversas fantasias. Aqui, dá para notar que a cena dos foliões em destaque, Flávio, Michelle e Queiroz, fantasiados de laranjas em meio a um carnaval e ao som da marchinha parodiada é análoga ao emprego irônico e ambíguo do discurso do outro, nesse caso, do produtor desse meme, que dá uma nova valoração ao enunciado a seu modo.

⁵⁴ Citamos a tese intitulada: A estética da cultura popular na folia de Momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão, do prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú, pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, que teve como objetivo “refletir como as imagens do realismo grotesco se encarnam nos corpos e dão forma a essa estética ambivalente por meio da qual os sujeitos podem vivenciar suas liberdades e construir atos responsáveis dentro e fora dos dias oficiais da folia de Momo” (PAJEÚ, 2014, p. 8).

É nítida a percepção das diversas vozes presentes no mesmo enunciado que foi parodiado. Bakhtin vai chamar isso de ‘discurso bivocal’, é quando “as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes” (BAKHTIN, 2018, p. 211).

Para o filósofo russo, as relações lógicas e concreto-semânticas devem passar a outro patamar para se tornarem dialógicas, devem se tornar discurso, isto é, ser enunciado e receber um autor, criador de determinado enunciado cujas expressões, sejam de ironia, zombaria e deboche, nele (enunciado) expressa, como é o caso do Meme 4.

É relevante perceber que o meme 4 traz uma imagem de ridicularização pública destronante da família Bolsonaro. É o destronamento público e cômico na praça pública virtual e sua inevitável queda. O espaço da praça pública adquire nova interpretação na simbologia carnavalesca. O alto, o baixo, o elevado, o inferior, todos assumem a significação de onde parte a crise, a reviravolta inesperada da descoberta das cenas de escândalo da família tradicional autointitulada honesta.

Na ação carnavalesca da coroação-destronamento da Família Bolsonaro apresentada no Meme 4, não se sabe quem é o seu produtor (o que já é de cara altamente carnavalesco), mas é evidente que a cena está repleta de categorias carnavalescas a começar do *livre contato familiar* (as indecências, as livres gesticulações e o franco discurso); a *excentricidade* que abrange a violação do que é comum e aceito na vida oficial revela o lado oculto da natureza humana; as *mésalliances carnavalescas*, que se referem à livre relação a todos os valores, ideias, fenômenos e coisas; e por fim, a *profanação* que combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo. Aqui destacamos o versículo bíblico sempre mencionado em campanha: “*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”, Evangelho de João, capítulo 8, versículo 32, a família se dizer cristã e “*cidadãos de bem*”, com associação a esquema de rachadinhas, parece haver alguma contradição.

Bakhtin afirma que “viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva” (2020, p. 87). A mesma ação, segundo o filósofo russo, pode ser repetida, não porém o mesmo ato, pois a ação tem apenas conteúdos idênticos a si mesmo, diferente do ato que possui conteúdos e sentidos, que são dependentes de seu processo, aspecto esse irrepetível.

É interessante perceber que, mesmo sem saber quem é o produtor do Meme 4, outros usuários do *Facebook* curtiram, compartilharam e comentaram o referido meme. Apesar de parecer uma ação, a nosso ver, corriqueira que várias pessoas praticam, Bakhtin segue na defesa de que é o ato responsável que dá sentido às ações dos sujeitos. Sobral (2019, p. 105) expõe

que é necessário “um ato singular para atualizar valores universais em minha circunstância singular. Para isso preciso integrar meu ato ao contexto concreto de meu agir” no mundo, logo,

O mundo em que o ato realmente se desenvolve é um mundo unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos tons emotivo-volitivos da validade de valores assumidos como tais. É isso que garante a realidade da singularidade unitária deste mundo – a singularidade não relativa ao conteúdo-sentido, mas a singularidade emotivo-volitiva, necessária e de peso – é o reconhecer-me insubstituível na minha participação, é o meu não-álibi em tal mundo (BAKHTIN, 2020, p. 117-118).

Dessa forma, mesmo fazendo algo que aparentemente todos fazem, pensamos e refletimos antes de agir e, quando o fazemos, não deixamos de ser o singular que somos, pois o ato tem que passar pela singularidade de cada um, o que caracteriza o viver sem álibi de cada pessoa; é de cada um a responsabilidade do ato, por isso, deixamos nele a nossa marca registrada, a “minha assinatura com firma reconhecida” (BAKHTIN, 2020). É o que fez o produtor do Meme 4 e todos quanto, de alguma forma, interagiram com esse meme.

A propósito, após a publicação do Meme 4 no *Facebook*, no dia 2 de março de 2019, percebemos que houve um total de 51 interações com ele. Vejamos o que nos mostra a Imagem 10:

Imagem 10 - Comentários do Meme 4



Disponível em:

<https://www.facebook.com/menesdeesquerda/photos/a.1547813095441477/2235935673295879/>.

Acesso em: 31 jul. 2022.

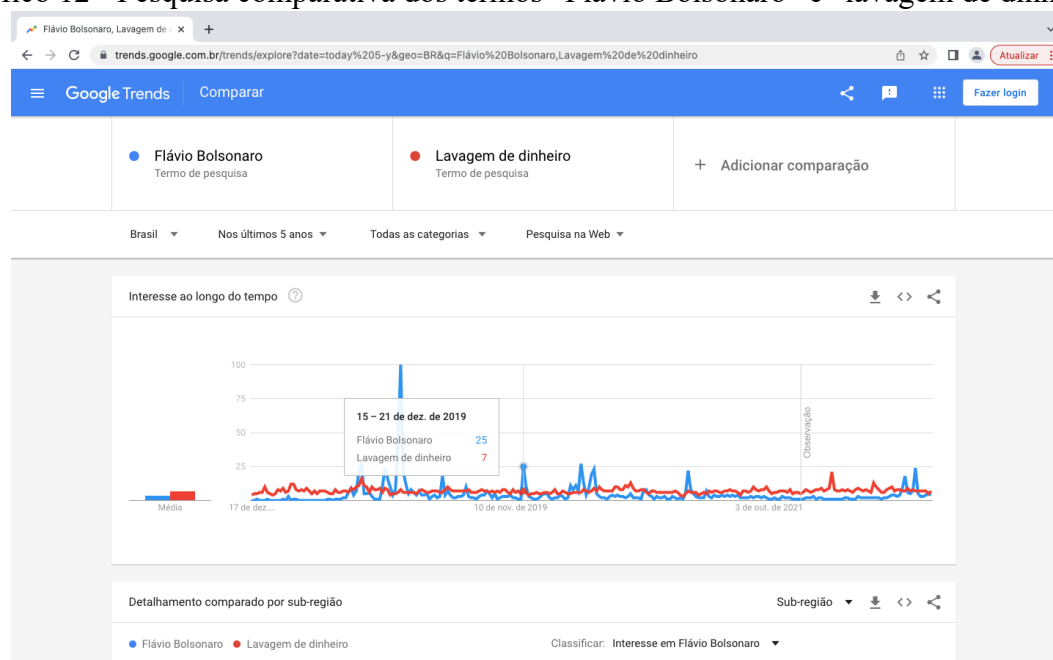
Dentre as interações realizadas com o Meme 4, destacamos: 14 risadas (😂), 22 “likes” (👍), 2 “amei” (❤️), 2 comentários e 10 compartilhamentos, até o dia em que foi coletado. Podemos observar ainda avaliações dos internautas nos comentários realizados. Houve, ainda, 1 “like” (👍) no segundo comentário.

A Imagem 10 apresenta comentários dos internautas sobre o meme em análise. É possível perceber que houve poucas interações neste meme. Apenas um internauta “marcou” outra pessoa para que veja o meme e outro mais comentou com uma série de repetições da letra “k”, que significa risada. Nesse caso, como foram apenas duas pessoas que comentaram, não foi possível identificar seus posicionamentos políticos, mas como uma delas marcou outra pessoa para que visse o meme e a outra pessoa interagiu “rindo”, inferimos que há uma maior tendência dessas pessoas à esquerda, mais “progressistas”, concordando com o posicionamento do produtor do meme e da página.

Ao finalizarmos essa quarta análise, estamos convencidos de que o meme é mais um processo do que um produto. Travar essa discussão com o que dele sucede (interações com o meme, comentários, compartilhamentos etc.) também se torna essencial para compreendermos os milhares de fios discursivos existentes nas relações dialógicas que ocorrem nessas construções meméticas.

Passemos para a análise do próximo meme da segunda temática: O “laranjal” e lavagem de dinheiro. Antes disso, realizamos mais uma rápida busca no *Google Trends* e foi possível perceber a quantidade de pesquisas pelo termo, “Flávio Bolsonaro” e “lavagem de dinheiro”, no Brasil, entre os dias 14 e 20 de junho de 2020. Vejamos:

Gráfico 12 - Pesquisa comparativa dos termos “Flávio Bolsonaro” e “lavagem de dinheiro”

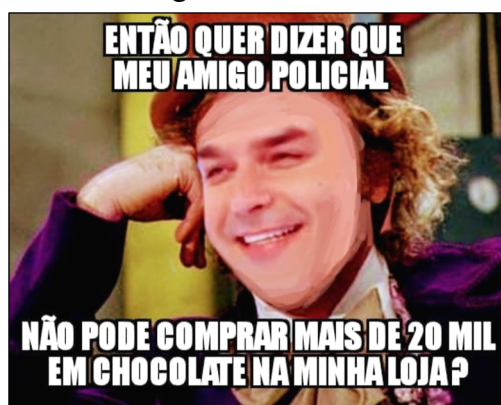


Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today 5-y&geo=BR&q=Flávio Bolsonaro,Lavagem de dinheiro>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Observamos que o termo “Flávio Bolsonaro” foi muito mais procurado pelos internautas, do que o termo “lavagem de dinheiro”. Entre os dias 15 e 21 de dezembro de 2019, o Gráfico 12 aponta um quantitativo no seu eixo vertical, de 25 e 7, respectivamente, para o termo Flávio e lavagem de dinheiro. É como se os internautas não tivessem associado o nome de Flávio à lavagem de dinheiro. Houve, a nosso ver, falta de aproximação de um termo em relação ao outro.

Passemos, então, para a apresentação e análise do Meme 5.

Imagem 11 Meme 5



Disponível em:

<https://www.facebook.com/menesdeesquerda/photos/a.1547813095441477/2444495689106542/>.

Acesso em: 31 jul. 2021.

O Meme 5 foi publicado no dia 19 de dezembro de 2019. Exatamente neste dia, o senador Flávio Bolsonaro publica vídeo⁵⁵ para rebater acusações de lavagem de dinheiro. Isso denota que esse meme parece ter sido produzido no mesmo dia em que o senador publicou o referido vídeo. Neste, o senador afirma estar sofrendo perseguição política, por ter sua loja de chocolates sendo alvo de investigação do Ministério Público, bem como afirma que querem atingir o Presidente da República, que é seu pai.

Primeiro ano do governo Bolsonaro chegando ao fim, mas não sem polêmicas. Dessa vez, o alvo foi o seu filho *zero um*, como o próprio presidente o chama. Os recursos semióticos, representando a linguagem verbal se encontram centralizados na parte superior e inferior da imagem, com letras em caixa alta, na cor branca e trazem a seguinte construção: “*Então quer dizer que meu amigo policial não pode comprar mais de 20 mil em chocolates na minha loja?*”, estabelecendo uma ironia à situação apresentada. Os recursos semióticos, apresentados a partir da linguagem visual também compõe esse meme, mostrando o rosto de Flávio Bolsonaro

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IixmMRMJuuc>. Acesso: 24 ago. 2022.

apoiando a cabeça com a mão e o corpo aparentemente relaxado e encostado em algo, vestido em um casaco de cor roxa, com uma grande gravata-borboleta e uma cartola na cabeça. A descrição multimodal traz o modelo de um meme de grande sucesso. Trata-se da imagem de Willy Wonka⁵⁶, que está entre os mais populares em *sites* de geradores de memes.

No Meme 5, temos os recursos semióticos que representam, de maneira carnavalesca, o “senador virado às avessas”, em tom irônico, através da imagem que registra um sorriso sarcástico com a mão apoiando a cabeça. Trata-se de uma autoridade do mundo oficial que transparece a imensa “praça pública carnavalesca”, que segundo Bakhtin (2018, p. 146), “só a praça pública podia ser o palco central, pois o carnaval é por sua própria ideia público e universal, pois todos devem participar do contato familiar. A praça era o símbolo da universalidade pública”.

Nesse estudo, a praça pública carnavalesca – lugar das ações carnavalescas – adquiriu um novo matiz: as redes sociais digitais. Lá, existe a devida “licença” (insistimos, relativa) para propagar e satirizar comportamentos da vida oficial; no caso do Meme 5, de lavar dinheiro, que é crime. Carnavalizar a imagem de um senador sério, que diz não admitir corrupção, comparando-o a alguém que lava dinheiro em sua loja de chocolates é, antes de mais nada, rebaixá-lo e destroná-lo.

O rito do destronamento é como se encerrasse a coroação, da qual é inseparável (repito: trata-se de um rito biunívoco). Através dela transparece uma nova coroação. O carnaval triunfa sobre a mudança, sobre o processo propriamente dito de mudança, e não precisamente sobre aquilo que muda. O carnaval, por assim dizer, não é substancial mas funcional. Nada absolutiza, apenas proclama a alegre relatividade de tudo. O cerimonial do rito de destronamento se opõe ao rito da coroação; o destronado é despojado de suas vestes reais, da coroa e de outros símbolos de poder, ridicularizado e surrado (BAKHTIN, 2018, p. 142-143).

Segundo o filósofo russo, a coroação-destronamento não significa a absolutização afirmativa ou negativa puras. O carnaval desconhece tanto a afirmação quanto a negação absolutas. O ritual destronante traz a clarividência das mudanças e renovações não absolutizantes. No entanto, Bakhtin reitera que não se pode separar a coroação-destronamento, pois são rituais biunívocos e se transformam mutuamente. Logo, absolutamente separados, perdem o sentido carnavalesco.

Corroborando as ideias do filósofo, consideramos que o meme de internet, de teor político é um gênero que se inscreve em um processo sociocultural e axiológico, em que enunciados verbo-visuais e relativamente estáveis ressignificam, intencionalmente, uma ideia

⁵⁶ Disponível em: <https://memegenerator.net/willy-wonka/images/popular/alltime>. Acesso: 24 ago. 2022.

inicial, em determinada esfera comunicativa, de forma a fazer uma crítica e/ou trazer uma situação cômica, sarcástica e até de escárnio de sujeitos ou fatos, para sua replicação no meio digital (CAVALCANTE; CAIADO, 2010).

Esses memes, além de trazerem um tom emotivo-volitivo cômico, geram também uma nuance crítica e irônica acerca dos fatos situados. Nota-se que o auditório precisa conhecer assuntos da atualidade para que possa relacioná-los aos novos contextos sociais, no intuito de compreender que o sentido trazido pelos memes (re)significa (de forma engraçada, crítica e até ácida) algum acontecimento, dando-lhe uma nova forma e novas interpretações a partir da associação dos recursos verbal e visual, levando em conta elementos próprios da multimodalidade, o que auxilia no desenvolvimento da sua compreensão e interpretação.

É importante ressaltar que a liberdade legitimada (relativa) na “praça pública” contemporânea – redes sociais digitais – permite esse tipo de manifestação popular fluida nos memes⁵⁷, que, carregados de sarcasmo, representam o mundo não oficial, o que evidencia o processo de carnavalização como movimento de subversão do “mundo oficial”. Esse mundo é “inteiramente permeado pelos tons emotivos-volitivos da validade de valores assumidos como tais” (BAKHTIN, 2020, p. 47), ou seja, os memes expressam os valores assumidos pelos seus produtores e partilhados por seu auditório.

A propósito, após a publicação do Meme 5 no *Facebook*, no dia 19 de dezembro de 2019, percebemos que houve um total de 1.044 interações com ele. Isso nos faz repensar o que falamos anteriormente sobre os internautas não terem associado o nome de Flávio à lavagem de dinheiro. Vejamos o que nos mostra a Imagem 12:

⁵⁷ Vejamos o trabalho de Cavalcante (2021), que analisa memes políticos de páginas progressistas e conservadoras, sob o fenômeno da Carnavalização.

Imagem 12 Comentários do Meme 5



Disponível em:

<https://www.facebook.com/menesdeesquerda/photos/a.1547813095441477/2444495689106542/>
Acesso em: 31 jul. 2021.

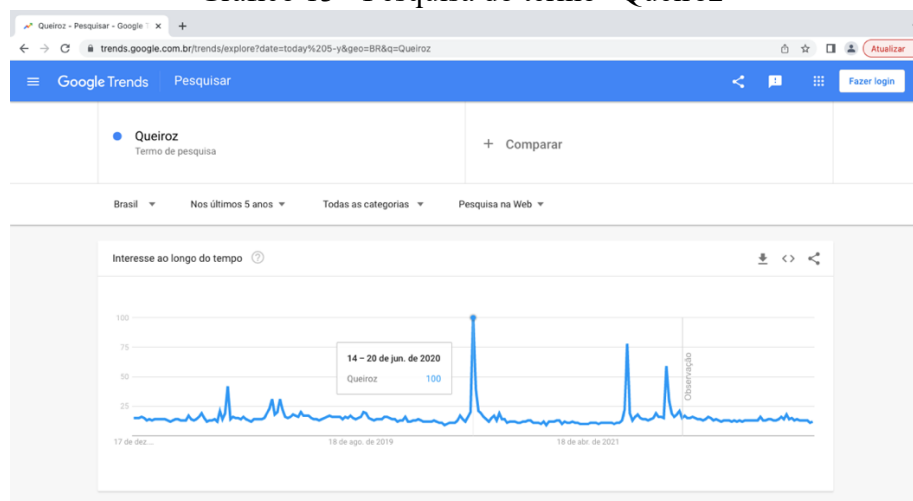
Dentre as interações realizadas com o Meme 5, destacamos: 382 risadas (😂), 326 “likes” (👍), 4 “amei” (❤️), 7 comentários e 291 compartilhamentos, até o dia em que foi coletado. Podemos observar ainda avaliações dos internautas nos comentários realizados. Houve 4 “likes” (👍) no segundo comentário, 22 risadas (😂), 5 “likes” (👍) e 1 admiração (😮) no terceiro comentário. E, por fim, 2 risadas (😂) no último comentário.

A Imagem 12 apresenta comentários dos internautas sobre o meme em análise. É possível perceber variadas formas de interação dos internautas que comentam com figurinhas e com comentários mesmo. Destacamos o comentário que mais ganhou interações, o mais criativo, por sinal; o internauta comenta: “Então quer dizer que meu amigo miliciano não pode pagar um boleto de 16 mil reais pq não tenho o app do banco?”, acompanhado de uma imagem de um cachorro admirado. Esses comentários partem de pessoas que têm uma maior tendência à esquerda, que tomam uma posição valorativa como “progressistas”, apoiando e concordando com o posicionamento do produtor do meme e da página.

Ao concluirmos essa quinta análise, é de fundamental importância percebermos que os gêneros não são estanques em si mesmos; por isso, eles são um processo que se constituem nas relações dialógicas. A reflexão com o que dele sucede (interações com o meme, comentários, compartilhamentos etc.) também faz parte dessa construção composicional, essencial para entendermos os fios discursivos que perpassam pelos gêneros.

Ao iniciarmos a última análise, resolvemos, mais uma vez, buscar no *Google Trends* apenas o termo “Queiroz” e foi possível perceber que no Brasil, a busca por esse termo alcançou pico entre os dias 14 e 20 de junho de 2020. Vejamos:

Gráfico 13 - Pesquisa do termo “Queiroz”



Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today-5-y&geo=BR&q=Queiroz>.
Acesso em: 17 dez. 2022.

Observamos que o “Queiroz” foi um termo muito procurado pelos internautas, em especial entre os dias 14 e 20 de junho de 2020, uma vez que o gráfico aponta o maior pico de pesquisa nesta data, no Brasil. A propósito, a maior frequência das buscas foi nesse período e atingiu o maior quantitativo no seu eixo vertical, indicando a proximidade do período em que vieram à tona as informações sobre os depósitos na conta da então primeira-dama Michelle.

Passemos, então, para a apresentação e análise do Meme 6.

Imagem 13 Meme 6



Disponível em:

<https://www.facebook.com/menesdesquerda/photos/a.1547813095441477/2645542135668562>.

Acesso em: 31 jul. 2021.

O Meme 6 foi publicado no dia 24 de agosto de 2020 e retirado da página *Menes de esquerda* na rede social *Facebook*. Página essa que, como o próprio nome já revela, traz os memes, que são construções verbo-visuais que parodiam uma situação real, num teor satírico, crítico e irônico, envolvendo figuras públicas consideradas de direita ou mais conservadoras.

Um meme muito comum e bastante amplo é o *image macro*. Um *image macro* é um conjunto de ideias estilísticas para adicionar texto a imagens. Alguns *image macros* envolvem adicionar o mesmo texto a várias imagens, e outros envolvem adicionar textos diferentes a uma imagem comum. (DAVISON, 2020, p. 149-150).

Nesse caso, a sequência aqui apresentada do tipo *image macro*, materializa a presença de recursos semióticos, que utilizam tanto a linguagem verbal quanto a linguagem visual. Notamos que as legendas estão presentes no lado esquerdo superior às imagens, com letras grandes e na cor preta a seguinte construção: “Aula de libras.”, como também temos na parte inferior de cada um dos quadros, com letras brancas e em caixa alta: “*O Queiroz / depositou / na minha conta / mas era pra ele*”. Quanto à linguagem visual, apresenta-se a partir das imagens que remetem à posse do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, em 01 de janeiro de 2019, na praça dos Três Poderes, do lado de fora do Palácio do Planalto.

Na ocasião, as imagens trazem a primeira-dama vestida com um tomara-que-caia na cor salmão, concentrada em seu discurso, tranquila e sorridente. A intérprete de libras faz a leitura desse discurso e o repassa para o público presente através do microfone. O presidente aparece de terno, gravata e a faixa presidencial. Com fisionomia séria durante três momentos apresentados na sequência de imagens. Somente sorri e demonstra uma posição mais relaxada e com as mãos levantadas no último quadro da composição de imagens.

Dada a situação da enunciação, bem como as circunstâncias em que o evento ocorre, é nítido perceber que a junção dos recursos semióticos através da linguagem visual dos gestos feitos por Michelle, parecem ter uma sintonia perfeita com a linguagem verbal presente em cada quadro.

É possível perceber que as relações dialógicas existentes no enunciado do Meme 6 reverberam outras vozes que perpassam pelo discurso do produtor do meme. É resposta a discursos outros, é motivação para outros discursos vindouros. São os milhares de fios dialógicos que vão dando forma e sentido à imensa teia enunciativa. Para que o auditório compreenda esse gênero discursivo, é preciso entender primeiro a situação da enunciação primeira. Ou seja, é necessário retornar os milhares de fios dialógicos que compuseram o tecido da enunciação em que se deu cada acontecimento representado no meme.

Retomando as propostas de Bakhtin (2018), é nessa imensa praça pública virtual – redes sociais digitais – que há uma “liberdade legitimada” (relativa) concedida, de forma que as desigualdades social, hierárquica ou qualquer outro tipo entre os homens, são reincididas e perdem a validade do “mundo oficial”.

Até então, não foi encontrado meme que melhor retrate a cosmovisão carnavalesca da coroação-destronamento em praça pública do que esse. A cena em si é acentuadamente carnavalesca, ambivalente e biunívoca, pois expressa, simultaneamente, no próprio momento de coroação – a posse como Presidente da República – a ideia presente e futura do inevitável destronamento – a passagem da faixa presidencial de Michel Temer para Bolsonaro e deste para outra pessoa eleita no futuro, nesse caso, Lula.

No Meme 6 estão os matizes mais acentuados de familiarização com as categorias carnavalescas: do livre contato familiar – com a descoberta dos escândalos que envolveram a família Bolsonaro no início do seu mandato; das *mésalliances* carnavalescas – do soldado sem prestígio a Presidente da República; da profanação – usar símbolos de poder supremo na teoria e na prática utilizar indecências éticas e morais; da *excentricidade* – manifestação dos aspectos ocultos da natureza humana como a mentira oficial, revelam-se as almas humanas, horríveis e pútreas como no inferno⁵⁸, e nesse caso, mencionamos as falas⁵⁹ misóginas contra as mulheres.

No enunciado do Meme 6, é perceptível a liberdade de comportamento do sujeito-produtor do meme em relação ao poder da posição hierárquica superior do chefe maior do executivo. Esse enunciado desestabiliza, na praça pública virtual, a solidez e a segurança da imagem do presidente, o que reflete uma cosmovisão cômica do mundo. Nesse caso, não há

⁵⁸ Aqui, fazemos analogia ao inferno carnavalesco de Bobók, obra de Dostoiévski analisada por Bakhtin.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KczwxvO3-iE>. Acesso em: 23 set. 2022.

como saber quem criou o meme ou se torna muito difícil reconhecê-lo dentro dessa vasta praça pública, talvez, por causa dessa sensação desprezível de anonimato haja uma maior liberdade em criticar, zombar e destronar alguém no meio digital.

Bakhtin (2020) considera que o sujeito é um centro valorativo. É através dele que as condições da unidade do ato se realizam. No entanto, convém não confundir conceitos. O filósofo russo faz a distinção entre ato e ação. Esta pode ser repetida porque tem apenas conteúdo, aquele além de ser irrepitível e singular, possui conteúdo e sentido. Para Sobral (2019), “a ação é repetível, mas o ato é singular” (p. 66).

Dessa forma, o ser-evento irrepitível do sujeito está estreitamente atrelado ao ato de compartilhar, curtir e comentar os memes de internet de teor político no tempo e espaço únicos que ocupa, sem poder transferir essa responsabilidade a mais ninguém.

Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória [...]. Este fato do *meu não-álibi* no existir, que está na base do dever concreto e singular do ato, não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu *reconheço e afirmo de um modo singular e único* (BAKHTIN, 2020, p. 96 [grifos do autor]).

Para o filósofo russo, cabe apenas ao sujeito único, situado e concreto, o agir e essa obrigação é irrevogável. Trata-se de um sujeito ímpar, único no tempo e no espaço. Convém ressaltar que o tom emotivo-volitivo é concedido ao ato, mesmo quando este ainda é um pensamento. Nessa discussão, nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não fosse estabelecido um vínculo fundamental entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo. Ou seja, o valor do ato é afirmado por quem o pensa e, de modo algum, se encontra indiferente a ele no existir singular.

Por fim, o Meme 6 traz um todo composicional que revela esse tom valorativo, dada a subjetividade do seu auditório, ou seja, de quem o recebe. Se um auditório mais voltado às ideias progressistas ou de esquerda, será inclinado ao humor, ao riso e à irreverência. Caso esse auditório seja voltado para ideias mais tradicionais ou de direita, talvez seja inclinado para o descontentamento e a insatisfação.

A propósito, após a publicação do Meme 6 no *Facebook*, no dia 24 de agosto de 2020, percebemos que houve um total de 982 interações com ele. Vejamos o que nos mostra a Imagem 14:

Imagem 14 - Comentários do Meme 6



Disponível em:

<https://www.facebook.com/menesdeesquerda/photos/a.1547813095441477/2645542135668562>.

Acesso em: 31 jul. 2021.

Dentre as interações realizadas com o Meme 6, destacamos: 315 risadas (😂), 391 “likes” (👍), 3 “amei” (❤️), 1 admiração (😍), 1 “força” (💪), 1 triste (😞), 6 comentários e 261 compartilhamentos, até o dia em que foi coletado. Podemos observar ainda avaliações dos internautas nos comentários realizados. Houve 1 risada (😂) no terceiro comentário e 1 “like” (👍) no quarto e outro “like” (👍) no quinto comentário.

A Imagem 14 apresenta comentários dos internautas sobre o meme em análise. É possível perceber que os internautas “marcam” outras pessoas para que vejam o meme, outro comenta com uma série de repetições o ícone de risadas e outro internauta comenta: “Parabéns para o casal”. É possível notar que esses comentários partem de pessoas⁶⁰ que tem uma maior tendência à esquerda que se posicionam como “progressistas”, apoiando ou concordando com o posicionamento do produtor do meme e da página.

⁶⁰ Como o *Facebook* nos dá a possibilidade de encontrar inúmeras informações acerca dos seus usuários, realizamos uma rápida visita às páginas desses usuários e ficaram evidentes os posicionamentos de alguns de esquerda e outros nem tanto ou tinham seus perfis bloqueados.

Ao finalizarmos essa quarta análise, estamos cada vez mais convictos de ver o meme mais como um processo do que como um produto e realizar essa discussão com o que dele sucede (interações com o meme, comentários, compartilhamentos etc.) também é essencial para compreendermos os milhares de fios discursivos existentes nas relações dialógicas que ocorrem nessas construções meméticas.

7. (IN)CONCLUSÕES

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). [...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação

Bakhtin

A epígrafe que ora abre essas (In)Conclusões dialoga bem com a construção composicional realizada até aqui. Não somos os primeiros e nem seremos os últimos a falar sobre a temática trazida nesta pesquisa. As relações dialógicas estabelecidas aqui recorreram ao passado, vivem do presente e projetam o futuro para outras relações de sentido.

A finalização desta pesquisa tem caráter meramente relativo. A bem da verdade, um trabalho científico nunca é finalizado, pois onde um acaba, inicia-se outro. A ciência, dessa forma, não é finita e nela não pode haver fragmentação em uma sequência de obras autônomas e fechadas em si mesmas. Dessa maneira, o que esta pesquisa representa é apenas uma “centelha de vida” nesse grande território acadêmico. Nisso também consiste o inacabamento e a inconclusibilidade desta autora,

Ora, para Bakhtin, o outro não se esgota em mim nem eu no outro; intercompletam-se, mas cada um sempre deixa algum excedente de si mesmo. E transformar o outro pela absorção é torná-lo objeto exclusivo de mim mesmo, de minha própria vontade, em suma, é torná-lo passivo, é negar-lhe autonomia como consciência individual, é fazer dele a imagem que me convém. Ora, isso é acabamento, é fechamento do outro na definição que faço dele. Isso é o oposto do que propõe Bakhtin, para quem concluir o outro é objetificá-lo, reificá-lo, torná-lo coisa. Isso não é dialogismo, é monologismo (BEZERRA, 2018, p. XIV).

Longe de ser um monólogo, as palavras ditas até aqui não podem e nem devem determinar um objeto que está, ainda, em formação – o meme de internet -, razão pela qual não se pode dizer a última palavra sobre ele ou concluí-lo. Não se almeja aqui, portanto, uma completude deste ato responsável que ora se despede; no entanto, ele não é impeditivo para que se possa fazer algumas considerações.

É inegável a rica contribuição deixada pelo Círculo para os estudos da linguagem, em especial, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. A fundamentação teórico-filosófica que construiu o alicerce para o dialogismo, visando ao discurso em interação com outros discursos não apaga a singularidade axiológica e emotivo-volitiva de cada sujeito do discurso. Essa singularidade

adquire “um valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento” (BAKHTIN, 2020, p. 119).

Bakhtin teorizou sobre o carnaval, sobre a carnavalização e o grotesco, evidenciando como todos esses acontecimentos têm a disposição de manifestar os artifícios da cultura e, paralelamente a isso, delatar, através do riso, as conflituosas e desiguais relações humanas. Sua concepção de carnavalização excede os limites do texto literário e aponta para uma estreita relação com o discurso, para outros gêneros circundantes de outras esferas da comunicação humana, como é o caso dos memes de internet de teor político.

No contexto da Idade Média e do Renascimento, era preciso revogar a hierarquização da vida oficial e as relações de contato livre e familiar para dar vida à visão carnavalesca do mundo. Essa revogação dava a devida concessão para que pudessem ser elaboradas, além dos gestos, das ações simbólicas de coroação e destronamento – com sua ambivalência e riqueza de imagens – as “formas especiais do vocabulário [...], francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência” (BAKHTIN, 1996, p. 9). Pajeú afirma que “o povo tomava conta da rua, vivenciava suas liberdades, transgredia a ordem das coisas e tornava o chão da cidade o palco de uma grande arena de conflitos, de risos, de seriedades, de festa.” (2014, p. 40).

Isso não é muito diferente do que ocorre na praça pública virtual – redes sociais digitais – com os memes de internet de teor político. Essas redes sociais digitais também parecem consentir uma segunda vida, desviada de sua ordem habitual, uma vida que sai em desfile nessa imensa praça pública contemporânea – palco principal das ações carnavalescas – que provocam o riso através da irreverência, do deboche, da ironia e da crítica em relação ao outro. Esse palco virtual possui marcas bastante atuais e também é munido de uma “liberdade legitimada” relativa, que evidencia o mundo não oficial atravessado pelos tons emotivo-volitivos que se materializam nos memes.

A referida pesquisa confirma a suposição de que o gênero selecionado se caracteriza por uma (des)ordem da “lógica natural” dos objetos e pela representação “ao avesso” de fatos da “vida oficial”, uma vez que a linguagem utilizada nessas produções meméticas, com suas formas menos polidas de dizer, sinalizam, muitas vezes, para o rebaixamento do outro, seja pela crítica ou pelo deboche, despertando o riso dos que são destinatários daqueles enunciados. Isso faz com que o uso de recursos semióticos empregados na dimensão verbo-visual dos enunciados mantenham relações intercambiáveis com a carnavalização, o que é determinante como um dos grandes elementos de resistência à hegemonia de poder na política brasileira.

Para tanto, ao partirmos da seguinte questão: De que maneira as produções meméticas, ao encarnarem a estética carnavalesca em suas práticas, relacionados a assuntos polêmicos relativos à política pós-eleição presidencial de 2018, quebram hierarquias sociais de poder?, pudemos perceber que, para respondê-la, seria preciso seguir com os objetivos; geral: refletir como as imagens da carnavalização se encarnam nos memes e dão forma a uma estética ambivalente, através da qual os sujeitos podem viver suas “liberdades” e constituir atos responsáveis dentro e fora desta imensa “praça pública”, entendida aqui como redes sociais digitais; e específicos: (i) contextualizar os enunciados situados a partir da dupla orientação da realidade, que considera circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas – que tanto orientam como constituem o discurso; (ii) apresentar os recursos semióticos que apontam para a dimensão verbo-visual dos enunciados como elementos que participam do todo composicional do gênero; (iii) compreender as noções que envolvem a cosmovisão carnavalesca na coroação-destronamento como um ritual ambivalente biunívoco nas produções meméticas; e, por fim, (iv) refletir sobre como essas manifestações populares, ao incorporarem ideias carnavalizadas, quebram as hierarquias sociais de poder da vida oficial.

A questão acima que motivou essa pesquisa foi respondida no decorrer das análises que mostraram a quebra de hierarquias sociais de poder a partir da encarnação de uma estética carnavalizada nas produções meméticas de teor político. Percebermos a existência das categorias da cosmovisão carnavalesca – o *livre contato familiar entre os homens*, a *excentricidade*, as *mésalliances carnavalescas* e a *profanação* – nos memes de internet de teor político; o que concebe uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (BAKHTIN, 2018).

Os memes de internet de teor político possuem, em sua estética carnavalesca, vínculo com a realidade oficial, propriedade que dá aval à carne, o que concede uma liberdade relativa aos sujeitos de fazerem uso, nesse caso, para colocarem na praça pública – redes sociais digitais – o desfile das produções, de formato *image macro*, dos diversos tipos de paródias, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos, através da crítica e/ou do deboche.

Esses memes, por nós considerados com autoria de instâncias distintas, permitem “libertar” vozes sociais, dando visibilidade ao que se deseja compartilhar. Essa sensação de liberdade fora dos padrões discursivos tem feito surgir vozes que tanto refutam como refratam esses enunciados, através do comportamento de violência discursiva, que é bem aparente nas publicações que envolvem a política.

Ao parodiar ou carnavalizar alguém ou determinada situação do “mundo oficial”, os memes buscam tirar a seriedade que o momento sociopolítico exige, transportando as pessoas ou situações carnavalizadas para o mundo da “não oficialidade”, o mundo virtual.

Os sujeitos participantes desses eventos comunicativos, certamente, dão voz aos seus lugares sociais através das redes e quebram discursos cristalizados através do riso e da ridicularização de personalidades “sérias” do mundo oficial e apresentam a manifestação popular que faz do riso satírico e debochado o porta-voz de seu grito de resistência, que se impõe na cultura contemporânea.

A despeito disso, observamos que o caminho percorrido pelo meme de internet de teor político faz dele um gênero que se utiliza da resignificação e da transgressão intencional de um enunciado situado, visando desenvolver relações dialógicas. Essas relações dialógicas são a base de sentido para a construção de recursos semióticos na dimensão verbo-visual do gênero, que envolve uma repetição temática, num processo de apropriação e recriação paródica.

É importante ressaltar que esses memes transitam num entrecruzamento de esferas discursivas: a de lazer/entretenimento e a política; sua propagação no meio digital considera as vozes sociais que ali surgem e sua autoria pode ser realizada por pessoas comuns, mas se realiza a partir de duas instâncias autorais distintas, pois partem de algo que já existe: uma imagem capturada por alguém, uma fala, um texto, uma música, etc.

Dado o exposto, estamos convencidos de que o meme é mais um processo do que um produto. Ao realizarmos uma discussão com o antecede (situações reais, enunciados falados por pessoas públicas etc.) e com o que dele sucede (interações com o meme, comentários, compartilhamentos etc.) também foi de fundamental relevância para compreendermos como e onde se tocam os milhares de fios discursivos existentes nas relações dialógicas que ocorrem nessas construções meméticas.

A propósito, volta à lembrança o Jano bifronte, que possuía duas faces voltadas para direções opostas. Nesse instante, olhamos para frente, para os outros dizeres que surgirão a partir daqui. Para as novas pesquisas, as refutações, as concordâncias e os não ditos aqui. Acerca disso, mencionamos os diversos vieses que deixaram de ser aqui mencionados; não por não serem importantes, mas porque é necessário estabelecer princípios limítrofes para o fazer acadêmico, tendo em vista dar conta do objeto pesquisado.

A despeito disso, apontamos, pelo menos, duas perspectivas que confirmam a inconclusibilidade deste trabalho; por isso, sempre aberto e inacabado. São elas:

1. Quando falamos de memes, sabemos que se trata de um campo muito vasto de produções dos diversos temas e formas. Ao realizarmos a coleta do objeto de estudo desta tese, priorizamos os memes pós-eleição presidencial de 2018, deixando outros momentos de lado: o período pré-eleitoral e o período durante a eleição. Sabemos que o “horário nobre virtual” também existe e este se dá no momento em que fatos

importantes ocorrem. Isso acaba gerando um alto número de buscas por determinada palavra-chave como é o caso da ferramenta do *Google Trends* ou da busca por “*Trend Topics*” do *Twitter*. Nesse sentido, pode ser realizada uma nova pesquisa utilizando o período da eleição de 2018 como a de 2022.

2. Como dissemos ao longo desta tese, a riqueza teórica trazida pelo chamado Círculo de Bakhtin é imensa e, de maneira nenhuma, se esgota nestas palavras ditas aqui. Muito pelo contrário. Esta foi apenas uma centelha do imenso oceano a ser mergulhado e explorado. Outra questão interessante que vale a pena pesquisar são as faces do realismo grotesco nos memes que se utilizam de uma linguagem de forma nada polida. Existem diversos memes de internet de teor político que trazem essa nuance.

Dessa forma, este “desfile” se despede, claro, inacabado, deixando essa “centelha de vida” na grande praça pública discursiva, ao mesmo tempo que convida outros carnavalescos que desejarem mergulhar nesse oceano ambivalente e biunívoco, a construir outros sambas-enredos em um novo desfile, pois “a cosmovisão carnavalesca também desconhece o ponto conclusivo, é hostil a qualquer *desfecho definitivo*: aqui todo fim é a apenas um novo começo, as imagens carnavalescas renascem a cada instante” (BAKHTIN, 2018, p. 191 [*grifos do autor*]).

Em síntese, reconhecemos aqui o nosso ato singular e intransferível no ser evento. Colocamos aqui a nossa assinatura com firma reconhecida, legitimando esse ato de resistência como uma posição valorativa permeada dos nossos tons emotivo-volitivos.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Andreia; CUNHA, Dóris Arruda. Uma proposta de análise dialógica das fake news que influenciaram as eleições 2018 para presidente do Brasil. *In: Estudos da linguagem em perspectiva: caminhos da interculturalidade*. Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2020, Porto de Galinhas. Recife: UFRPE, 2019. v. 1. p. 5312-5321.

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. *In: Brait, Beth (Org.). Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 17-43.

AMORIM, Marília. Apresentação. *In: SOBRAL, Adail. A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019, p. 9-14.

ARAGÃO, Verônica Palmira Salme de. Charge e cartum: uma perspectiva semiolinguística do discurso. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2008, Uberlândia. Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2975-3007.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996 [1965].

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini [et. al.]. 7. ed. São Paulo: Hucitec; 2014 [1975].

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018 [1963].

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020 [1986].

BAKHTIN, Mikhail; DUVAKIN, Viktor. **Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Trad. Benedito Gomes Bezerra [et. al.]. São Paulo: Parábola, 2013.

BERNARDI, Rosse Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: Beth Brait (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. 1. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 73-94.

BEZERRA, Benedito. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43–66 / Eng. 42, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: Beth Brait (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. 1. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-72.

BRAIT, Beth. Importância e necessidade da obra O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica. (Apresentação). In: MEDVIÉDEV, Pável Nicoláievich. **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019, p. 11-18.

BUBNOVA, Tatiana. **Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas**. Organização e tradução de notas: Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro e& João Editores, 2016.

BURGESS, Jean. “Toda sua chuva de chocolate está pertencida a nós?”: vídeos virais, YouTube e a dinâmica da cultura participativa. In: CHAGAS, Viktor. (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020, p. 127-138.

CAIADO, Roberta. **Novas tecnologias digitais da informação e comunicação e o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3900>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CAIADO, Roberta; FONTE, Renata F. L.; BARROS, Isabella B. R. Metodologias ativas e novas competências docentes: uma experiência de produção de textos imagéticos no meio digital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2682-2700, out./dez.2021. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.14043>

CAIADO, Roberta; LEFFA, V. J. A oralidade em tecnologia digital móvel: debate regrado via WhatsApp. **Hipertextus Revista Digital**, Recife, v. 16, n. 1, p. 109-133, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/hipertextus/article/view/247924>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CAVALCANTE, Francilene Leite. **O trabalho com a oralidade**: proposição, aplicação e análise de um debate regrado via whatsapp. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, 2016.

CAVALCANTE, Francilene Leite. As relações dialógicas nos memes: como a carnavalização e o riso contam a história política no Brasil de 2019. In: CAIADO, Roberta; LEFFA, Vilson. **Linguagem**: tecnologia e ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 236-259.

CAVALCANTE, Francilene Leite; CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da; CAIADO, Roberta Varginha Ramos. Uma abordagem da carnavalização em *memes* políticos. **Matraga**, v. 29, n. 55, p. 15-28, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/61345>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. In: **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 38, p. 173-196, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201738.173-196>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

CHAGAS, Viktor. Apresentação. In: CHAGAS, Viktor. (Org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Edufba, 2020a, p. 11-20.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). In: CHAGAS, Viktor. (Org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Edufba, 2020b, p. 23-78.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. In: CHAGAS, Viktor. (Org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Edufba, 2020c, p. 253-279.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CONTE, Rosaria. Memes through (social) minds. In: AUNGER, Robert (ed.). **Darwinizing culture**: the status of memetics as a science. Oxford University Press, 2000. p. 83-120.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Investigações, Linguística e Teoria Literária**, Vol. 25, p. 21-41, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/338/283>. Acesso em: 06 set. 2020.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícias. **Caledoscópio**, Vol. 11, n. 3, p. 241-249, set/dez 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.02/3761>. Acesso em: 06 set. 2020.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro. Linguagem, diálogo, ponto de vista, interpretação: uma leitura de artigos de opinião. In: BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C.; FRANCELINO, P. F. (Orgs.) **Linguagem e conhecimento: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 153-181.

DANUNG, Joakim; ATTAWAY, Lissa Holloway. All Your Media Are Belong To Us: An Analysis of the Cultural Connotations of the Internet Meme. **Literature, Culture and Digital Media**, 2008.

DAVISON, Patrick. A linguagem dos memes de internet (dez anos depois). In: CHAGAS, Viktor. (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020, p. 139-155.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2001.

DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. (Orgs.) **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e Ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

DIONISIO, Angela Paiva. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. DIONÍSIO, Ângela Paiva. (Org.). Recife: Pipa Comunicação, 2014.

DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19-42.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Bobók**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FRANCELINO, Pedro Farias. No(s) (des/re)encontro(s) das vozes, a construção dialógica da polêmica em enunciados de temática político-religiosa. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 16, n. 2, p. Port. 200–220 / Eng. 218, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48687>. Acesso em: 15 out. 2022.

FURTADO, Rossana Martins. **Os diálogos do cotidiano nas redes sociais**: a liquidez discursiva nos memes. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, 2019.

GARRETT, Filipe. **Crimes cibernéticos: entenda o que são e como denunciar**. TechTudo. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/08/crimes-ciberneticos-entenda-o-questao-e-como-denunciar.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & Joao Editores, 2012, p. 19-39.

GRILLO, Sheila. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 2, n. 27, 2009. DOI: 10.18309/anp.v2i27.149. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/149>. Acesso em: 15 out. 2022.

GRILLO, Sheila. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 14(2), p. 235-246, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/16271476/Bakhtinian_foundations_for_the_analysis_of_verbo_visual_enunciations_Fundamentos_bakhtinianos_para_a_análise_de_enunciados_verbo_visuais. Acesso em: 15 out. 2022.

GRILLO, Sheila. O retrato de Mikhail Bakhtin em sua mais recente biografia russa (2017). In: BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C.; FRANCELINO, P. F. (Orgs.) **Linguagem e conhecimento**: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev. Campinas: Pontes Editores, 2019a. p. 15-42.

GRILLO, Sheila. A obra em contexto: tradução, história e autoria. (Prefácio). In: MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019b, p. 19-38.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Valentín Nikoláievitch Volóchinov: Detalhes da vida e da obra encontrados em arquivos. **Alfa**, São Paulo, 2017. <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v61n2/0002-5216-alfa-61-02-0255.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentín Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 7-56.

HEYLIGHEN, Francis; CHIELENS, Klaas. Cultural Evolution and memetics. In: MEYERS, Robert A. (ed.). **Encyclopedia of complexity and system sciences**. Nova Iorque: Springer, 2009. Disponível em: <http://pespmc1.vub.ac.be/Papers/Memetics-Springer.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

IVANOVA, Irina. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução de Dóris de A. C. da Cunha; Heber O. Costa e Silva, **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 1, n. 6, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a15.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

JAKUBINSKIJ, Lev. **Sobre a fala dialogal**. Textos inéditos e apresentados por Irina Ivanova. Tradução Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana L. Cortez. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

JENKINS, Henry; et al. **If it doesn't spread, it's dead**. Massachusetts: Convergence Culture Consortium, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Memes online, afinidades e produção cultural (2007-2018) In: CHAGAS, Viktor. (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020, p. 85-125.

LUPINACCI, Ludmila. Até o Travolta ficou confuso: sobre a imprecisão conceitual dos memes de internet (e o que os GIFs têm a ver com isso). In: **Culturas midiáticas**. Ano X, n. 18 - jan-jun/2017. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MEDVIÉDEV, Iuri Pávlocich. Pável Nikoláievich Medviédev: nota biográfica. In: MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019a.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019b.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão/SP: Mantiqueira, 2003.

NUNES, Valfrido. **Análise de gênero no mundo do trabalho: os usos do memorando nas práticas profissionais do Instituto Federal de Pernambuco/Campus Recife nos séculos XX e XXI**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Maceió, 2017.

NUNES, Valfrido. O que define a morte de um gênero? In: MORAIS, E. P.; MELO JÚNIOR, J. N. B.; SANTOS, M. F. O. (Orgs.) **Nas ondas do texto e do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019a, p. 229-248.

NUNES, Valfrido. Gêneros multimodais em sala de aula: o trabalho com quadrinhos em turmas do ensino médio. **Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 67–75, 2019b. DOI: 10.20873/uft.23593652201962p67. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5543>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PAJEÚ, Hélio Márcio. **A estética da cultura popular na folia de Momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

RABELAIS, F. **Gargantua e Pantagruel**. Trad. Davi Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2017.

SAMPSON, T. D. **Virality: contagion theory in the age of networks**. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 2012.

SÉRIOT, Patrick. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.v

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SILVA, Joaciana Pessanha Barbosa da Silva. **Memes em perspectiva dialógica: uma análise bakhtiniana**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté – UNITAU, Taubaté/SP, 2017.

SILVA, Eudes Gomes. **Humor e argumentação em memes virtuais veiculados por redes sociais digitais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2019.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth, (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 11-36.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

TAY, Geniesa. Fichários cheios de LOLítica: humor político, memes de internet e brincadeira nas eleições presidenciais de 2012 nos Estados Unidos (e além). In: CHAGAS, Viktor. (Org.) **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 281-322.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TODOROV, Tzevetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. XIII-XXXII.

VOLÓCHINOV, Valentin Niloláievich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos, Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin Niloláievich. **Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin Niloláievich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1926] 2019.

WIGGINS, Bradley; BOWERS, G. Bret. Memes as genre: a structural analysis of the memescape. In: **New Media & Society**. Vol. 17(11), 2015. p. 1886-1906.